



vida pastoral

REVISTA BIMESTRAL PARA SACERDOTES E AGENTES DE PASTORAL



ÉTICA CRISTÃ DA SEXUALIDADE

Alteridade e narcisismo: incapacidade para o amor e sexo objeto — Inez Lemos – p. 3

Sexualidade e ética: Um olhar do psicólogo — Énio Brito Pinto – p. 6

Valores fundamentais da sexualidade humana — Maria Inês de Castro Millen – p. 12

Homossexualidade e ética cristã — Pe. José A. Trasferetti; Pe. Ronaldo Zacharias – p. 19

Casal, matrimônio e família na integração com a sociedade atual — Christiane Blank – p. 25

Casos de pedofilia na Igreja: retirando alguns véus — Énio Brito Pinto – p. 32

Compreendendo o problema da pedofilia em sua profundidade — Pe. João Batista Libanio, sj; Pe. Nilo Ribeiro Júnior, sj – p. 38

Roteiros homiléticos — Pe. José Luiz Gonzaga do Prado – p. 45

Caros leitores e leitoras,

Graça e Paz!

A vida é marcadamente dom de Deus. Talvez, ao longo da história, tenhamos falado muito do pecado original e esquecido a graça original. No princípio de tudo, antes de qualquer pecado, está a graça de Deus, que nos criou à sua imagem e semelhança e nos pôs no mundo em liberdade para construirmos nossa felicidade. Esse grande dom é simbolizado no mito adâmico: Deus pôs o ser humano no jardim das delícias não como marionete, mas como ser capaz de escolhas. O Deus que é alteridade e relação, uno e trinitário, quis viver a alteridade também na relação com suas criaturas e, ao criar Eva na hora do sono de Adão, apresenta-a como dom para ele e vice-versa, a fim de que pudesse também viver a alteridade.

A encarnação de Cristo plenifica a condição humana simbolizada no mito adâmico. Cristo é aquele que, esvaziando-se da condição divina, vem para o meio dos humanos e está aberto à relação com todos, sem tirar vantagens dessas relações, sem usar de sua condição para deleite individualista, mas agindo para a realização da humanidade. Para essa finalidade ele se doa totalmente, chegando a entregar seu corpo na última ceia como dom, “dado por vós”, como prefiguração de sua entrega na cruz.

Fundamentada nesses dois pontos-chave da história da salvação, a ética cristã da sexualidade orienta para um “querer ser” da sexualidade como acolhida do outro e doação a ele; para o respeito à alteridade; para a vivência do desejo que não retém o outro como objeto para um gozo egoísta, mas sabe que o outro deixa sempre uma sensação de incompletude, de não poderio sobre si, marca, deixa vazios, mas acolhe e se dá, comunica e recebe vida, partilha a intimidade. A sexualidade vivida nessa ótica é algo de muito belo que eleva a condição humana que

Cristo veio santificar. Santidade e castidade não são negação da condição humana visando uma sacralização artificial. O corpo e a sexualidade não são maus, mas dons de Deus para serem vividos como tais. No entanto, a sexualidade pode desqualificar-se por aspectos como: o uso dos outros como objeto de prazer; a negação da alteridade; a banalização; a busca de meras válvulas de escape das insatisfações do trabalho e da vida cotidiana; a obsessão; a exacerbação, que expressa a ansiedade decorrente da falta de um sentido perdido; enfim, por formas de vivência que, no fim das contas, produzem infelicidade e frustração ao invés da tão sonhada felicidade.

Quanto a esse assunto, muito se tem discutido sobre “rigorismos” da Igreja; sobre a insistência em normas consideradas absolutas; sobre a pouca atenção ao senso geral dos fiéis (sensus fidelium) e a sensibilidades éticas atuais. É fundamental distinguir entre o seguimento radical no caminho proposto por Cristo e interpretações rigoristas e acolher as novas questões em atitude de humildade dialogal, com atenção aos sinais dos tempos, iluminados pelo Espírito. Não podemos nos apresentar como juízes, impondo preceitos e contínuas condenações. Mensagens que não se põem em atitude dialogal podem ser desconsideradas pelos receptores e tornar-se inócuas. O enorme destaque dado a escândalos sexuais envolvendo membros do clero é, em parte, composto de reações que ironizam posturas moralistas rígidas, as quais, no fundo, também foram um fator a favorecer o desequilíbrio em vez do tão amadurecimento. Que esses problemas não nos levem a um enrijecimento ainda maior, mas nos ajudem a promover a humildade dialogal diante das dificuldades existentes nesse campo.

Pe. Jakson Ferreira de Alencar, ssp
Editor

Editora PIA SOCIEDADE DE SÃO PAULO

Diretor Pe. Zolferino Tonon

Editor Pe. Jakson F. de Alencar – MTB MG08279JP

Equipe de redação Pe. Zolferino Tonon, Pe. Darci Luiz Marin, Pe. Valdêz Dall'Agnese, Pe. Paulo Bazaglia, Pe. Jakson F. de Alencar, Pe. Manoel Quinta

Editoração PAULUS

ASSINATURAS assinaturas@paulus.com.br
(11) 3789.4000 • FAX: 3789.4004
Cx. Postal 2534 • CEP 01060-970 • São Paulo/SP

Redação © PAULUS - São Paulo (Brasil) • ISSN 0507-7184
vidapastoral@paulus.com.br

12570-000 - APARECIDA/SP

Centro de Apoio aos Romeiros - Lojas 44,45,78,79
T.: (12) 3104.1145 • aparecida@paulus.com.br

49010-000 - ARACAJU/SE

Rua Laranjeiras, 319 • T.: (79) 3211.2927
aracaju@paulus.com.br

66019-100 - BELÉM/PA

Rua 28 de setembro, 61 - Campina • T.: (91) 3212.1195
belem@paulus.com.br

30160-906 - BELO HORIZONTE/MG

Rua da Bahia, 1136 - Ed. Arcângelo Maleta
T.: (31) 3274.3299 • bh@paulus.com.br

70304-900 - BRASÍLIA/DF

SCS - Q.1 - Bloco I - Edifício Central - Loja 15 - Asa Sul
T.: (61) 3225.9847 • brasilia@paulus.com.br

13015-002 - CAMPINAS/SP

Rua Barão de Jaguara, 1163 • T.: (19) 3231.5866
campinas@paulus.com.br

79002-205 - CAMPO GRANDE/MS

Av. Calógeras, 2405 - Centro • T.: (67) 3382.3251
campogrande@paulus.com.br

95010-005 - CAXIAS DO SUL/RS

Av. Júlio de Castilho, 2029 • T.: (54) 3221.7797
caxias@paulus.com.br

78005-420 - CUIABÁ/MT

Rua Antônio Maria Coelho, 180 • T.: (65) 3623.0207
cuiaba@paulus.com.br

80010-030 - CURITIBA/PR

Pça. Rui Barbosa, 599 • T.: (41) 3223.6652
curitiba@paulus.com.br

88010-030 - FLORIANÓPOLIS/SC

Rua Jerônimo Coelho, 119 • T.: (48) 3223.6567
florianopolis@paulus.com.br

60025-130 - FORTALEZA/CE

Rua Floriano Peixoto, 523 • T.: (85) 3252.4201
fortaleza@paulus.com.br

74023-030 - GOIÂNIA/GO

Rua Seis, 201 - Centro • T.: (62) 3223.6860
goiania@paulus.com.br

58010-670 - JOÃO PESSOA/PB

Praça Dom Adauto, S/N - Junto à Cúria - Centro
T.: (83) 3221.5108 • joaopessoa@paulus.com.br

36016-311 - JUIZ DE FORA/MG

Av. Barão do Rio Branco, 2590 • T.: (32) 3215.2160
juizdefora@paulus.com.br

69010-210 - MANAUS/AM

Rua Itamaracá, nº 21, Centro • T.: (92) 3622.7110
manaus@paulus.com.br

59025-260 - NATAL/RN

Rua Cel. Cascudo, 333 - Cidade Alta • T.: (84) 3211.7514
natal@paulus.com.br

90010-090 - PORTO ALEGRE/RS

Rua Dr. José Montaury, 155 - Centro • T.: (51) 3227.7313
portoalegre@paulus.com.br

50020-000 - RECIFE/PE

Av. Dantas Barreto, 1000 B • T.: (81) 3224.9637
recife@paulus.com.br

14015-040 - RIBEIRÃO PRETO/SP

Rua São Sebastião, 621 • T.: (16) 3610.9203
ribeirao-preto@paulus.com.br

20031-145 - RIO DE JANEIRO/RJ

Rua México, 111-B • T.: (21) 2240.1303
riodejaneiro@paulus.com.br

40060-001 - SALVADOR/BA

Av. 7 de Setembro, 80 - Rel. de S. Pedro • T.: (71) 3321.4446
salvador@paulus.com.br

09015-200 - SANTO ANDRÉ/SP

Rua Campos Sales, 255 • T.: (11) 4992.0623
stoandre@paulus.com.br

65020-450 - SÃO LUÍS/MA

Rua da Paz, 121 - Centro • T.: (98) 3231.2665
sao-luis@paulus.com.br

15015-110 - SÃO JOSÉ DO RIO PRETO/SP

Rua XV de Novembro, 2826 • T.: (17) 3233.5188
riopreto@paulus.com.br

29010-120 - VITÓRIA/ES

Rua Duque de Caxias, 121 • T.: (27) 3323.0116
vitoria@paulus.com.br

PAULUS EM SÃO PAULO

01001-001 - PRAÇA DA SÉ

Praça da Sé, 180 • T.: (11) 3105.0030
praca-sa@paulus.com.br

05576-200 - RAPOSO TAVARES

Via Raposo Tavares, Km 18,5 • T.: (11) 3789.4005
raposo-tavares@paulus.com.br

01060-970 - ASSINATURAS / DISTRIBUIÇÃO

Via Raposo Tavares, Km 18,5
caixa postal 2534 • São Paulo/SP
T.: (11) 3789.4000 • Fax: 3789.4004 • assinaturas@paulus.com.br

04117-040 - VILA MARIANA

Rua Dr. Pinto Ferraz, 207 - Metrô Vila Mariana
T.: (11) 5549.1582 • vila-mariana@paulus.com.br

ALTERIDADE E NARCISISMO: INCAPACIDADE PARA O AMOR E SEXO OBJETO

Inez Lemos*

Desconfio da modernidade. Desconfio da animação entediada dos jovens. Desconfio do progresso e do sexo cibernético. Desse amor sem dor. O poema de Drummond “O amor bate na aorta” me faz sentir saudade das loucuras do amor, quando por ele pulávamos o muro, subíamos nas árvores e nos “estrepávamos”. Amar é quase sempre nos “estrepar”, abrir feridas que às vezes não saram nunca, às vezes saram amanhã. Por que escrever sobre o amor na atualidade? O que ele tem de errado? A pretensão não é julgar se o amor hoje é melhor que o de outrora, mas refletir sobre os dados do Núcleo de Sexualidade da Universidade de São Paulo, quando aponta que 58,6% dos rapazes se queixam de ejaculação precoce e problemas de ereção e 58,7% das garotas reclamam da falta de orgasmo.

O que esses números revelam é a existência de um ruído nas relações afetivas contemporâneas, que merece ser mais bem investigado. Ao indagar sobre a qualidade das relações, parto do pressuposto de que a questão é política. Qual a conexão entre afeto e mercado? Como os jovens estão vivenciando a sexualidade? Os encontros e os amores ainda possibilitam a realização pessoal? Num encontro, não estariam em busca de ilusões e sonhos? Quais significantes fazem parte dos encontros hoje? A questão é fazer sexo ou ser feliz no exercício da sexualidade? Sexo, apenas, não precisa de reflexão, e talvez isso seja a fonte dos ruídos apontados acima. Se, em tempos pós-modernos, seria demais exigir sexo com amor, transcendência e poesia, então vamos falar de sexo com gosto de felicidade, aquele que nos faz sentir melhor do que somos.

A insatisfação sexual dos jovens não estaria relacionada à pressão pelo prazer imediato sem intimidades? Sexo *fast-food*? O mundo taylorista, ao otimizar o tempo e racionalizar o trabalho, acabou estendendo a lógica industrial às relações. O pecado não foi ter levado a sério o discurso capitalista, esquecendo que o amor é custoso, moroso? Quando duas pessoas partem para um encontro, elas vão com tudo, com seus atavismos e insígnias fundadoras. Até para o amor o sujeito tem de estar inscrito numa ordem fálica. O que significa que ele, embora sendo sujeito do seu desejo, circula também no desejo do outro.

Alteridade e narcisismo, assim oscila a lei do amor, que é diferente da lei do mercado. O amor do poeta, “sem eira nem beira”, é o que “vira o mundo de cabeça para baixo”, “suspende as saias das mulheres” e as “deixa constipadas”. Constipar hoje é participar da banalização do sexo. “Como eu posso ficar tranquilo se as garotas topam a parada? Eu tenho que aproveitar, ou melhor, eu tenho que transar com todas que topam.” A fala de S. revela a ansiedade do jovem diante da nova ordem sexual. Não seria a ânsia responsável pela ejaculação precoce? As relações sexuais em série tiram o encantamento dos encontros e nos deixam sem entusiasmo para enfrentar suas imperfeições.

O mercado proíbe as relações profundas, e não o sexo. Viver em sociedade pressupõe pactos sociais. Significa que, para funcionar, para que os interesses da minoria que detém o poder

* Psicanalista e consultora em educação; autora de *Pedagogia do Consumo*.

prevaleçam, os da maioria têm de ser sacrificados. Para tanto, desenvolvem-se mecanismos de controle sobre o outro, para que ele não faça o que muitos gostariam de fazer. Junto à repressão, vem o mal-estar, a insatisfação, pois é algo do sujeito que foi apagado e desconsiderado. Assim começam as histórias de insatisfações. Quanto menos existe de nós em nossas escolhas, mais frustração há em nossos atos. O ato sexual deve dizer do sujeito.

O mercado não deve fazer parte dessa parceria. Deixemos as exigências capitalistas de fora. Para o exercício da sexualidade, devem ser levados o ser integral e os sonhos de felicidade, mesmo que esses nunca se cumpram. Sexualidade é antiperformance. Ser menos neurótico é saber lidar com a incompletude da vida. E saber amar é aceitar o outro como faltoso, imperfeito. Nas relações do amor possível e incompleto, a perfeição não entra. Para facilitar a relação, o melhor é quando os dois se despem sabendo de suas faltas. Deixem as máscaras cair e assumam as falhas da sexualidade humana.

Amor, paixão ou atração? Não existe significante que dê conta de nomear esses sentimentos. Eles são inomináveis. E, sendo o desejo amoral e sem ideologias, acredito que o desencontro amoroso que marca nossa era passa mais por questões que tentam operar os sentimentos, coisificando-os. Qual a nova ordem amorosa? O constrangedor não é falar de sexo, mas de desejo, pois desejar o outro pode representar uma contravenção em sociedade, cuja ordem sexual é regulamentada por um discurso que dessexualiza o desejo e o transforma em demanda.

Devemos consumir uns aos outros num moto-contínuo? O sexo/objeto está disponível em qualquer esquina. No “cabaré” da sexualidade de hoje, já não existe a esquina do pecado. O pecado é não querer fazer parte do cabaré. Se o amor romântico era incentivado, hoje é a banalidade dos corpos. O binômio matrimônio/patrimônio foi substituído por corpo/mercado-ria. A tradição que se originou na família, no Estado e na propriedade privada se desloca e reifica os sentimentos.

Ao tratar o desejo como coisa, sufocamos qualquer produção afetiva que esteja fora da determinação do mercado. Como reinventar uma nova relação que fuja dos padrões impostos pela sociedade de consumo? Será que o

outro é visto como um sujeito de desejo e de escolhas, com sentimentos e fantasias, ou o seu corpo entra numa relação apenas para operar uma função?

Ao operarmos uma fratura no desejo e na significação das relações, criamos outra forma de prazer para o sujeito e nova relação com o outro. Nesse novo encontro amoroso, o sujeito é envolvido por uma mística que se materializa nos objetos, e não mais na substância e na interioridade do parceiro. O sujeito-escravo do mundo atual é executor do desejo de outro senhor, o capital. Isso envolve mudanças no sentido e na organização das escolhas. Como posso desejar uma mulher que não se pareça com Deborah Secco?

A recusa da subjetividade, a recusa do sujeito em operar ele mesmo suas escolhas, produz a tirania. Ele passa a querer destruir no outro o que não pode admitir nele. Essa recusa torna o sujeito disponível para a infelicidade, para a doença, para a droga ou para atos perversos. Nossa sociedade vende um ideal de liberdade falso, irresponsável. Liberdade é um dos ideais mais difíceis da modernidade, pois exige autonomia e responsabilidade diante do desejo. Liberdade é algo construído internamente, num processo lento, que exige coragem moral. Não é sair por aí se dispondo a tudo o que aparece pela frente. Isso é amoral. Sexo feliz exige saber dizer sim ou não para um encontro. Exige responsabilidade diante do destino que damos às nossas pulsões.

O neurótico moderno não quer se haver com o seu desejo. Ele prefere adotar o desejo instituído pela civilização. Em vez de assumir sua singularidade, ele se situa como mais um do sistema. Ficar fora da massa, do mercado, sentindo-se o outro, o diferente, é da ordem do insuportável. Ao circular fora de seu desejo, o sujeito abre espaço para uma trajetória de buscas intermináveis, de desencontros e desamores. Sexo programado é sem graça e sem caldo. Seco e desidratado. O que hidrata a alma é a capacidade de reinventar a si e aos encontros. No banquete do amor socrático, para ser bom, o amor tem de ser belo. E a sabedoria é uma das coisas mais belas. Pessoas vazias, sexo vazio.

Um encontro ensolarado: que desafio ao tédio das metrópoles! Uma parceria exige mais que *shopping centers*. Ao desnudar os encon-

etros de seus potenciais oníricos, ficamos apenas com o duro real do sexo. Se o sexo é da ordem do real, ele escapa à captura dos sentidos, das palavras. Devemos respeitar a dimensão mítica dos corpos que se atraem. A sedução está na busca incessante de si. Do eu no outro. Don Juan não tem memória. A memória passa pela alteridade, pelo outro. Busca-se, no encontro amoroso, a possibilidade de apaziguamento, de fugir do incêndio interno. O vínculo se faz na alegria e na dor dos encontros, e com eles tecemos histórias. O “donjuanismo”, ao tentar atender ao desejo das mulheres e realizar-se nesse desejo, apenas cumpre seus fins inconscientes para manter seu equilíbrio narcísico. A ideia é disseminar entre os indivíduos uma descrença no encontro prazeroso.

A mídia institui o sujeito submisso, apagado e entediado. O “assujeitado” é também o sujeito do excesso. Aquele que se deprime na ausência de falta. O que tem tudo, faltando-lhe apenas desejo para desfrutar do tudo que o cerca. A crença no amor perfeito, no prazer absoluto, é fraude. Mas desacreditar ser possível construir relações sexuais e afetivas duradouras é perigoso. “Amar é dar o que não se tem”, assim Lacan testemunha a irresponsabilidade dos amantes, ao prometerem aquilo que nenhum de nós pode dar, quando está amando.

No amor, ninguém pode garantir nada, somos apenas uma possibilidade. O medo do fracasso é o grande responsável pela insatisfação humana. A concha da intimidade, quando duas pessoas se dispõem a se abrirem uma para a outra, é um bom lugar para explorar os caminhos que podem levar ao sexo e à felicidade. Senão, são apenas dois corpos em exercícios eróticos. Talvez a vida esteja chata porque não estamos sabendo ser felizes na vivência da sexualidade.

VIDA PASTORAL

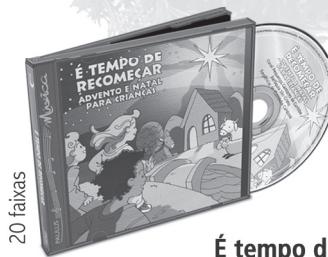
Disponível também na internet,
em formato pdf.
www.paulus.com.br
www.paulinos.org.br

*Anime ainda mais
as festividades
natalinas com os
CDs da PAULUS!*



**Natal instrumental
em solos de viola**

Conhecidas melodias natalinas estão presentes neste CD, gravadas ao som de um dos instrumentos mais característicos do nosso Brasil: a viola.



**É tempo de recomeçar
Advento e Natal para crianças**

Coral Pequenos Cantores de Curitiba

Este trabalho comove os ouvidos de quem busca paz e esperança. *A luz vai brilhar* e *É tempo de graça* são apenas algumas melodias que deixarão seu Natal ainda mais feliz.



**Deus menino
Canções de Natal**
Gê Lara & Lemão

A estética dos festejos populares é a marca registrada deste CD, caracterizado pelo som das cordas, violões e tambores que vêm alegrar o Natal.

Vendas: (11) 3789-4000

SAC: (11) 3789-4119

Visite nossa loja virtual
paulus.com.br



SEXUALIDADE E ÉTICA: UM OLHAR DO PSICÓLOGO

Ênio Brito Pinto*

A questão que conduz este artigo diz respeito a *como* estamos vivendo a sexualidade em nossa cultura hoje. *Como* estamos fazendo nossas escolhas no campo da sexualidade? Quais valores nos norteiam hoje em dia? *Como* se estabelecem alguns valores fundamentais para nossa cultura e para cada um de nós?

Pôr a ênfase no *como* é fundamental para não perder de vista os progressos – tantos! – obtidos, especialmente após a segunda metade do século XX. Progressos materiais e progressos relacionais, mais os primeiros que os segundos. Vou comentar brevemente os progressos materiais que temos conseguido; depois, vou focalizar os progressos relacionais, pois me parece que, embora nesse aspecto haja significativas evoluções nas últimas décadas, paradoxalmente é aí que mais o ser humano precisa evoluir.

Como exemplo dos progressos que temos alcançado, podemos citar as mudanças na expectativa de vida das pessoas no Brasil: em 1960, a expectativa de vida era de 54,6 anos; hoje ela está em 72,3 anos. Espera-se que, em 2030, os brasileiros vivam em média mais de 80 anos. Apontam-se duas causas mais marcantes para esse progresso: a melhora das condições alimentares e sanitárias e os avanços da medicina. Mais do que um aumento do tempo de vida, temos conseguido evoluções no que diz respeito à qualidade de vida, especificamente quanto aos confortos.

Não há só progressos a comemorar: além do que ainda não alcançamos, existem os efeitos não intencionais dos progressos obtidos, os quais acabam por gerar retrocessos e dores. Êxodo rural, problemas de moradia e trânsito nas grandes cidades, devastação de florestas, efeito estufa, poluição, drogas, má distribuição de renda e de

oportunidades, entre tantos, ainda são problemas materiais a serem mais bem enfrentados.

Todos esses progressos trazem mudanças, propõem novos horizontes e demandam novas posturas éticas, gerando importantes discussões. Quanto mais progredimos materialmente, mais estamos desafiados a rever nossas relações com nós mesmos, com os outros, com o ambiente, com o mundo, até com o sagrado.

Além daqueles efeitos não intencionais, as conquistas materiais que a humanidade vem conseguindo têm repercussões no jeito de viver, nas relações que cada um de nós tem consigo mesmo e com os outros. À medida que uma cultura progride materialmente, esse progresso provoca a queda de alguns valores e exige o surgimento de novos valores. Esse processo, em geral lento, nem sempre é retilíneo e muito raramente é tranquilo. Passamos por um desses momentos de transição. Há uma série de valores que já não nos servem, mas ainda não desenvolvemos novos valores que acalmem nossos corações. Vivemos, por assim dizer, uma crise de valores. Somos em parte conservadores e em parte inovadores e temos, a todo momento, nossa coerência desafiada. São tempos difíceis estes nossos! Difíceis sobretudo porque hoje a ninguém escapa a constatação de que inevitavelmente escolhemos. Mesmo as pessoas que

* Psicólogo graduado pela PUC-RJ e psicopedagogo pela Unip, além de mestre e doutor em Ciências da Religião pela PUC-SP. Autor dos livros *Orientação sexual na escola – a importância da psicopedagogia nessa nova realidade e Sexualidade – um bate-papo com o psicólogo*. Professor da UniFMU, no curso de Musicoterapia, e dos cursos de Educação e Terapia Sexual da Faculdade de Medicina do ABC.

escolhem obedecer sabem que estão escolhendo e que poderiam escolher diferente. Essa noção indica que um de nossos valores mais importantes é a liberdade.

Ao olharmos a história da humanidade, verificamos que o nascimento da sociedade capitalista trouxe grande mudança no posicionamento humano diante do mundo e da vida: antes do capitalismo, havia certa predeterminação à espera do ser humano quando ele nascesse; ou seja, nas comunidades anteriores ao capitalismo, a pessoa já nascia com um lugar social determinado e com um destino de certa forma já traçado, de modo que, por exemplo, quem nascesse camponês, camponês morreria. Com o advento do capitalismo, o ser humano já não está inserido de maneira natural e imutável numa situação social. Pelo menos em tese, ele já pode escolher seu lugar no mundo, já pode escolher seus valores, o que acabou por enfraquecer uma ética baseada nos costumes, na repetição, de geração a geração, dos valores e comportamentos. Dessa maneira, a “liberdade”, enquanto categoria ética, acaba por viver um crescimento perante os outros valores, substituindo, de certa forma, a antiga busca da felicidade como valor supremo. Se antes a liberdade sequer era pensada como valor, agora a felicidade depende da liberdade e de sua consequente – e, às vezes, angustiante – possibilidade de escolher (cf. Heller, 1985).

Nossas escolhas são feitas em um ambiente, em uma cultura. Essa cultura configura a maneira pela qual fazemos nossas escolhas pela vida afora; configura até mesmo a maneira pela qual escolhemos nossos valores. Assim como uma cultura muda em consequência de suas conquistas, mudam também as pessoas nela inseridas e mudam os valores dessas pessoas e da cultura. Cada novo saber nos põe diante da obrigatoriedade de escolher. Nossas escolhas não são feitas *apesar* da cultura em que vivemos, mas *na* cultura em que vivemos, concordemos com ela ou não. E cada cultura também faz suas escolhas e privilegia determinados jeitos de ser.

Do ponto de vista da psicologia fenomenológica, cada cultura, em cada época, tem uma personalidade típica, um jeito de ser que vai ao encontro da ideologia que sustenta a cultura, compondo uma personalidade sua. Essa personalidade da cultura se torna tão poderosa, que

acaba por se tornar o ideal de grande parte das pessoas, num movimento circular, retroalimentador, em que a cultura alimenta o indivíduo, o qual, por sua vez, alimenta a cultura. Ninguém está imune a isso, ninguém sobrevive se não se ajustar ao ideal cultural. Esse ajustamento se dá de acordo com as peculiaridades e a força de cada pessoa, de tal maneira que uns se ajustam mais que outros e a cultura premia mais uns que outros. De modo geral, os mais frágeis emocionalmente se adaptam melhor à cultura.

Com isso, não quero dizer que uns são mais felizes ou mais realizados do que outros por causa dos ideais culturais. A adesão ou a não adesão a esses ideais não são medida de realização ou de felicidade. A medida é o quanto de si a pessoa tem de ceder nesse processo de ajustamento, de modo que cada um de nós é mais feliz ou realizado à medida que é mais consciente e autêntico consigo mesmo, independentemente do reconhecimento cultural. É a possibilidade de, levando os outros em consideração, orientar-se por si mesma que dá o grau de realização ou de felicidade para cada pessoa.

Essa auto-orientação não se dá, como já disse, independentemente da cultura: fazemos nossas escolhas na cultura em que vivemos. Hoje a cultura ocidental, na qual o Brasil se inclui, pode ser caracterizada como uma cultura narcisista. Por conseguinte, o indivíduo privilegiado por ela é a pessoa narcisista. Grande parte dos problemas que enfrentamos hoje tem estreita correlação com o nosso narcisismo cultural, que configura como vivemos atualmente.

Para delimitarmos o narcisismo nosso de cada dia, lembramos que todos nós temos em nossa personalidade – e precisamos ter – certa dose de narcisismo. Quando bem dosado, podemos dizer que, *grosso modo*, o narcisismo é o amor-próprio. O problema começa quando esse narcisismo começa a ficar exagerado, porque aí gera prejuízos, sofrimentos e dores.

Quando falamos em narcisismo, estamos nos referindo ao mito grego segundo o qual Narciso, depois de rejeitar tantos quantos tentassem aproximar-se sensualmente dele, acaba por apaixonar-se pela própria imagem refletida em um lago cristalino. Esse mito descreve um jovem tão vaidoso, mas tão vaidoso, que não é capaz de amar a ninguém além de si mesmo. Desse exagero da vaidade é que surge, na psico-

logia, o termo narcisismo, próprio para designar um jeito de ser cuja característica principal é um exagerado apreço pela própria imagem, a exemplo de Narciso.

De maneira sucinta, podemos descrever um indivíduo narcisista segundo algumas características: a) preocupa-se mais em aparecer que em ser; b) tem imensas dificuldades com a proximidade, ou seja, teme a intimidade e o compromisso amoroso; c) tem extrema sensibilidade a críticas, pois percebe toda crítica como ameaça pessoal; d) tem dificuldade de lidar com os aspectos simbólicos da vida; e) é egocêntrico, com dificuldade de desenvolver empatia com os outros; f) orgulha-se de não precisar dos outros ou imagina-se como não influenciável; g) é extremamente competitivo; h) tem grande dificuldade para lidar com os aspectos femininos da existência; i) trata-se como um objeto e faz o mesmo com os outros; j) tem dificuldades de lidar com o tempo e com o envelhecimento; k) é francamente hedonista; l) tem imenso potencial, mas teme realizá-lo, de modo que, enquanto não o realiza, a profundidade é trocada pela ostentação (cf. Schwartz-Salant, 1995). Essa relação de características diz respeito ao indivíduo adulto; ela só demarcaria o narcisismo de um adolescente se muito exacerbadas.

A cultura ocidental pode ser entendida como uma sociedade narcísica porque tem características típicas do narcisismo e principalmente porque exige que cada membro, para ser aceito, se comporte segundo os parâmetros acima listados. Ou, nas palavras de Lasch (1983), a sociedade narcísica é aquela “que dá crescente proeminência e encorajamento a traços narcisistas”.

Por causa do pouco espaço, vou destacar, dessa lista de traços narcisistas, quatro características: a relação com o tempo, o hedonismo, a relação com o corpo e a dificuldade com a empatia.

O tempo narcísico é um tempo de imediatismo e de hedonismo. *Fast food!* Compre hoje, aproveite já e só comece a pagar daqui a dois meses. Cursos superiores em menos de dois anos, viagens a jato, trens-bala, carros supervelozes, responsabilidades precoces, “a vida é uma correria”. Vivemos como se o tempo constituísse algo que nos foi dado e tem de ser aproveitado ao máximo, antes de seu esgotamento. Mas ele não é somente algo dado ou pelo qual simplesmente passamos! É

uma construção humana. Para o ser humano, o tempo mais importante é o tempo vivido, não o tempo cronológico. No tempo vivido, uma vida pode passar depressa demais; ou, ao contrário, uma hora, às vezes, dura um século. Então, se o tempo humano é o tempo vivido, como é o tempo narcísico?

O tempo vivido narcísico é imediatista. Tudo tem de ser para aqui e agora. Conceitos como paciência, espera, conquista paulatina, construção ao longo do tempo e outros semelhantes já não nos servem. Aquela velha passagem da Bíblia que diz que tudo tem seu tempo foi deixada de lado. O tempo é agora! Imediatamente! Como isso repercute nas relações amorosas? Elas também se tornam rápidas. E, porque rápidas, tendem a ser mais e mais superficiais. Essa escolha pela rapidez, essa preferência pelo vertiginoso têm nítida conotação ética e importantes consequências na vivência da sexualidade.

O tempo de cada pessoa é construído e vivido com base no tempo biológico e no tempo cultural. O tempo biológico nos lembra que envelhecemos a cada segundo e caminhamos para a morte; o tempo cultural nos grita a plenos pulmões que devemos permanecer jovens, que a beleza é essencialmente juvenil e a morte deve ser negada ou, pelo menos, banalizada. E nenhum de nós escapa, hoje, desse conflito, pois cada um de nós vive o tempo, mas não o determina.

Pulando rapidamente de assunto, tratemos agora daquele que é um dos mandamentos mais fortes da cultura narcisista: o hedonismo. Entendo aqui o hedonismo como uma ideologia que defende ser o prazer o bem supremo, a finalidade e o fundamento da vida; ou seja, a ideologia hedonista sustenta que se deve ter o maior prazer possível a cada momento, com pouca atenção às consequências de cada ato, pouco importa de onde venha esse prazer. A vida abundantemente vivida é confundida com a vida inconscientemente vivida.

O prazer é importante e mesmo fundamental na vida. Ele não é a finalidade da vida. É meio, um dos melhores meios, mas não o único. A finalidade da vida são as relações, é o desenvolvimento máximo dos potenciais de cada pessoa em sua relação com as outras e com o mundo. Quando uma cultura erige como máxima suprema “apenas goze a vida”, há um vazio nela.

Porque, se a vida é gozo, é também, talvez até principalmente, a difícil assimilação das muitas frustrações a que estamos sujeitos desde que nascemos. Em nossa cultura, a maneira mais comum de o hedonismo se manifestar, especialmente entre os mais jovens, é no constante fazer. É preciso ação, movimento, agitação para que uma pessoa se sinta viva. A superestimulação é desumanização e logo se torna compulsão. Quando a quantidade de experiências sexuais é mais importante que sua qualidade, o resultado acaba sendo ansiedade e depressão, não vitalidade.

Agitar-se prazerosamente é bom e saudável, desde que não se perca a capacidade de aquietar-se e contemplar as estrelas. Cada coisa na sua hora. A vitalidade, a vida em abundância, vem do ritmo entre ação e contemplação, entre agitação e quietude, entre pensar e sentir, entre ser e fazer. Na nossa cultura hedonista, a hora da quietude é sempre adiada em prol do máximo proveito do prazer advindo da ação. A ação excessiva se torna ação compulsiva, de maneira que a pessoa acaba como que dominada pelos sentidos, reduzindo sua capacidade de reflexão, reduzindo sua capacidade de cuidar-se, também sexualmente.

Outra questão delicada, quando pensamos sobre sexualidade e narcisismo, é o corpo. É no cuidado com o corpo que encontramos os maiores problemas com a ideologia narcísica, especialmente no caso dos mais jovens.

Uma primeira coisa que nos chama a atenção quando estamos diante de um indivíduo narcisista é a sua imensa dificuldade em sentir e perceber emoções. O contato do narcisista com os sentimentos é extremamente deficiente, embora o contato com as sensações seja intensificado. O indivíduo narcisista exagera os sentimentos em busca da sensação de estar vivo: em vez da coragem, vive temeridade; em vez do medo, pânico; no lugar da tristeza, depressão; em vez da alegria, euforia; no lugar da raiva, competitividade; em vez de amor, manipulação e culpa.

Isso só pode ser feito se a pessoa considerar seu corpo, fonte dos sentimentos, como um objeto. O narcisista lida com o corpo como se fosse um objeto a serviço do ego, algo a ser usado, e não vivido. O corpo passa a ser algo que se tem, em vez de algo que se é. A maneira pela qual o narcisista lida com seu corpo vai

Evangelização Cenários Contemporâneos: Interpelações e Perspectivas

Pós-graduação *lato sensu*

Objetivos

Refletir, de maneira sistemática, sobre a prática evangelizadora, no contexto da tradição pós-conciliar latino-americana, na perspectiva evangélico-franciscana, ecumênica e inter-religiosa.

Favorecer a compreensão dos cenários contemporâneos como desafios, interpelações e possibilidades para a evangelização.

Qualificar as práticas evangelizadoras, em vista de uma específica contribuição eclesial

Metodologia

O curso adota uma metodologia transdisciplinar e interativa, integrando teoria e prática.

São oferecidos instrumentos para compreender a realidade atual, avaliar práticas evangelizadoras ou missionárias e discernir itinerários alternativos.

Duração

Março a outubro de 2011

Inscrições até 31 de janeiro de 2011



INSTITUTO TEOLÓGICO
FRANCISCANO
FACULDADE DE TEOLOGIA
PETRÓPOLIS - RJ

Rua Cel. Veiga, 550 - Petrópolis, RJ
Fone: (24) 2243-9959

www.itf.org.br - secretaria@itf.org.br

determinar diretamente a maneira pela qual ele lidará com sua sexualidade. O sexo passa a ser performance, meio de impressionar o parceiro ou a parceira, de sorte que o indivíduo narcisista se torna uma pessoa capaz de fazer sexo, mas incapaz de fazer amor.

O corpo, aparentemente bem cuidado, atraente ao olhar, não mostra os olhos durante a relação sexual. Aliás, não mostra os olhos, as “janelas da alma”, em nenhuma relação. A relação íntima, face a face, é muito penosa para a pessoa narcisista. Ela prefere comer vendo TV, conversar vendo TV, isolar-se vendo TV, como bem salienta Mário Quintana quando diz: “os que olham a tevê vivem eternamente de perfil, separados uns dos outros...”.

O olhar é a janela por onde os sentimentos podem aparecer, uma janela fechada pelo narcisista. É também a janela por onde passam a espontaneidade, a empatia e a solidariedade, o que significa que o narcisista não é capaz de vivenciar plenamente essas formas de ligação com o outro. As barreiras ante a espontaneidade, a empatia e a solidariedade, bem como a exagerada atenção ao desempenho, são marcas de nossa cultura.

Uma das mais importantes barreiras à empatia e à solidariedade é certa falta de atenção para com os pequenos gestos, para com as pequenas atitudes. Uma ampliação da conscientização sobre a importância da empatia e da solidariedade só poderá ser verdadeiramente obtida se vinculada ao cotidiano das pessoas, ao dia a dia das pequenas atitudes e posturas, ao concreto da existência de cada pessoa. Caso contrário, a solidariedade nunca deixará de ser algo especial para ser feito em momentos especiais. O que quero dizer é que devemos banalizar a solidariedade, torná-la algo comum em nosso dia a dia. Isso poderá ser alcançado se for iniciado pelos mais próximos, se voltar-se, a princípio, para aqueles que nos são iguais socialmente ou próximos afetivamente.

Não é verdade que a solidariedade para com os mais próximos seja inevitável ou suficientemente existente – a não ser em momentos extremos. Momentos extremos, entretanto, não são parte do cotidiano e são raros o bastante para podermos olhar com maior atenção para a possibilidade da solidariedade nos outros momentos, aqueles do dia a dia, aqueles nos quais até parece

que a solidariedade não tem cabimento. Quase não se percebe em nossa cultura, seja nas escolas, seja nas famílias, uma educação preocupada com esse tipo de postura diante da vida; somos educados e educamos principalmente para a competição e para o raciocínio, quase nada para a solidariedade e para o sentimento. Isso gera a troca do “sexo com” pelo “sexo em”.

Nesse sentido, seria interessante que passássemos a prestar atenção nos laços afetivos com o ambiente, na possibilidade de compreender o diferente, o outro, seja ele de outro sexo, seja ele de outra orientação sexual. Tentar compreender o diverso, tentar compreender o outro, é combustível para acender a chama da compaixão, farol da solidariedade.

Necessitamos urgentemente de um incremento da empatia, pois, à medida que conseguimos acentuar a capacidade de empatia, ampliamos nossa intolerância à dor alheia, o que pode nos levar a ações de maior cuidado e atenção para com nós mesmos, para com o outro e para com o ambiente.

Para finalizar, há uma questão crucial que quero abordar. Aquela lista de características da pessoa narcisista termina com a seguinte característica: “tem imenso potencial, mas teme realizá-lo, de modo que, enquanto não o realiza, a profundidade é trocada pela ostentação”.

Ou seja, a pessoa ou a cultura narcisista não são assim por acaso: tanto a pessoa quanto a cultura têm potenciais imensos, que precisam ser mais bem explorados para que se possa trocar a ostentação pela realização, o parecer pelo ser. Isso vem acontecendo em nossa cultura em diversos aspectos: são as resistências à ideologia narcísica, as quais aparecem mediante reivindicações por maior autonomia. São inúmeras essas reivindicações e vêm de inúmeras fontes: vêm de questionamentos acerca de questões de gênero, de raça, étnicas, ecológicas, éticas, sexuais. Essas buscas todas se fundamentam na possibilidade de que Narciso crie coragem e se aventure pelos rios do amor (cf. Morin, 2000). Com calma, com curiosidade, com humildade, com a capacidade de se admirar ante o diferente e dialogar e conviver mesmo ante a diferença.

Essa emancipação ocorre em meio a buscas por novas perspectivas, integradoras e mais complexas, em direção a redes e vivências comunitárias nas quais possamos nos descobrir como

parte de algo maior. Vivemos hoje a necessidade de pôr em seu devido lugar o “eu” para darmos o merecido valor a esta outra palavra cheia de beleza e mistério: “nós”. Mas atenção: falo de um “nós” que inclui o diferente, não apenas o semelhante; o aparentemente distante, não apenas o próximo. Um “nós” que nos permita exercer com confiança a sensibilidade solidária, a empatia, a compaixão, as quais possibilitem, por sua vez, a convivência “aprendente”, respeitosa e amorosa com o outro, tão diferente e tão igual.

Bibliografia

- HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- LASCH, Christopher. *A cultura do narcisismo*. Rio de Janeiro: Imago, 1983.
- MAY, R. *A procura do mito*. São Paulo: Manole, 1992.
- MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez, 2000.
- PINTO, É. B. *Para que mundo educa(r)mos*. Revista *Psicopedagogia*, São Paulo, v. 19, n. 52, p. 48-56, 2000.
- _____. *O narcisismo nosso de cada dia*. Sampa GT – Revista do Instituto de Gestalt de São Paulo, São Paulo, v. 2, p. 57-62, 2005.
- SCHWARTZ-SALANT, N. *Narcisismo e transformação do caráter*. São Paulo: Cultrix, 1995.

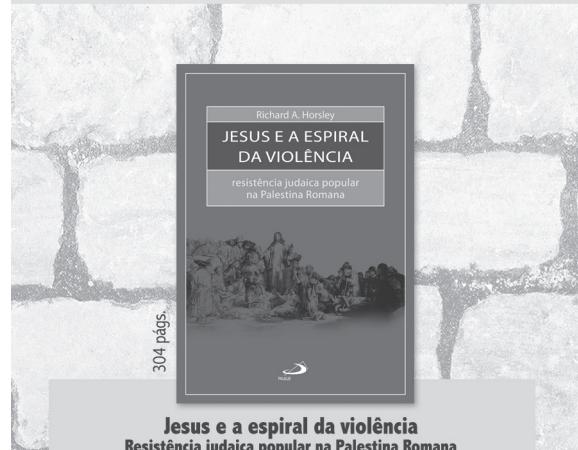
LITURGIA DIÁRIA

LITURGIA DIÁRIA facilita o contato com a Palavra de Deus e uma melhor participação e compreensão da liturgia.

Traz a liturgia do mês (leituras e orações de cada dia), partes fixas da missa, prefácios em consonância com as festas litúrgicas do mês, orações eucarísticas para a missa diária, artigos e esclarecimentos sobre a liturgia.

Para adquirir LITURGIA DIÁRIA, basta escrever para a Cx. Postal 2534, cep 01060-970, São Paulo-SP, ou telefonar para (11) 3789-4000. E-mail: assinaturas@paulus.com.br.

ENTENDA O CAMINHO DE JESUS E MARIA, EXEMPLOS DE FÉ E AMOR A DEUS.



Jesus e a espiral da violência
Resistência judaica popular na Palestina Romana

Richard A. Horsley

Esta análise é um fascinante retrato da Palestina do primeiro século, que abre nova perspectiva sobre a Palestina Judaica do tempo de Jesus dominada pelos romanos.



Virgem Maria, mãe em plenitude
Frei Maria-Eugenio do Menino Jesus

Os textos deste livro foram escolhidos por manifestarem a dimensão marial da vida do frei Maria-Eugênio, que fala da maternidade de Maria como realidade que envolve os mistérios de nossa fé.

Vendas: (11) 3789-4000

SAC: (11) 3789-4119

Visite nossa loja virtual
paulus.com.br



VALORES FUNDAMENTAIS DA SEXUALIDADE HUMANA

Maria Inês de Castro Millen*

Este artigo pretende abordar a sexualidade humana e seus valores fundamentais a partir do olhar da Teologia cristã. Isso não quer dizer que seja possível desconectar a temática de outros eixos compreensivos, que são essenciais para o entendimento da rica experiência de ser e de se saber pessoa humana, na plenitude e na beleza de suas possibilidades existenciais. O que se quer dizer é que a Teologia será o fio que perpassará um tecido rico de cores, de reentrâncias, de relevos e de outras costuras.

É possível constatar que, na base do cristianismo e, portanto, da Teologia Moral Cristã, está presente, de modo inequívoco, a experiência do diálogo. O Deus cristão é o Deus da Palavra; é, portanto, Aquele que fala. Mas é também o Deus que escuta o clamor do seu povo e que se compromete fielmente com ele. Ao mesmo tempo, pede que o povo o escute, que responda ao seu apelo e que sele com Ele uma Aliança, comprometendo-se com seu projeto. Os acontecimentos bíblicos que revelam o modo como Deus e o ser humano se relacionam mostram o diálogo, na sua verdadeira estruturação, como um percurso ético que se faz urgente e necessário.

É por isso que não é possível pensar a sexualidade, no horizonte da Teologia cristã, sem estabelecer reais frentes de diálogo com diferentes realidades:

Diálogo com a realidade enquanto tradição, enquanto história dos povos, contada através dos mitos, das lendas, dos ritos e das diversas expressões das culturas. O que se sabe é que privar o ser humano dos seus arquétipos é condená-lo à crônica enfermidade física e metafísica.

Diálogo com a realidade enquanto Tradição, enquanto Palavra de Deus, revelada nas Escrituras. Tradição não como conservação ou preservação de algo imutável do passado, mas como encontro afetivo e efetivo com Alguém, que se faz presente entre nós, como Jesus de Nazaré, o Cristo, o Filho de Deus. Tradição que sinaliza para a realização da Boa Notícia do Reino, a perene atualização no presente do que recebemos no passado e do que esperamos para o futuro.

Diálogo com a realidade enquanto Tradição pós-bíblica, sobretudo no Ocidente, onde as categorias do pensamento filosófico mediaram a compreensão racional do evangelho.

Diálogo com a realidade a partir da categoria “sinais dos tempos”. O hoje da história exige da Teologia um diálogo sincero com as ciências, com as novas tecnologias, com os responsáveis por uma sociedade plural, policromática, e com todas as pessoas que estão sob a influência de uma nova compreensão e visão de mundo. Assim sendo, a Teologia que reflete sobre a ética cristã da sexualidade só terá plausibilidade se experimentar a abertura a um amplo e respeitoso diálogo transdisciplinar, que leve em conta as diferentes experiências do passado e as realidades da vida presente.

*Graduada em Medicina pela Universidade Federal de Juiz de Fora, onde também fez mestrado em Ciências da Religião; graduada em Teologia pelo Instituto Teológico Arquidiocesano Santo Antônio; e doutora em Teologia pela PUC-RJ. Atualmente, é professora no Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, tem experiência na área de Medicina, com ênfase em Ginecologia e Obstetrícia. Atua nas áreas de Teologia Moral, Bioética e Antropologia Teológica. Autora de *Os acordes de uma sinfonia – A moral do diálogo na teologia de Bernhard Häring*.

Algumas afirmativas teológicas se fazem necessárias, inicialmente, para traçar o caminho da costura que se pretende, na reflexão aqui assumida:**Uma primeira e fundamental afirmação:** “Deus criou o ser humano à sua imagem, à imagem de Deus o criou. Homem e mulher ele os criou” (Gn 1,27). Essa revelação nos diz que a sexualidade é uma das dimensões essenciais do ser humano. O ser humano, criado como ser sexuado, enquanto homem ou mulher, é imagem de Deus, é semelhante a Deus. “E Deus os abençoou e lhes disse: sede fecundos e multiplicai-vos, enchei a terra e submetei-a!” (Gn 1,28). Esse texto sinaliza para Deus que confere à sexualidade uma dimensão criativa. O encontro relacional sexuado que o ser humano estabelece aponta para a fecundidade, para uma participação real no projeto criacional. E tudo isso faz parte não de um imperativo, mas de uma bênção, de um dom.

Uma segunda e não menos fundamental afirmação é a de que a Palavra, que já era no início e da qual somos imagem e semelhança, se fez carne e veio habitar entre nós (Jo 1,1,14). Deus se faz homem, se faz de carne, se faz humano, sexuado.

Esse fato possibilita a confirmação de que a sexualidade é um componente fundamental da personalidade, um modo de ser pessoa, um modo de se manifestar, de sentir, de expressar, de viver e de se relacionar, na comunicação concreta do amor.

Por essa razão é que a sexualidade precisa ser compreendida a partir de uma sadia antropologia que considere as ricas e complexas dimensões do ser humano na perspectiva da unidade básica que o integra e o configura. Fragmentar o humano ou reduzi-lo a uma de suas dimensões produziu e ainda produz muitas teorias e práticas equivocadas que comprometem a essencialidade e a dignidade próprias desse ser criado à imagem de Deus (Bento XVI, 2006 p. 5).

Nesse horizonte, apontamos algumas dimensões que não podem ser desconsideradas quando se quer pensar a sexualidade humana com seriedade: a dimensão biológica, que trabalha a sexualidade como impulso; a dimensão psicológica, que aponta a sexualidade como a força integradora e como chave hermenêutica do “eu”; a dimensão dialógica, que pensa a sexualidade como linguagem de pessoas; a dimensão

sociocultural, que compreende a sexualidade na perspectiva da hermenêutica e da configuração da realidade social; a dimensão existencial, na qual a sexualidade aparece como forma de existência pessoal; e a dimensão misteriosa, que a percebe como abertura para o mistério da pessoa e das relações que ela estabelece consigo mesma, com os outros, com o mundo e com Deus (Vidal, 2002).

A sexualidade, então, está referida ao mistério da pessoa, ao seu núcleo mais íntimo, à sua configuração mais originária. Ela abrange o ser humano todo, durante toda a sua vida. Há, portanto, também, uma perspectiva equivocada, quando se compreende a sexualidade ligada somente à vida adulta e à procriação. O que existe é uma sexualidade difusa, que impregna todo o ser, em todo o tempo de sua vida, e que não está ordenada somente ao relacionamento sexual genital. Outra consideração que ainda precisa ser feita, desde já, é que a sexualidade não é má em si. No horizonte das afirmações teológicas, feitas anteriormente, não é possível esquecer a revelação de que é Deus quem cria o mundo na sua materialidade e temporalidade e nele se encarna. Portanto, a sexualidade é, no máximo, ambivalente. Ao longo da história, ela se apresenta num clima de enigma e mistério, como realidade ao mesmo tempo assombrosa e fascinante. Acarreta, pois, instintivamente, num primeiro momento, uma dose de assombro, receio e suspeita, pois supera o que alguém pode conhecer de si mesmo e dos outros, e o desconhecido é amedrontador. Ao mesmo tempo, desperta a curiosidade, o desejo e a esperança de aproximação entre as pessoas, e esse é o seu lado fascinante.

Por causa do medo, surge a tentativa de negar a sexualidade, de escondermo-nos dela, de eliminá-la da vida, como se dela fosse possível prescindir. Ledo engano, que já produziu e ainda produz consequências danosas.

Por causa do desejo, surge a tentativa de fazer dela o eixo enucleador da vida ou de banalizá-la, atitudes que refletem a pretensão de despi-la do seu caráter misterioso. Esses equívocos também não trouxeram e não trazem bons frutos.

Nessa perspectiva, busca-se e deseja-se, ao mesmo tempo em que teme-se e rejeita-se. Temor e fascínio são faces de uma mesma realidade. O que não se pode esquecer é que a sexualidade está imbricada no mistério da pessoa, carregada de

uma riqueza simbólica e emotiva, que precisa ser considerada e experienciada respeitosamente.

A redução da sexualidade, do mistério da pessoa, ao medo ou ao desejo, aponta para alguns riscos. O primeiro risco é o de um falso espiritualismo, que prioriza o pretender viver como anjo quando se tem um corpo. Outro risco é o de um materialismo desconfigurado, um hedonismo que leva ao prazer pelo prazer, ao corpo pelo corpo, à objetivação do outro. Em ambos os casos, há a negação da subjetividade relacional e a não integração das diferentes dimensões que compõem a pessoa, e duas vertentes da Teologia Moral, não muito felizes, tendem a se fortalecer: o rigorismo ou o laxismo.

Na busca do indispensável equilíbrio, uma compreensão positiva da sexualidade se faz necessária. Não é demais repetir que a sexualidade integrada é força positiva, geradora de energia e de bem-estar e que perpassa todo o ser humano. É força que chama à vida, que cria e recria pessoas e realidades. A sexualidade é a identidade: “Eu sou”, “eu sinto que sou”, na relação com outras identidades constituídas. É essa mesma força que é capaz de despertar nas pessoas o amor, o cuidado pelo outro, pela natureza, por si mesmas.

Falar de sexualidade no horizonte da Teologia traz, portanto, o desafio de pensar de novo coisas velhas e coisas novas sobre a existência humana. E isso faz com que a tarefa da Teologia Moral, que é a de ter uma palavra verdadeira e significativa sobre a sexualidade humana para este tempo, seja enorme. As razões já são conhecidas, mas não é demais enumerá-las novamente.

Primeiro, o cristianismo do passado trabalhou com pressupostos antropológicos hoje superados e que precisam realmente ser revistos e não mais aplicados. O conhecimento atual sobre o ser humano, em função de uma nova sabedoria conquistada pela humanidade, nos coloca diante de paradigmas compreensivos que não podem nem devem ser desmerecidos. A necessidade real de diálogo com outros saberes se faz premente. Hoje, não se concebe mais que aqueles que são chamados a dizer uma palavra significativa, a orientar o comportamento e a vida das pessoas não se esforcem por conhecer e compreender todas as dimensões da realidade humana, levando em conta que a sexualidade, enquanto força integradora do eu pessoal, é um fato vivo, dinâmico, historicamente condicio-

nado, com influências tanto positivas quanto negativas sobre a vida, refletindo possibilidades evolutivas, mas também involutivas.

Segundo, o ser humano atual, apesar de todos os progressos científicos e tecnológicos, de todas as conquistas do conhecimento e da comunicação, vive uma fragilidade, uma fragmentação, um desconforto consigo mesmo e com a sua força sexual criativa. Heidegger referiu-se assim a esse fenômeno:

Nenhuma época teve noções tão variadas e numerosas sobre o homem como a atual. Nenhuma época conseguiu, como a nossa, apresentar o seu conhecimento acerca do homem de um modo tão eficaz e fascinante, nem comunicá-lo de um modo tão fácil e rápido. Mas também é verdade que nenhuma época soube menos que a nossa o que é o homem. Nunca o homem assumiu um aspecto tão problemático como atualmente.

Sendo assim, o ser humano de hoje, como o de ontem, precisa ser compreendido nas suas dores e angústias, nas suas esperanças e sonhos. Desconsiderar a realidade atual, nos seus compassos e descompassos, é ficar respondendo a perguntas que ninguém mais faz e não se esforçar por caminhar na busca de respostas mais plausíveis para as grandes questões que estão postas.

A Teologia Moral traz, portanto, algumas propostas para a reflexão atual sobre a sexualidade humana.

A primeira é a de um retorno às fontes bíblicas. A referência moral dos cristãos é Jesus Cristo. Nesse horizonte, é bom recordar o que disse o Papa Bento XVI, na introdução à encíclica “Deus é Amor”: “No início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, assim, o rumo decisivo”. A verdade é esta:

No cerne, no coração, nas entradas do Novo Testamento está Jesus Cristo, o Filho de Deus feito homem. E a grande novidade da ética cristã está aí revelada. O Pai oferece, agora, tudo. [...] Jesus Cristo é a Nova Aliança, aquele que, na unidade com o Pai e na solidariedade com toda a humanidade, declara a verdadeira lei da Aliança: a Lei do Amor. Não um amor qualquer, mas aquele já demonstra-

do aos seus discípulos, que são convocados a vivê-lo na solidariedade, na oferta e no serviço (Jo 15,12-17) (Millen, 2005).

A Lei do Amor convida a cada um, na liberdade, a “ser para o outro”, a “carregar os fardos uns dos outros” (Gl 5,13b; 6,2). Assim, as perspectivas bíblicas da Teologia Moral, longe de tentar extraír das Escrituras um catálogo de normas para crer e viver, buscam, em sintonia com as propostas do Vaticano II, apreender os temas de destaque da revelação divina para que eles possam nutrir a vida espiritual das pessoas concretas, inseridas na história de seu tempo.

A segunda proposta pretende clarear alguns conceitos, como, por exemplo, o de corpo/corporeidade, o de sexo/sexualidade e o de castidade.

A palavra “corpo” aponta para a realidade objetiva da nossa condição corpórea; realidade visível, tocável, mutável e, talvez por isso, vítima de muitos equívocos e de muitas distorções por parte das culturas, das sociedades e das religiões. Realidade dimensional que não pode ser negada nem tampouco superestimada, pelo simples fato de ser uma dimensão real e indispensável para a vida, na sua perspectiva ontológica e também no horizonte de sua construção histórico-relacional. Não se pode deixar de afirmar que todas as experiências pessoais se realizam e se explicitam no corpo. Por isso, o modo como o percebemos ou como o tratamos se torna fundamental para a compreensão e nomeação do ser.

A palavra “corporeidade” é mais abrangente, se refere ao “eu espiritual-corpóreo” que vive uma experiência única e irrepetível e indica a inteira subjetividade humana, sob o aspecto de sua condição existencial corporal, na configuração constitutiva de sua identidade pessoal. Corporeidade é, portanto, a expressão, o reflexo visível e a realização do ser humano uno e indiviso. É uma noção mais ampla de corpo e, na verdade, se refere à totalidade da pessoa. Assim, é em função de sua condição corpórea que o ser humano assume sua vida segundo as peculiaridades que lhe são próprias: a historicidade, a individualidade e a pertença a uma comunidade humana, sua imanência no mundo e sua vocação à auto-transcendência, sua capacidade de revelar-se e de ocultar-se, sua propensão à relacionalidade e ao encontro (Millen; Bingemer, 2005, p. 180).

Quanto às palavras “sexo” e “sexualidade”, é preciso, do mesmo modo, que se faça uma distinção. Sexo também se refere a uma realidade objetiva, ao sexo de cada um na sua dimensão biológica/genital e ao ato sexual em si.

Sexualidade também é conceito abrangente. A palavra surge no século XIX e quer dizer, como já indicado anteriormente, uma energia que abrange a totalidade da vida da pessoa, revelando sua condição de ser sexuado em todas as relações que estabelece com qualquer outro, em todos os tempos de sua vida.

Alguns autores hoje afirmam que a moral que estuda a sexualidade não pode ser concebida a não ser no horizonte de uma ética da relacionalidade. Isso porque, durante muito tempo, a sexualidade esteve ligada à vida individual, às questões referentes à pessoa e aos seus desejos e impulsos. Hoje não se pode mais negar a importância da “alteridade” na construção da identidade pessoal. O “rosto” do outro é sempre definidor da identidade e das atitudes daquele que é interpelado por ele.

Outra palavra importante é “castidade”, que, num determinado contexto, chegou a ser considerada a “rainha das virtudes”. Castidade não pode mais ser reduzida à continência sexual, mas mantida em toda a sua pluralidade de significados. A melhor tradução dessa palavra é “nitidez”. Muito provavelmente, nossa castidade vem do latim *candeo*, que significa embranquecer, com o matiz de uma brancura brilhante, ou melhor, transparente. Dessa palavra, surgem termos como “candor”, “candura”. Viver a castidade significa, pois, viver na transparência, no respeito, na nitidez. É preciso compreender que a palavra castidade não tem sentido apenas sexual: a nitidez, o respeito e a transparência invadem todos os campos da relação humana, até mesmo o do dinheiro e o do poder. Dessa forma, podem existir encontros sexuais, genitais ou não, ou pessoas que vivem “celibatos sexuais” de maneira que não servem para quase nada, por não serem castos (Faus, 1999 p. 65-66).

A terceira quer trazer algumas ideias-chave, revisitadas pela Teologia que se renova com o Concílio Vaticano II. São elas: liberdade, fidelidade, criatividade e responsabilidade. À luz do seguimento de Jesus, todas as pessoas são chamadas à liberdade – “é para a liberdade que Cristo nos libertou” (Gl 5,1) –, mas só existe verdadeira

liberdade na fidelidade, pois toda liberdade está referenciada a algo. Para os que creem, a fidelidade sinaliza para a lei inscrita nos corações, que faz com que as pessoas redescubram o projeto que Deus tem para a humanidade. Essa liberdade fiel torna o ser humano responsável e criativo. A responsabilidade, considerada a ideia-mãe da moral cristã, é a capacidade de dar respostas consequentes, que possibilitam o surgimento do “inédito viável”, da novidade criativa, que harmoniza e restaura a vida em todos os sentidos possíveis. Por essa razão, a Teologia Moral hoje está empenhada em formar pessoas adultas, maduras, discernentes e responsáveis, capazes de, na liberdade fiel e amorosa, serem portadoras da novidade que traz a Verdade que liberta e pacifica o ser humano e suas relações.

A quarta proposta é a tentativa de propor uma Teologia Moral Cristã da sexualidade para hoje. A ética cristã da sexualidade, para ter plausibilidade hoje, precisa estar atenta a duas dimensões: à dimensão dos valores fundamentais que se quer garantir e à dimensão do modo como esses valores devem ser transmitidos. Aqui valem as palavras do Papa João XXIII, na abertura do Concílio Vaticano II:

Uma é a substância da antiga doutrina do *depositum fidei*, e outra, a formulação que a reveste: e é disso que se deve – com paciência, se necessário – ter grande conta, medindo tudo nas formas e proporções do magistério prevalentemente pastoral [...] Sempre a Igreja se opôs aos erros, muitas vezes até os condenou com a maior severidade. Nos nossos dias, porém, a Esposa de Cristo prefere usar mais o remédio da misericórdia que o da severidade: julga satisfazer melhor às necessidades de hoje mostrando a validéz da sua doutrina que condenando erros (João XXIII, 1969).

Para garantir essas duas dimensões, pode-se dizer que a ética atual da sexualidade apostila numa moral personalista relacional, não mais de atos, mas de atitudes. Nessa perspectiva, a sexualidade é redescoberta como um valor da vida humana e é concebida como a pessoa, masculina ou feminina, em relação com todos os outros, crescendo em direção ao amor. A sexualidade é vista, então, como uma forma de comunhão íntima, que se volta para a relação/comunhão, a partir da inspiração do amor oblativo. É im-

portante relembrar que uma verdadeira relação interpessoal, impulsionada pelo amor, não pode ser anônima, apenas biológica, tampouco só espiritualizada. O amor que é ofertado ao outro e que depende da dádiva que cada um faz de si, enquanto pessoa sexuada, tem uma concretude indispensável. Cada ser humano se relaciona com os outros enquanto ser corpóreo, que tem uma história, que vive num tempo determinado e num lugar identificável. Portanto, atos isolados têm a sua objetividade e podem ser medidos, na sua bondade ou maldade, mas as pessoas só podem ser compreendidas e ajudadas, misericordiosamente, a partir de suas atitudes, que estão conectadas a um contexto específico que deve sempre ser considerado.

A ética cristã apostila, também, em uma moral que seja paraclética e terapêutica. Uma moral fundada na Sagrada Escritura e apoiada nas palavras do Papa João XXIII deve pretender sempre cuidar, aliviar e, se possível, curar as pessoas de seus pecados, seus problemas, suas aflições, suas culpas e suas dores. Por isso, é necessário apontar para a plausibilidade de uma moral paraclética e terapêutica, que leve em conta a vida concreta das pessoas para, a partir desta, fazer o anúncio da boa notícia que consola e encoraja, que é convite sedutor para uma vida em Cristo e no Espírito. Essa moral dinamiza e indica caminhos possíveis de salvação e de libertação para todos e, de modo especial, para os doentes, os abatidos, os cansados e feridos, sem cair no moralismo legalista, que muitas vezes somente pune, castiga e leva as pessoas ao desânimo improdutivo. Ela prefere uma linguagem indicativa e propositiva àquela imperativa e impositiva; ela quer cuidar e curar as pessoas pelo amor e não pela proibição e pelo medo. Essa moral está a favor das expressões que possam indicar o caráter libertador e responsável da lei do Espírito, de modo que a mensagem moral seja compreendida por todos não como algo imposto de fora ao ser humano, mas como um dom que já está presente no interior de cada pessoa e que precisa apenas ser despertado e acolhido.

Uma moral paraclética é aquela que usa a linguagem da *paraclese*, que é a linguagem própria do Espírito Paráclito, por isso é consoladora, encorajadora, e vincula o coração, a memória e a consciência das pessoas às obras prometidas e realizadas por Deus em favor de suas criaturas,

proporcionando-lhes a força necessária para o combate ao egoísmo pessoal e coletivo, ao desprezo para com a vida, à busca desenfreada do prazer e do sexo sem amor e sem referência à dignidade própria de cada um e de todos os humanos, criados à imagem e semelhança de Deus.

Um grande passo na direção da consolidação de uma moral paraclética e terapêutica é a capacidade de assumir o “cuidado” como vocação, como linguagem e como um modo próprio de “ser-no-mundo” (Boff, 1999, p. 99). Cuidado que supõe gratuidade, oferta de si, pelo simples reconhecimento da carência, do vazio e da incompletude presentes em cada criatura. Resgatar essa vocação do ser humano para o cuidado significa rever o modo como facilitamos às pessoas, individualmente, em conjunto e entre si, o acesso ao necessário para uma vida digna, e também o modo como as capacitamos para a organização de si mesmas no encontro com o sentido essencial que as humaniza e que as encaminha para um relacionamento significativo com os outros e com o Totalmente Outro. No entanto, escolher o caminho do cuidado, quando se quer pensar uma nova ética da sexualidade, é propor algo que ainda precisa ser aprendido, talvez reinventado, num mundo que privilegia a competição e o sucesso individual, num mundo onde funciona a lógica da guerra. Aqui se tem uma tarefa para toda a vida: sustentar o empenho no aprendizado do amor e da ternura e o reconhecimento da dimensão fundante do afetivo, do poder da bondade e da afabilidade, contra toda violência e dureza.

Na visão de alguns, sexo e ternura não combinam, pois a sexualidade, ao invés de ser considerada como um ato de ternura, é concebida por muitos como um ato de conquista. A ternura só pode enunciar-se a partir da fratura, e para que ela se faça presente é necessário que se inverta a ideologia do conquistador, e isso significa assumir a consciência da própria fragilidade e agir a partir desta. O amor não é um ato de soberania, mas, antes, uma constatação da fraqueza compartilhada. Somente a lógica evangélica do “Curador ferido”, do “Servo de Yahweh”, aquele que venceu sem fazer vencidos, pode assegurar a plausibilidade desse caminho na contemporaneidade conturbada pela busca descontrolada das vantagens individuais e do prazer desmedido.

Jesus, o Curador Ferido, ao morrer como cordeiro não violento, conduz a todos, pela força do testemunho, à experiência do amor não violento e curativo. Ele oferece esse amor gratuitamente a cada pessoa como um dom que, no entanto, está ligado a uma tarefa. A tarefa consiste na conversão a um modo novo de pensar, de desejar e de agir. A moral que se faz paraclética e terapêutica quer ajudar a Igreja de Cristo e todas as pessoas a assumirem essa conversão, para que se compreendam também como curadores feridos. Quem acha que nunca pecou não pode ajudar na salvação dos outros. Jesus, que não tinha pecado, “fez-se pecado” para salvar a todos. A Igreja de Jesus Cristo, ferida pelos próprios pecados e pela solidariedade com o pecado do mundo, ao fazer uma opção real pelo Servo sofredor, luta radicalmente a favor da mensagem libertadora e salvífica do evangelho, compreendendo que, na melhor das hipóteses, ela é, como todos, curadora ferida diante do médico divino, necessitada de cura e de libertação. Desse modo, ela nunca pode ser violenta, nunca aceitará a violência e, diante da tentação de buscar saídas violentas, se recordará de que o mal e a morte só serão vencidos pelo amor e pelo perdão.

Investir, pois, no cuidado, na ternura, no amor, no encorajamento e na consideração à dignidade de todas as pessoas é apostar em um novo paradigma de convivência para uma outra sociedade possível.

A Moral paraclética e terapêutica quer, pois, contribuir para isso, ao apostar na força de conversão e cura de uma autonomia responsável e intersubjetiva, aquela que possibilita que as pessoas saiam do infantilismo moral, do horizonte da obediência cega e irresponsável, na valorização da consciência como lugar do encontro com a Verdade. Desse modo, a moral será verdadeiramente cristã, a serviço do amor, da comunhão e da humanização das pessoas.

Nessa perspectiva, a sexualidade será sempre percebida e experienciada na sua ambivalência, como motor da vida ou como causa da morte, pelo fato de estar inserida no mistério mesmo da pessoa, frágil e impotente na sua humanidade, embora vocacionada a ser como Deus é. Assim compreendida, possibilitará a cada um viver humildemente sua situação de criatura referenciada a um Deus Bom, que cria, cuida, defende e salva, para que todos possam partilhar amorosamente

a vida com dignidade, alegria e prazer, sabendo que tudo que há em cada um e no mundo é dom para ser usufruído e cultivado. O amor e a comunhão, a busca conjunta da verdade, potencializam o ser humano ao caminho da autorrealização, da libertação e da salvação.

A moral paraclética e terapêutica quer, finalmente, assumir, no horizonte da evangelização, ao apresentar os valores fundamentais da sexualidade, a missão de matricular o Reino de Deus. Somente quando engravidadas pelo Espírito, as pessoas se tornam oferentes e podem fazer nascer no coração e na vida de tantos outros a disposição para o bem e para a verdade, experimentando a comunhão alegre, na busca de sinceros encontros afetivos e ternos que possam ser fecundos e vinculantes. Homens e mulheres paracléticos são chamados a espalhar sementes generosas, a nutrir a vida dos outros e a proclamar a boa notícia do amor que sustenta, anima e entusiasma o caminho de quantos queiram experimentar na liberdade responsável, fiel e criativa a grande aventura de viver.

REFERÊNCIAS:

- BENTO, PAPA, XVI. *Deus é amor*. São Paulo: Paulus/Loyola, 2006.
- BOFF, L. *Saber cuidar. Ética do humano, compaixão pela terra*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- FAUS, J. I. G. *Sexo, verdade e discurso eclesiástico*. São Paulo: Loyola, 1999.
- JOÃO, PAPA, XXIII. *Discurso de abertura da primeira sessão do Concílio Vaticano II de 11-10-1962*. In: *Compêndio do Vaticano II*. 9ª ed. Petrópolis: Vozes, 1969.
- MILLEN, M. I. C.; BINGEMER, M. C. L. *Corporeidade e violência: O templo profanado*. In: SOTER (Org.). *Corporeidade e Teologia*. São Paulo: Paulinas, 2005.
- MILLEN, M. I. C. *Os acordes de uma sinfonia. A Moral do Diálogo na Teologia de Bernard Häring*. Juiz de Fora-MG: Editar, 2005.
- VIDAL, Marciano. *Ética da sexualidade*. São Paulo: Loyola, 2002.

PUBLIQUE SEUS ANÚNCIOS VOCACIONAIS Na revista VIDA PASTORAL!

Com Tiragem de 50 mil exemplares e mais de 20 mil downloads da versão em pdf, bem direcionada para lideranças religiosas, a Vida Pastoral chega à totalidade das paróquias e à maioria das comunidades católicas espalhadas por todo o país: um excelente canal para chegar às jovens e aos jovens vocacionados, bem como às pessoas que os orientam na decisão vocacional.

Contatos: vidapastoral@paulus.com.br

Alimente seu espírito com a paz e a esperança do Natal.



Terapia do Natal

Karen Katafiasz

Por meio de uma terapia leve e construtiva, esta leitura o(a) ajudará a redescobrir em seu coração o sentido e o mistério desta data tão abençoada: o Natal.



Terapia para vivência do luto no tempo de Natal

Dwight Daniels

Neste livro você encontrará delicadas, práticas e esperançosas orientações para enfrentar o luto numa época caracterizada pela alegria do nascimento de Cristo e da renovação.

Vendas: (11) 3789-4000

SAC: (11) 3789-4119

Visite nossa loja virtual
paulus.com.br



Imagens meramente ilustrativas.

Crédito PAULUS / A PAULUS se reserva o direito de alterar ou retirar o produto do catálogo sem prévio aviso.

HOMOSSEXUALIDADE E ÉTICA CRISTÃ

Pe. José A. Trasferetti*
Pe. Ronaldo Zacharias**

Introdução

O pensamento sobre a questão da homossexualidade no contexto da teologia moral e dos documentos oficiais da Igreja Católica é um pouco mais sofisticado e complexo do que possa parecer. Escolhemos para atenção especial três textos pontifícios, dois da Congregação para a Doutrina da Fé – *Declaração sobre alguns pontos de ética sexual* (1975) e *Carta aos bispos da Igreja Católica sobre o atendimento pastoral das pessoas homossexuais* (1986) – e uma passagem relevante do *Catecismo da Igreja Católica* (1992). Faremos ainda menção ao documento, da Congregação para a Doutrina da Fé, *Considerações sobre os projetos de reconhecimento legal das uniões entre pessoas homossexuais* (2003) e ao da Educação Católica, denominado *InSTRUÇÃO sobre os critérios de discernimento vocacional acerca das pessoas com tendências homossexuais e da sua admissão ao seminário e às ordens sacras* (2005). Na parte final do texto, apresentaremos alguns aspectos teológicos e pastorais que favoreçam a continuação da reflexão aqui iniciada.

Uma chave importante para interpretar corretamente o ensinamento do Magistério sobre a questão homossexual é lembrar que ele se insere no contexto de um debate amplo sobre a nova cultura homossexual emergente na sociedade ocidental, com grande repercussão dentro da própria Igreja. Outra chave é notar a tensão existente entre a continuidade histórica do ensinamento do Magistério e a solicitude pastoral à qual pastores e fiéis são convidados. Em outras palavras, entre o “esplendor da verdade” e o “esplendor do amor”. Se quebrarmos o equilíbrio gerado por essa tensão, citando um ou

outro elemento fora de seu contexto, correremos o risco de distorcer gravemente o sentido global do ensinamento do Magistério.

1. *Persona humana. Sobre questões de ética sexual* (1975)

Não há dúvida de que, em relação à homossexualidade, predominam no documento pontifício a preocupação com o rigor doutrinal e a desconfiança diante de certas conclusões éticas baseadas em dados da psicologia moderna. O documento, por exemplo, encara como contrária ao “ensino constante do Magistério” e ao “sentir moral do povo cristão” a tendência de “julgar com indulgência, e até mesmo a desculpar completamente, as relações homossexuais em determinadas pessoas” (8). Além disso, afirma que, “segundo a ordem moral objetiva, as relações homossexuais são atos destituídos da sua regra essencial e indispensável” (...), “são condenadas na Sagrada Escritura como graves depravações e apresentadas aí também como uma consequência triste de uma rejeição de Deus” (...), e atesta que “os atos de homossexualidade são intrinsecamente desordenados e que eles não podem, em hipótese nenhuma, receber qualquer aprovação” (8).

À primeira vista, estamos diante de uma rejeição tão forte da homossexualidade e dos

* Doutor em Filosofia e em Teologia Moral, professor titular da PUC-Campinas, presidente da Sociedade Brasileira de Teologia Moral (2004-2009), diretor da Faculdade de Filosofia da PUC-Campinas (trasferetti@uol.com.br).

** Doutor em Teologia Moral, especialista em Educação Sexual, professor do Campus Pio XI do Centro Unisal, secretário da Sociedade Brasileira de Teologia Moral (2004-2009) (sdbronaldo@uol.com.br).

atos homossexuais, que parece não haver espaço para o diálogo sobre o assunto. A impressão é estar o documento muito mais preocupado em afirmar que, no plano objetivo, os atos homossexuais, intrinsecamente desordenados, seriam graves depravações do que em ajudar pastoralmente as pessoas que praticam tais atos ou são, de fato, homossexuais. No entanto, podemos descobrir no texto uma postura mais flexível e mais solícita diante do sofrimento humano vivenciado por pessoas para as quais a própria orientação sexual é um problema. O documento reconhece, por exemplo, a contribuição da psicologia para a compreensão do fenômeno da homossexualidade e a sua importância na avaliação moral de atos e relacionamentos homossexuais (8).

Abrindo-se à contribuição das ciências humanas, o documento chama a atenção para algumas distinções especialmente relevantes para as duas mediações que nos interessam, a teológica e a jurídica. A primeira distinção, de grandíssima utilidade, é a que se faz entre a homossexualidade como “tendência transitória” e a homossexualidade como “condição definitiva” (8). Essa distinção implica poder haver não apenas uma diferença de avaliação moral e pastoral para as duas categorias de pessoas, mas também uma diferença de estratégia jurídica. Segundo o documento, pela sua própria natureza, a homossexualidade como tendência transitória é, em princípio, reversível, pelos fatores dos quais provém: “de uma educação falseada, de uma falta de evolução sexual normal, de um hábito contraído, de maus exemplos ou de outras causas análogas” (8). Uma boa pedagogia ou uma boa terapia podem ajudar as pessoas que não são, de fato, homossexuais a superar essa tendência e a desenvolver a plenitude das suas potencialidades de relacionamento humano.

Outra é a situação das pessoas que vivem sua homossexualidade como condição definitiva, “por força de uma espécie de instinto inato ou de uma constituição patológica considerada incurável” (8). A solicitude pela acolhida dessas pessoas leva o documento a trabalhar com mais duas distinções: a distinção entre “tendências” e “atos” e a distinção entre “atos” e “pessoas” que praticam os atos. Se, por um lado, as pessoas homossexuais devem ser acolhidas “com compreensão” e apoiadas “na esperança de superar as próprias dificuldades pessoais e a

sua inadaptação social”, por outro, “nenhum método pastoral pode ser empregado que, pelo fato de esses atos serem julgados conformes com a condição de tais pessoas, lhes venha a conceder uma justificação moral” (8). Embora as distinções mencionadas acima constituam um avanço, não são suficientes para fundamentar um ensinamento que integre ser e agir.

É importante ressaltar que o documento se refere aos atos homogenitais, e não aos relacionamentos humanos entre pessoas do mesmo sexo. Objetivamente, esses atos não podem ser justificados nem aprovados, por serem “atos desituídos da sua regra essencial e indispensável”. No entanto, mesmo que os atos, em si mesmos, sejam gravemente desordenados, a culpabilidade da pessoa “há de ser julgada com prudência” (8). Embora não presente no documento, tem-se a impressão de que a palavra de ordem continua sendo a misericórdia: acolher com compreensão. A figura do pai que vem correndo para abraçar o filho e devolver-lhe a dignidade perdida nas suas aventuras não aparece neste documento; mas a sua sombra é detectada, como num retrato, quando o sol está atrás do fotógrafo.

2. Carta aos bispos da Igreja Católica sobre o atendimento pastoral das pessoas homossexuais (1986)

No intervalo de 11 anos entre a publicação da *Declaração* e a da *Carta aos bispos*, o debate sobre a questão não diminuiu. Ao contrário, o “pecado” que, para muitos, não ousava pronunciar o próprio nome se transforma numa cultura que “se orgulha” de ser gay. Muitas autoridades eclesiás reiteram a doutrina tradicional da Igreja sobre o matrimônio como contexto ideal para o exercício da sexualidade humana, mas também insistem sobre a dignidade fundamental da pessoa homossexual e sobre a necessidade de defender seus direitos humanos básicos e protegê-la contra o preconceito e a violência. É uma época de inovação e de contestação. Essa nova situação se reflete na *Carta aos bispos*.

Os autores da carta deixam claro que não pretendem elaborar um tratado exaustivo sobre o assunto, mas “concentrar a atenção no contexto específico da perspectiva da moral católica” (2). Isso faz que acabem favorecendo certos elementos e excluindo outros da sua consideração. Alguns aspectos da declaração de 1975 são

retomados e outros, ignorados. A grande tensão entre o rigor doutrinal e a solicitude pastoral se faz presente. Se, por um lado, nas considerações conclusivas, apela-se para a relação entre verdade, libertação, amor e misericórdia, por outro, a “novidade” da carta se manifesta num rigor doutrinal ainda mais duro em relação aos atos homossexuais. Enquanto a declaração se contenta com a distinção entre atos e tendências, a carta afirma que “a própria inclinação deve ser considerada como objetivamente desordenada”, embora reconheça que ela “não seja em si mesma um pecado” (3). Já que a inclinação homossexual constitui “uma tendência, mais ou menos acentuada, para um comportamento intrinsecamente mau do ponto de vista moral”, a carta não hesita em afirmar que as pessoas homossexuais não podem ser levadas a crer que “a realização concreta de tal tendência nas relações homossexuais seja uma opção moralmente aceitável” (3). Infelizmente, tem-se a impressão de que o aspecto físico se sobrepõe à dimensão relacional das relações homossexuais.

Os autores da carta, no seu zelo para defender a doutrina sobre a ordem moral objetiva, esquecem-se de dar o devido valor à dimensão subjetiva da moralidade. Propõem o sacramento do matrimônio como o “único” contexto lícito para o “uso da faculdade sexual”; afirmam que “a atividade homossexual não exprime uma união complementar, capaz de transmitir a vida, e, portanto, contradiz a vocação a uma existência vivida naquela forma de autodoação que, segundo o evangelho, é a essência mesma da vida cristã”; concluem que, “como acontece com qualquer outra desordem moral, a atividade homossexual impede a autorrealização e a felicidade porque contrária à sabedoria criadora de Deus”. Portanto, “uma pessoa que se comporta de modo homossexual age imoralmente” (7). Os autores da carta, conscientes da dureza do seu ensinamento, rejeitam a acusação de que estão querendo tirar a liberdade dos homossexuais: “refutando as doutrinas errôneas acerca do homossexualismo, a Igreja não limita, antes, pelo contrário, defende a liberdade e a dignidade da pessoa, compreendidas de um modo realista e autêntico” (7).

Se, por um lado, o rigor predomina na maior parte da carta, por outro, para ser fiel ao sentido pleno do texto, é necessário reconhecer também ao menos os indícios de uma solicitude pastoral

continuada, que se manifesta na escuta das ciências humanas, na condenação da discriminação e da violência contra as pessoas homossexuais, na afirmação da dignidade e da liberdade da pessoa homossexual e na proposta de um caminho para a pessoa homossexual que quer seguir a Cristo (10-12).

3. Catecismo da Igreja Católica (1992)

A brevidade com que o tema é tratado é notável. Acolhendo os dados das ciências biomédicas e psicossociais, a homossexualidade é definida como “relações entre homens e mulheres que sentem atração sexual, exclusiva ou predominante, por pessoas do mesmo sexo” (2.357). Reconhece-se que “a homossexualidade se reveste de formas muito variáveis ao longo dos séculos e das culturas”. Mais uma vez, os atos são distinguidos das pessoas: os atos homossexuais são “intrinsecamente desordenados” (...), “são contrários à lei natural” (...), “fecham o ato sexual ao dom da vida” (...), “não procedem de uma complementaridade afetiva e sexual verdadeira” (2.357). Quanto às pessoas homossexuais, elas devem ser acolhidas “com respeito, compaixão e delicadeza” (...); deve-se evitar para com elas “todo sinal de discriminação injusta” (...); “são chamadas a realizar a vontade de Deus na sua vida e, se forem cristãs, a unir ao sacrifício da cruz do Senhor as dificuldades que podem encontrar por causa da sua condição” (2.358). A novidade que o *Catecismo* introduz é o princípio de gradualidade em relação à caminhada da pessoa homossexual: “as pessoas homossexuais são chamadas à castidade”, mas, para poder chegar à plenitude da vivência dessa virtude, há todo um processo, que necessita de uma estrutura de formação e de apoio, da prática das “virtudes de autodomínio, educadoras da liberdade interior”, da “amizade desinteressada”, da “oração”, da “graça sacramental”. Em outras palavras, as pessoas homossexuais “podem e devem se aproximar, gradual e resolutamente, da perfeição cristã” (2.359).

4. Considerações sobre os projetos de reconhecimento legal das uniões entre pessoas homossexuais (2003)

Depois de abordar, em linhas gerais, a natureza e as características irrenunciáveis do matrimônio e algumas atitudes de autoridades civis diante do

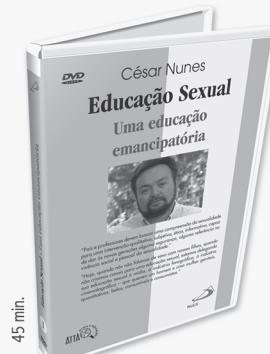
fenômeno das uniões homossexuais, o documento propõe algumas argumentações contra o reconhecimento legal de tais uniões. Os argumentos são de ordem relativa à reta razão (6), de ordem biológica e antropológica (7), de ordem social (8) e de ordem jurídica (9). Segundo os autores do documento, o respeito às pessoas homossexuais deve ser salvaguardado, mas ele “não pode levar, de modo nenhum, à aprovação do comportamento homossexual ou ao reconhecimento legal das uniões homossexuais”, pois “o bem comum exige que as leis reconheçam, favoreçam e protejam a união matrimonial como base da família, célula primária da sociedade”, e “reconhecer legalmente as uniões homossexuais ou equipará-las ao matrimônio significaria não só aprovar um comportamento errado, com a consequência de convertê-lo num modelo para a sociedade atual, mas também ofuscar valores fundamentais que fazem parte do patrimônio comum da humanidade” (11). Para o Magistério, não se trata de discriminação injusta tomar em consideração a tendência homossexual em alguns setores da atividade humana. No entanto, o Magistério se esquece de que muitas pessoas e sociedades podem até ser cegas em relação à própria discriminação, mas não são fracas quando se trata de encontrar todos os meios necessários para que “os armários” fiquem trancados, mesmo que, para isso, tenham de desrespeitar os direitos humanos fundamentais. Apelar para uma “justa” discriminação não tem nada a ver com o evangelho.

5. Instrução sobre os critérios de discernimento vocacional acerca das pessoas com tendências homossexuais e da sua admissão ao seminário e às ordens sacras (2005)

A instrução tem por objetivo deter-se numa questão que se tornou urgente na Igreja Católica – “a admissão ou não ao seminário e às ordens sacras dos candidatos que tenham tendências homossexuais profundamente radicadas” (2) – e “afirmar claramente que a Igreja, embora respeitando profundamente as pessoas em questão, não pode admitir ao seminário e às ordens sacras aqueles que praticam homossexualidade, apresentam tendências homossexuais profundamente radicadas ou apoiam a chamada cultura gay” (8).

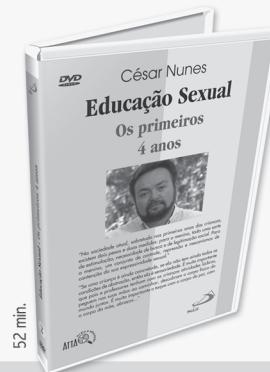
Trata-se, evidentemente, de uma situação delicada para todos. A formação humana nos se-

CONSTRUA UMA GERAÇÃO DE ADULTOS CONSCIENTES E COMPROMETIDOS COM O RESPEITO E A ÉTICA.



DVD Educação sexual I
Uma educação emancipatória

Este material instiga pais e professores a refletir sobre as consequências de se ausentarem do processo de educação sexual de crianças e jovens, convidando-os a uma necessária, preparada e amorosa intervenção.



DVD Educação sexual II
Os primeiros 4 anos

Este DVD trata dos conceitos presentes na sociedade quanto à definição dos papéis masculino e feminino nos primeiros anos de vida e discorre sobre as fases do desenvolvimento psicosocial das crianças até 4 anos de idade.

Criação PAULUS / A PAULUS se reserva o direito de alterar ou retirar o produto do catálogo sem prévio aviso. Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000

SAC: (11) 3789-4119

Visite nossa loja virtual
paulus.com.br



minários deve levar em conta a complexidade da sexualidade em contexto de pós-modernidade. Os desafios da vida presbiteral são os mesmos para todos: heterossexuais e homossexuais são chamados a uma vida consagrada a Deus e ao povo. A orientação sexual não deveria constituir um critério decisivo para negar ou não a uma pessoa o sacerdócio ministerial. Apesar de a instrução afirmar que as pessoas homossexuais “encontram-se, de fato, numa situação que obstaculiza gravemente um correto relacionamento com homens e mulheres” (9), torna-se difícil aceitar que esse argumento, por si só, seja convincente e justifique a proibição da ordenação de pessoas homossexuais. Maturidade afetiva, correta relação com homens e mulheres, verdadeiro sentido de paternidade espiritual não dependem da orientação sexual das pessoas. Ser heterosexual ou homossexual não deveria ser critério de exclusão ou de inclusão, mas, sim, a busca de uma sexualidade amadurecida no cotidiano da existência e no enfrentamento dos grandes dilemas do nosso tempo. O critério de discernimento deveria ser, sobretudo, o esforço de integração da sexualidade na personalidade e no próprio projeto de vida.

6. Aspectos teológicos e pastorais

A tensão entre o rigor doutrinal e a solicitude pastoral que caracteriza os documentos apresentados e tantos outros deve nortear nossa práxis pastoral. Evidentemente, não se trata de ser condescendente com toda e qualquer atividade sexual, mas de apresentar caminhos pelos quais a prática cristã se reencontre com o amor incondicional de Cristo. Apesar do rigor doutrinal dos documentos do Magistério, é possível construir uma ação pastoral cujo mote central seja o acolhimento amoroso e o combate ao preconceito moral e à violência social contra as pessoas homossexuais. Apresentamos alguns aspectos a serem considerados:

1. Nós nos relacionamos com os outros como homens e mulheres que, em relação à própria orientação afetivo-sexual, se sentem mais ou menos atraídos pelo sexo oposto ou pelo mesmo sexo, e isso não nos pode ser indiferente. O que fazemos com o nosso desejo é uma questão que, até o fim dos nossos dias, exigirá uma resposta e contínuo esforço de integração. Se, para ser considerada confor-

me os princípios da moralidade, uma relação amorosa deve ser “sexualmente muda”, dificilmente amor e sexo serão integrados na vida das pessoas cujo desejo não pode dizer o próprio nome. E essa separação pode ser mais imoral do que parece!

2. A sexualidade caracteriza o que somos e o nosso modo de nos situar diante dos outros. Enquanto realidade que nos impele a sair de nós mesmos e a entrar em relação com os demais, a nossa sexualidade se torna o lugar por excelência dessa experiência, lugar de comunicação e de comunhão, lugar de abertura e de diálogo, lugar da mais genuína experiência de reciprocidade e de amor, lugar que nos faz sentir participantes da bondade intrínseca da criação de Deus, seja qual for a condição na qual existimos.
3. O que humaniza a sexualidade é o esforço que fazemos para dar-lhe um significado positivo e para que ela seja linguagem desse significado. Mas isso só é possível se ela for integrada numa perspectiva mais ampla: a do projeto que assumimos para nos realizarmos como pessoas. E, por mais diversas que sejam as razões pelas quais vivemos, há uma que pode nos unificar a todos: queremos amar e ser amados. O amor pode ser assumido como o sentido de todo projeto de vida e, até mesmo, como o projeto de vida por excelência. E isso não é prerrogativa exclusiva das pessoas heterossexuais!
4. Não podemos apelar facilmente à palavra de Deus para emitir os nossos juízos se não assumimos a fidelidade à Palavra como valor por excelência. No entanto, devemos reconhecer que a fidelidade à Palavra implica levar a sério o texto no seu contexto e que a discrepância de certos contextos pode limitar a relevância de certas normas. Também devemos reconhecer que a fidelidade à Palavra exige empenho hermenêutico, pois a variedade dos textos-contextos pode modificar ou até mesmo qualificar determinado texto. Recorrer à palavra de Deus sem reconhecer que alguns textos são mais importantes do que outros, que nem todos têm a mesma autoridade e que não há palavra na Bíblia que não encarne, ao mesmo tempo, a fé e a memória seletiva da comunidade que a preservou significa usar

de forma reducionista a Palavra e fazê-la comprovar ou dizer o que as lentes por meio das quais nos aproximamos dela nos fazem ver.

5. Precisamos tomar cuidado com propostas que encorajam a separação entre sexualidade e relação, entre ser e agir. Toda relação nos obriga a sair de nós mesmos, e, quando isso acontece, independentemente da nossa orientação sexual, nos tornamos vulneráveis. A vulnerabilidade é dimensão intrínseca do amor humano. E só aprende a amar e a discernir as exigências do amor quem for capaz de renunciar a si mesmo. Isso, em princípio, não tem nada a ver com o fato de sermos hetero ou homossexuais.

6. O amor exige fidelidade. Quando amor e fidelidade não são importantes para conceder às relações apoio social, legal e eclesial, é muito mais fácil cair na promiscuidade. Quando os próprios desejos são negados, é muito mais fácil cair no anonimato. Promessas clandestinas são fáceis de ser quebradas. Precisamos, como comunidade eclesial, ter a coragem de elaborar uma ética sexual cristã que incorpore as experiências hetero e homossexuais em diálogo com a tradição, com a Escritura, em que todos sejam sujeitos e não objetos do discurso, certos de que a compreensão da sexualidade criada por Deus é pluriforme, a fim de que todos possam abraçar tão grande dom e fazê-lo servir ao processo de humanização e à busca da santidade.

Conclusão

Não seria hora de pensarmos numa “teologia da cidadania homossexual” que encontre ressonância nos documentos do Magistério, uma vez que a solicitude pastoral está contemplada no amor e no combate à violência? Pessoas ho-

mossexuais devem ser tratadas com respeito e dignidade. Todo educador da fé, todo agente de pastoral podem e devem propor ações pastorais que visem integrar as pessoas homossexuais em sua comunidade. É necessário também educar a comunidade para ser receptiva às pessoas homossexuais. Isso implica e inclui o combate à ignorância, que julga e vitima as pessoas de maneira medíocre. Os educadores da fé, os agentes de pastoral têm um papel fundamental na educação moral da comunidade, orientando os cristãos no combate à homofobia e ao heterossexismo. Precisamos também reconhecer que as pessoas homossexuais podem e devem ser protagonistas de uma teologia da cidadania homossexual, uma vez que muitas vivem a fé em Deus de forma intensa e estão abertas a acolher o Reino na própria vida, a santificar a própria existência, a ser sal da terra e luz do mundo na e a partir da própria condição. O rigor doutrinal não pode excluir a solicitude pastoral e o amor desmesurado que acolhem e transformam vidas.

Bibliografia

- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 1992.
- CONGREGAÇÃO PARA A DOUTRINA DA FÉ. *Persona humana: declaração sobre questões de ética sexual*, 1975.
- _____. *Carta aos bispos da Igreja Católica sobre o atendimento pastoral das pessoas homossexuais*, 1986.
- CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA. *Instrução sobre os critérios de discernimento vocacional acerca das pessoas com tendências homossexuais e da sua admissão ao seminário e às ordens sacras*, 2005.
- HARING, B. *Teologia moral para o terceiro milênio*. São Paulo: Paulus, 1991.
- JUNG, P. B.; CORAY, J. A. (Org.). *Diversidade sexual e catolicismo: para o desenvolvimento da teologia moral*. São Paulo: Loyola, 2005.
- LEERS, B.; TRASFERETTI, J. *Homossexualidade e ética cristã*. Campinas: Átomo, 2002.
- TRASFERETTI, J. A. *Pastoral com homossexuais: retratos de uma experiência*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- _____. (Org.). *Teologia e sexualidade*. Campinas: Átomo, 2004.
- VIDAL, M. *Sexualidade e condição homossexual na moral cristã*. Aparecida: Santuário, 2008.

LITURGIA DIÁRIA DAS HORAS

A forma de oração cultivada e aprovada pela longa tradição da Igreja em formato que permite mais fácil acesso e manuseio para todo o povo cristão, de maneira a difundir e recuperar essa prática milenar. Os fascículos mensais trazem a oração da manhã (Laudes), da tarde (Vésperas) e, a partir de 2011, incluindo também a oração da noite (Completas).

Assinaturas: (11) 3789-4000 • assinaturas@paulus.com.br

CASAL, MATRIMÔNIO E FAMÍLIA NA INTEGRAÇÃO COM A SOCIEDADE ATUAL

Christiane Blank*

1. Matrimônio e família em transformação

Nem o casal nem a família vivem em um vácuo. Os membros de cada um desses pequenos núcleos, além de interagirem entre si, estão inseridos numa sociedade, que, por sua vez, se encontra em constante transformação. No intercâmbio com as estruturas socioeconômicas, culturais e religiosas, também as próprias pessoas estão sendo modificadas. E as pessoas, por sua vez, mudam a sociedade.

É à luz desse complexo contexto que a situação do casal e da família tem de ser considerada. Caso realmente queiramos achar caminhos para amenizar a atual crise do matrimônio, devemos refletir com base em concepções dinâmicas de matrimônio e família. Estas realidades se encontram hoje num processo de permanente transformação e cada vez menos se apresentam como fenômenos uniformes e imutáveis.

Ao falar da família, seria, sem dúvida, muito mais fácil recorrer ainda hoje ao modelo da “tradicional família nuclear”. Este começou no Ocidente, a partir do Iluminismo do século XVIII, e consolidou-se no século XIX. Permaneceu intato até os anos 60 do século XX e continua sendo a forma de organização familiar predileta da Igreja.

Durante as turbulências políticas e sociais dos anos 60 e 70 do século XX, porém, são questionados cada vez mais as normas e os valores tradicionais. A acelerada industrialização e a urbanização mudam a estrutura social e também a divisão do trabalho. Com a crescente profissionalização e emancipação da mulher, altera-se a sua posição na sociedade e no casamento. Começa a surgir nova

compreensão do matrimônio que acentua a posição igualitária da mulher. Esta, cada vez mais, se torna parceira. Além disso, valoriza-se progressivamente o amor íntimo e pessoal entre os cônjuges. Como reflexo desses novos fenômenos, verificam-se mudanças fundamentais na convivência matrimonial e familiar. A título de exemplo, mencionamos em seguida algumas das mais significativas:

– Em média, as pessoas se casam cada vez mais tarde:

1991	Homens – 27 anos	Mulheres – 24 anos
2007	Homens – 32 anos	Mulheres – 28 anos (Fonte: IBGE)

– Aumentou o número das uniões consensuais (nem casamento civil nem religioso):

1998	21%
2007	31%

– Caiu a taxa de fecundidade no Brasil:

1960	6,3 filhos por mulher fértil
2004	2,3 filhos por mulher fértil

– Aumentou em média o tempo da convivência matrimonial (50 anos), em virtude da maior expectativa de vida dos cônjuges (72,7 anos em média em 2007 – IBGE).

– Ao mesmo tempo, cresceu significativamente o número das separações e divórcios entre cônjuges casados há muitos anos.

Essas mudanças não são fenômenos isolados. Fazem parte de um contexto mais amplo

* Christiane Blank, doutora em Teologia e psicóloga, é professora emérita da Pontifícia Faculdade de Teologia de São Paulo e de outros institutos de ensino superior. Publicou vários artigos e livros sobre teologia/psicologia matrimonial, entre os quais *Crescer no amor sem perder a paixão*, *Construir o matrimônio na pós-modernidade: novas estratégias construtivas e interativas para a convivência matrimonial* e, em coautoria com seu marido, Renold Blank, *Para o amor dar certo*.

de transformações. Com a individualização e a pluralização dos valores, surgiram novos modelos de convivência. Estes, cada vez menos, se orientam pelos ensinamentos das autoridades estatais ou eclesiás.

Aumentou o número dos divorciados (de 2006 até 2007 em 11% – IBGE) e dos separados (de 1991 a 2007 em 12,3% – IBGE). Ao mesmo tempo, cresceu a proporção dos casamentos em que ao menos um dos cônjuges era divorciado ou viúvo (1997: 9,9%; 2007: 16,1% – IBGE).

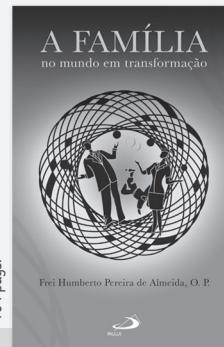
Assim surge, entre muitos outros modelos, a assim chamada “nova família”. Ela se caracteriza pelo fato de cada um dos parceiros trazer dos seus casamentos anteriores os respectivos filhos. Tal quadro familiar, que já não é simples, pode tornar-se mais complicado ainda com o nascimento de novos filhos do atual casal. Desse modo, verificam-se, dentro da mesma união, “filhos meus”, “filhos teus” e “filhos nossos”.

Esses fenômenos são típicos para a complexidade das questões matrimoniais e familiares nos dias de hoje. A Igreja se encontra assim diante do enorme desafio de enfrentar os problemas dessa nova realidade. Ela, que sempre defendeu a família como “Igreja doméstica”, como fundamento essencial para a educação e a convivência cristã, vê-se confrontada com um fato muito perturbador: a tão acentuada hegemonia do tradicional modelo matrimonial e familiar existe cada vez menos. Em vez disso, surgiram modelos alternativos, muitos dos quais em clara contradição com os ensinamentos dogmáticos da Igreja. Cresce o número dos católicos que vivem na assim chamada “situação irregular”; e os alertas do clero sobre tais problemas em geral não surtem o efeito desejado. Os fiéis se fecham aos apelos e muitas vezes até se afastam da Igreja.

O que fazer diante de tal situação?

Regras, leis, proibições e ameaça com sanções se mostraram pouco eficazes para a solução dos problemas existentes. Elas não conseguiram evitar o aumento progressivo da discrepância entre o matrimônio ideal, apresentado pela Igreja, e a realidade vivida por um número cada vez maior de pessoas. Diante desse fato, a Igreja se vê confrontada com desafios inquietantes e novos.

FAMÍLIA: CERNE DO AMOR, BASE PARA A EDUCAÇÃO.



104 págs.

A família no mundo em transformação
Frei Humberto P. de Almeida, O. P.

Livro que fala sobre este tão precioso bem concedido por Deus — a família — e dá dicas de como preservá-lo de forma cada vez mais frutuosa.



72 págs.



Experiência de Deus em família
Wilson João Sperandio

Os 16 temas aqui trabalhados são indicados para encontros de noivos, cursos de batismo, retiro de casais e pastoral familiar. É um convite a fazer a experiência de fé em família com a possibilidade de aprofundamento bíblico.

Criação PAULUS / A PAULUS se reserva o direito de alterar ou retirar o produto do catálogo sem prévio aviso. Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000

SAC: (11) 3789-4119

Visite nossa loja virtual
paulus.com.br



2. Não podemos fechar os olhos diante dos novos desafios

No atual contexto sociocultural, a convivência matrimonial tornou-se mais complexa e mais difícil. Vários fatores são responsáveis por esse fato, mas um deles é, sem dúvida, a mudança nas expectativas quanto ao próprio matrimônio. No passado, esperava-se que o casamento, além de possibilitar a construção de uma família, desse segurança econômica e social. A convivência foi regulada por meio de um contrato com direitos e deveres claramente definidos.

Hoje, porém, os casais que querem constituir família já não esperam do matrimônio primordialmente *status* social e segurança financeira. Além disso, já não se comprehende o matrimônio como contrato pelo qual se pode garantir a estabilidade da convivência conjugal e familiar. Em vez, acentua-se a importância da realização de um relacionamento profundamente pessoal; a satisfação das mútuas necessidades afetivas e a formação de um núcleo íntimo de amparo que protege contra um mundo marcado pela competição e pelo anonimato. Compreender esse contexto se torna assim a precondição indispensável para o agir pastoral da Igreja.

Em geral, o sistema socioeconômico e o mundo do trabalho atual oferecem poucas oportunidades para a autorrealização. Muitas vezes, as pessoas fazem parte de um sistema funcional anônimo, que deixa espaço muito limitado para manifestações pessoais. Acentua-se a objetividade, a racionalidade e o intelecto dentro de um ambiente marcado pelas necessidades de agir com eficiência e competitividade total. Para ter uma compensação a esse contexto muitas vezes frustrante e totalmente racionalizado, as pessoas buscam um espaço que lhes permita a realização emocional. Elas, mais do que nunca, necessitam de um ambiente em que encontrem compreensão, proximidade afetiva e sentido da vida. Assim, esperam encontrar no matrimônio e na construção de uma família tudo que lhes falta na sociedade tecnocrata de hoje.

Contudo, construir um relacionamento profundo e uma vida familiar feliz não é fácil num contexto como o acima descrito, sobretudo quando as expectativas são exageradas. Além disso, há o problema de que, em termos de interação

social, os cônjuges em geral são mal preparados para o desafio que começam a assumir.

Nas discussões sobre o papel da Igreja diante de toda essa nova situação, é essencial, primeiramente, tomar clara consciência da problemática. Só assim será possível, num segundo momento, adequar a ação às necessidades alteradas e às novas demandas dos casais de hoje e do futuro, a fim de fortalecer os laços entre os cônjuges e ajudá-los a lidar melhor com as dificuldades, que, em comparação ao passado, se tornaram muito mais complexas.

Para que tal ajuda se torne eficaz também no contexto atual, parece-nos fundamental começar com algo muito básico, que, todavia, muitas vezes foge da nossa atenção: devemos familiarizar os casais com a fascinante dinâmica da teologia matrimonial atual, que, no fundo, é muito pouco conhecida por grande parte dos que se casam ou já estão casados.

3. Familiarizar os casais com a dinâmica de uma teologia matrimonial atualizada

Um dos primeiros pressupostos para que o trabalho pastoral com casais realmente se possa tornar construtivo é conhecer a posição e as expectativas deles em relação à Igreja e aos seus representantes.

Em geral, esse quadro é bastante heterogêneo: as necessidades, sentimentos e atitudes dos casais variam muito. Pode ser constatado que, na sociedade contemporânea, existem claras tendências para uma volta ao sagrado. Muitas vezes, porém, trata-se de uma religiosidade que se distancia das tradicionais instituições eclesiás ou, além disso, caracteriza-se por atitudes bem críticas perante os pronunciamentos e os dogmas da instituição. No que diz respeito à questão matrimonial e familiar, isso significa que há muitas pessoas que se casam na Igreja e não obstante se opõem a certas diretrizes dessa Igreja. Elas frequentemente agem assim sem conhecer a imensa riqueza daquilo que a teologia matrimonial da Igreja elaborou nas últimas décadas. Concentram o seu enfoque em temas como a não admissão dos recasados ao sacramento da eucaristia ou nas questões da sexualidade e do controle de natalidade. Por não aceitarem a posição da Igreja nessas questões, sentem-se pouco compreendidas e tendem a reagir às propostas da instituição e dos seus representantes com preconceitos, medo e desconfiança.

Ao mesmo tempo, porém, conta-se um número crescente de pessoas que buscam na Igreja um lugar de segurança contra um mundo marcado por inseguranças. Estão à procura de diretrizes claras e verdades absolutas e prontas. Não raro, esperam dos sacramentos um poder mágico. Brigam às vésperas do casamento religioso como nunca – e pensam que, a partir da celebração do sacramento, todos os problemas se resolverão sozinhos.

Como lidar com essa diversidade de expectativas e atitudes dos casais? Como atender às necessidades dos críticos e dos revoltados? De que maneira reagir diante dos fiéis que esperam dos sacramentos soluções mágicas? E como lidar com aqueles que, nas suas expectativas em torno do matrimônio, já estão tão decepcionados, que, após pouco tempo, desistem do seu projeto de vida a dois? A consequência dessa desistência, em muitos casos, são sentimentos de culpa, raiva, fracasso e desespero, e essas emoções se tornam para muitos o motivo para afastar-se também da Igreja.

Em todos esses casos, trata-se de fenômenos, no fundo, muito trágicos. As pessoas fecham-se em si mesmas sem perceber que assim perdem uma das maiores oportunidades de sua vida. Isso porque, no seu fechamento, esqueceram-se ou talvez nunca se deram totalmente conta do profundo sentido daquilo que a Igreja acentua hoje sobre a união matrimonial: *Deus chamou, e sempre de novo chama, os parceiros dessa união a realizar uma aliança todo especial com ele.*

Essa aliança permite aos cônjuges construir um projeto de vida capaz de realmente dar sentido e felicidade plena à sua existência. Na teologia matrimonial contemporânea, a Igreja, no fundo, quer transmitir aos casais exatamente essa mensagem fascinante e fundamental!

Desde o Concílio Vaticano II até hoje, ela, nos seus documentos e na sua teologia matrimonial, deixa bem claro o que isso significa: é a boa-nova de que Deus acompanha o casal no seu caminho e fica junto a ele aconteça o que acontecer. No sacramento do matrimônio, Deus não estabelece apenas um contrato estático e inflexível; ele faz *uma aliança* com os cônjuges. Tal aliança, porém, significa que o próprio Deus se compromete com os cônjuges. Ele permanece ao lado do casal; está presente quando os côn-

jugos enfrentam as suas dificuldades e desafios e também quando erram e se perdem, quando se revoltam e até quando querem abandonar tudo. Ele é um Deus fiel, que ama e perdoa. Como na aliança com o povo de Israel, esse Deus não só acompanha, mas também fortalece os parceiros, para que sejam capazes de crescer por meio do processo dinâmico e evolutivo da vida em comum.

Tal processo, sem dúvida, pode ser difícil; ele permite, porém, que o ser humano desenvolva em liberdade as suas potencialidades, e isso também por meio dos próprios erros e acertos.

Mas Deus confia tanto no ser humano, que não apenas acompanha os cônjuges no seu projeto de vida. Ele, além disso, convida-os a colaborar num projeto maior: convida-os a participar na construção de um mundo melhor, denominado REINO DE DEUS.

À medida que os casais tomam consciência dessa sua vocação, conseguem sair de uma perspectiva puramente individualista e começam a enxergar a sua vida matrimonial num enfoque que, no fundo, abrange a história inteira do mundo. Como consequência de tal abertura, serão capazes de superar concepções estáticas que só paralisam e inspiram medo.

4. Superar concepções estáticas que paralisam e inspiram medo

É bom lembrar, nesse contexto, o que o teólogo holandês Edward Schillebeeckx já destacou desde os tempos do Concílio Vaticano II e também outros representantes da teologia atual acentuam: matrimônio é um processo que começa já bem antes de sua celebração social e que “no casamento socialmente reconhecido conhece um momento festivo de confirmação, mas depois, durante toda a vida, se deve desenvolver” (Baumann, 1988, p. 299).

É importante familiarizar os casais com o fato de que, na teologia matrimonial atual, realmente se fala do caráter processual do matrimônio. Muitos casais, porém, até hoje não se conscientizaram desse processo. Casam com expectativas enormes e muitas vezes irreais, pensando que os seus sonhos vão se realizar automaticamente por causa de seu amor. Outros, numa atitude até mágica, esperam que a

celebração do sacramento realize quase por si mesma a transformação do seu relacionamento imperfeito. Uns e outros esquecem que esse matrimônio, descrito pela Igreja desde os tempos do Concílio Vaticano II em termos de “comunidade de amor” (GS 47), “comunidade profunda de vida e de amor” (GS 50) ou “comunhão de toda a vida” (GS 50), não se alcança tão facilmente. Chegar a uma convivência tão profunda e rica é resultado de uma caminhada de longos anos. É fruto de difícil alcance, realizável apenas por meio de um processo de aprendizagem. Tal processo inclui erros e acertos, avanços e recuos. Quem, no seu amor, espera o absoluto e exige a perfeição imediata se decepcionará. Sentir-se-á desiludido e talvez até culpado. A Igreja, com toda a razão, declara que o matrimônio é uma “união íntima, doação recíproca de duas pessoas” (GS 48). Mas muitos casais esquecem que aqui se fala de um ideal a ser alcançado e assim se decepcionam, porque o seu próprio casamento ainda está longe disso. Às vezes até se sentem fracassados no seu projeto de vida e desistem.

A todos eles é importante dizer que àquela situação ideal de uma “união íntima” só se consegue chegar no decorrer de longo processo de vida.

Na conscientização sobre esse fato, é importante que, nos pronunciamentos teológicos e pastorais da Igreja, se acentue o caráter evolutivo do matrimônio. Ser casado significa ser no caminho, implica aprender a conviver, a partilhar, a aceitar e a perdoar. Na paixão do amor romântico inicial, as duas pessoas vivem muitas vezes num estado de êxtase e de simbiose profunda. Idealizam a pessoa amada da mesma forma que a encontramos no livro bíblico do Cântico dos Cânticos: “Como és bela, minha amada, como és bela! (...) És toda bela, minha amada, e não tens um só defeito” (Ct 4,1.7). Semelhante declaração de amor, escrita mais de 2.400 anos atrás, em nada se distingue do estado de êxtase e transcendência detectável em declarações de amor de dois namorados de hoje. Mas tal encantamento não pode durar para sempre. No confronto com a dura realidade, ambos os parceiros, mais cedo ou mais tarde, se desiludem e se frustram.

Na primeira fase do assim chamado “amor romântico”, pensavam ter alcançado para sem-

pre aquele estado de união profunda e absoluta. Todavia, quando o relacionamento entra em crise, os casais levam um choque que pode gerar profunda desilusão. Muitos já nem acreditam que seu amor é capaz de se transformar e se desenvolver, passando por outras fases até se aproximar realmente daquela convivência ideal, descrita pela Igreja como “íntima comunhão de vida e de amor” (GS 48). Uma comunhão profunda em que se recupera, em outro nível, o entusiasmo da paixão inicial e em que, ao mesmo tempo, se aceita e ama a outra pessoa em toda a sua imperfeição.

Como a evolução do amor passa por tais fases, o casal tem de ser preparado e assistido não apenas para a crise na fase inicial, mas também para todas as outras que surgirão no caminho. Numa sociedade que acentua o individualismo, pouco se aprende hoje sobre a interação entre duas pessoas e sobre a maneira de lidar com frustrações. Numa situação em que as expectativas e necessidades de cada um dos parceiros são enormes, as reações às decepções muitas vezes são radicais: vale o tudo ou nada. Não existe meio-termo. Com isso, se agrava o perigo de que aquilo que começou com muito entusiasmo e boa vontade termine no desespero, no fracasso, no fim de um projeto de vida e no afastamento da Igreja.

5. Acolher, servir e ajudar em vez de condenar

Para impedir tal quadro, é essencial que a Igreja acentue na sua pastoral a mensagem de que o casal está no caminho, mas, nesse processo, está sendo acompanhado e ajudado por ela. O casal deve sentir que tem alguém ao seu lado que comprehende as suas dificuldades e não cobra com exigências rígidas aquilo que, no momento, parece-lhe impossível.

Tais exigências pastorais em nada estão em contradição com uma ética teológica. Ressalta-se hoje que a ética não pode ser reduzida a uma ética normativa: “Na busca da verdade ética, a teologia moral explora sobretudo espaços de liberdade e possibilidades do ser e do devir humano. Estes devem servir ao ser humano e ao êxito da sua vida. Não se trata de construir um fardo pesado para as pessoas” (Wonka, 2009, p. 188).

Aplicando essas palavras ao nosso tema, podemos dizer que os cônjuges, em vez de se

sentirem pressionados e ameaçados, deveriam se sentir acolhidos em toda a sua imperfeição. O processo evolutivo “não é um processo de *imprinting* das regras e das virtudes através da modelagem, do ensino, da punição e da recompensa, mas um processo de reestruturação cognitiva” (Duska e Whelan, 1994, p. 103). Uma vez que ser casado significa muito mais do que o seguimento de leis e prescrições, os casais devem ser ajudados a desenvolver a sua capacidade para um amor íntimo e pessoal. Um amor capaz de superar todo egocentrismo e individualismo; em uma palavra, um amor responsável e solidário.

Para que tal desenvolvimento seja possível, a pastoral matrimonial deve oferecer mais oportunidades concretas de socorro e acompanhamento. Nisso podem ajudar as novas estratégias metodológicas elaboradas pela psicologia. Elas, também no âmbito da Igreja, revelaram-se muito eficientes no trabalho com casais, auxiliando-os no desenvolvimento das próprias faculdades e potencialidades, tais como a comunicação, a resolução de problemas e o entendimento empático.¹

Mas, para construir um projeto de vida em comum, não basta desenvolver apenas as faculdades promovidas pela psicologia. Uma vida bem-sucedida a dois precisa também de uma base moral. E essa base, por sua vez, deve ser construída e fortalecida. Isso significa, na prática, que devem ser desenvolvidas virtudes como tolerância, solidariedade e fidelidade, além do pensamento crítico e criativo, do juízo moral e da capacidade de autorregulação (Carrecedo, 1999, p. 282).

Esse tipo de desenvolvimento, porém, não se realiza de maneira automática, e assim se abre mais um campo importante para o agir pastoral.

6. Acentuar potencialidades em vez de denunciar deficiências

Com essas novas estratégias, muda também o enfoque da pastoral matrimonial. Em vez de

concentrar a atenção nas deficiências dos casais e na evitação de eventuais “desastres”, a Igreja ressaltará a importância do desenvolvimento das potencialidades existentes. Dessa maneira, ela não concentra o seu trabalho no combate a possíveis erros e fracassos. Em vez disso, acentuará nas suas atividades aquilo que é profundamente cristão: a imensa esperança, a profunda confiança nas potencialidades do ser humano. Assim como Deus, em sua aliança, confiou no ser humano, a Igreja acentuará, no seu enfoque, as potencialidades dos cônjuges.

A história da psicologia e da psiquiatria mostra como tal mudança de paradigma pode ser construtiva. No passado, o seu trabalho partiu em geral das deficiências, acentuando os problemas, os perigos e as ameaças. Diante desse quadro, as pessoas muitas vezes se sentiam impotentes. Medo, angústia, desesperança bloqueavam a sua vitalidade e davam espaço a uma agonia que paralisava. Hoje o enfoque mudou. Sem negar as dificuldades existentes, busca-se solucionar os problemas também com base nas potencialidades de cada indivíduo. Acreditando e investindo nas próprias capacidades do ser humano, nasce assim nova esperança. Cresce a resiliência, fortalece-se a coragem de enfrentar os desafios e abre-se a perspectiva para um novo futuro.

Não há instância melhor que a Igreja para basear também o seu trabalho, em primeiro lugar, na esperança cristã. Isso em nenhum momento significa fortalecer aquelas expectativas já mencionadas, segundo as quais os sacramentos teriam poder mágico e agiriam de maneira automática. Esperança cristã significa evocar aquele espírito dos bem-aventurados que se libertam da sua passividade. Trata-se de encorajar os casais a começar a construir um mundo melhor com base nos próprios recursos. Não vamos negar que tal trabalho é árduo e significa um investimento a longo prazo. As questões complexas não se resolvem com conselhos bem-intencionados ou por meio de uma fé cega. A pastoral matrimonial não pode e não deve tentar resolver os problemas dos casais. Deve, sim, encorajá-los e capacitá-los para que dialoguem, superem atritos, ajam com autonomia e decidam com responsabilidade. O desenvolvimento assim incentivado não se dará de forma linear e contínua. Ele, num processo de avanços e recuos, vai proporcionar momentos de

¹ A descrição de tais métodos e uma vasta bibliografia encontram-se, por exemplo, em: BLANK, C. *Construir o matrimônio na pós-modernidade*. São Paulo: Paulus, 2006; BLANK, C. *Crescer no amor sem perder a paixão*. São Paulo: Paulus, 2007.

grande alegria, proximidade e intimidade, mas também outros nos quais predominam as brigas, o ódio e a solidão.

De todo modo, cabe sempre lembrar que o elemento central nessa experiência não é apenas o resultado final, mas todo o processo que o casal percorre. O especialista alemão em moral Dietmar Mieth opõe-se explicitamente a uma ética que só vise ao êxito. Ele frisa que “o homem não é apenas aquilo que conseguiu em termos de resultado. Em vez disso, ele se torna aquilo que é através de seu agir” (Mieth, 1986, p. 75). Isso não vale apenas para a existência como um todo, mas também para a situação específica do relacionamento matrimonial. Este deve ser compreendido como processo que não pode ser considerado apenas em vista do êxito final, mas muito mais em todos os seus momentos de esforços, tentativas e lutas.

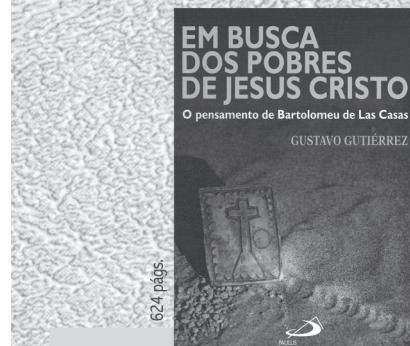
Acentuar essas perspectivas processuais e dinâmicas em nada significa trair os grandes ideais do matrimônio cristão. Muito menos se quer negar o necessário empolgamento num processo cuja meta é a realização de profunda comunhão de vida e de amor dos cônjuges. O que, em verdade, se quer é aliviar a pressão causada pela ideia de que tudo, do início até o fim, deve necessariamente dar certo. Diminuindo tal expectativa exagerada, evita-se o desespero e a paralisação em situações críticas. Mas, ao mesmo tempo, abrem-se novas dimensões de esperança, marcadas pela perspectiva da misericórdia, conforme a práxis de Jesus Cristo (cf. Mt 9,13).

É importante lembrar os casais de que, na realização de seu projeto de vida, estão acompanhados por uma pastoral para a qual a misericórdia de Jesus se revela mais importante do que a fria aplicação de leis.

Bibliografia

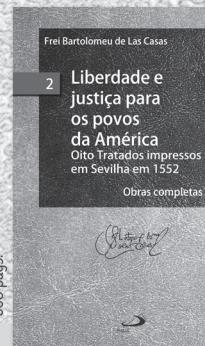
- BAUMANN, U. *Die Ehe – ein Sakrament?* Zürich: Benziger, 1988.
- CARRECEDO, J. R. Educação moral. In: VIDAL, M. *Ética teológica*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- DUSKA, R.; WHELAN M. *Desenvolvimento moral na idade evolutiva*. São Paulo: Loyola, 1994.
- MIETH, Dietmar. *Die Spannungseinheit von Theorie und Praxis: Theologische Profile*. Freiburg Schweiz: Universitätsverlag, 1986.
- WONKA, M. *Vom Ethos gelingender Liebe in christlicher Ehe*. Hamburg: Dr. Kováč, 2009.

CONHEÇA O TRABALHO DE UM DOS MAIORES MISSIONÁRIOS DA HISTÓRIA DO CRISTIANISMO.



Em busca dos pobres de Jesus Cristo
O pensamento de Bartolomeu de Las Casas
Gustavo Gutiérrez

O presente livro é resultado de mais de vinte anos de pesquisa feita por Gustavo Gutiérrez, que trata da perspectiva missionária e teológica de Bartolomeu de Las Casas.



Liberdade e justiça para os povos da América
Oito Tratados impressos em Sevilha em 1552 (Obras completas)
Frei Bartolomeu de Las Casas

Esta obra apresenta os estudos recentes sobre a vida e os escritos de Frei Bartolomeu de Las Casas, missionário e bispo que propôs uma forma alternativa de colonização e de evangelização para os povos da América.

Vendas: (11) 3789-4000

SAC: (11) 3789-4119

Visite nossa loja virtual
paulus.com.br



CASOS DE PEDOFILIA NA IGREJA: RETIRANDO ALGUNS VÉUS

Ênio Brito Pinto*

A questão da pedofilia é uma das mais importantes no mundo católico de hoje. Ela, propriamente, não é nova, ou seja, a pedofilia não aumentou, mas aumentaram a percepção dela e a aversão a ela, o que é um fato positivo. Este artigo tem a finalidade de, com base no referencial da psicologia, auxiliar na compreensão da pedofilia e no combate a seus danos; seguirá o caminho de discutir e retirar alguns véus que têm sido postos sobre o assunto ao longo do tempo, para que os debates sobre e as ações contra esse comportamento possam se tornar cada vez mais efetivos. Como a pedofilia é um desvio na vivência e na compreensão da sexualidade, começarei discutindo como deve ser entendida a sexualidade humana, apontando algumas de suas peculiaridades mais importantes do ponto de vista psicológico; depois, discutirei o que caracteriza um abuso sexual e como a pedofilia se encaixa nesse construto, para buscar descrever e compreender, ainda que sumariamente, a posição da vítima e do abusador; comentarei a participação de alguns padres no papel de abusadores e as atitudes da Igreja e da sociedade com relação a eles; finalizarei propondo algumas possíveis ações que podem ser tomadas com relação às vítimas e aos abusadores.

Para muitas pessoas, o abuso sexual se dá por meio de relação sexual ou manipulação genital, o que é apenas parcialmente verdadeiro: há muitos abusos sexuais que não têm qualquer relação com a genitalidade, mas atingem pontos centrais da identidade das pessoas vitimadas, lesando especialmente a capacidade de confiar, matriz da possibilidade de ter esperanças na vida. Imagino que a percepção do abuso sexual como algo ligado estreitamente à área genital se

baseie em certa confusão, bastante comum, entre sexo e sexualidade. Tendo isso em vista, começo esta conversa definindo, ainda que de forma sucinta, o que é sexualidade para que, mais adiante, possamos caracterizar e compreender mais corretamente o abuso sexual.

1. A sexualidade humana

A sexualidade vai além do sexo e o inclui. Para a psicologia, a palavra “sexo” diz respeito ao sexo de nascimento (macho ou fêmea), ao ato sexual (fazer sexo) e aos órgãos sexuais. A sexualidade é isto – o sexo – e muito mais: erotismo; sedução; masculinidade e feminilidade; hetero, homo ou bissexualidade; grande parte da consciência corporal; identidade sexual; namoro e casamento; meio de expressão de grande parte dos afetos e dos contatos humanos. Enfim, a sexualidade é essa enorme e complexa rede de significados e de concretudes que envolve o fato de sermos seres sexuais, simbólicos e culturais. Em razão disso, a sexualidade é fundamental no estabelecimento da identidade e da autoestima de cada pessoa, constituindo, assim, zona sensível para a maneira como cada pessoa vive, se vê e vê o mundo.

Por ser assim tão complexa e tão fundamental, por ser assim tão sensível, é que a sexualidade exige cuidados desde muito cedo na vida de uma

* Psicólogo graduado pela PUC-RJ e psicopedagogo pela Unip, além de mestre e doutor em Ciências da Religião pela PUC-SP. Autor dos livros *Orientação sexual na escola – a importância da psicopedagogia nessa nova realidade e Sexualidade – um bate-papo com o psicólogo*. Professor da UniFMU, no curso de Musicoterapia, e dos cursos de Educação e Terapia Sexual da Faculdade de Medicina do ABC.

pessoa. Um desses cuidados, por exemplo, diz respeito à escolha do nome a ser dado ao filho que nasce: esse nome terá conteúdos referentes à sexualidade. Quer dizer, há nomes apropriados para homens, há nomes apropriados para mulheres, são pouquíssimos os nomes que servem para os dois sexos. Há inúmeros outros exemplos que poderíamos levantar para caracterizar ainda mais a importância da sexualidade na vida das pessoas, mas deixo a busca desses exemplos como um pequeno exercício para quem me lê: olhe curiosamente para si e para as outras pessoas e se pergunte quantos e quais cuidados você tem que apresentam relação estreita com a sexualidade.

Esses cuidados aparecem desde a mais tenra infância e terão influência sobre todas as outras áreas da existência: uma ofensa à sexualidade se torna uma ofensa ao ser, tal a centralidade da sexualidade na relação de cada pessoa consigo e com os outros. Por isso, o tema do abuso sexual, especialmente na infância e na juventude, é tão grave. Na verdade, deveríamos chamar esses atos de abusos contra a sexualidade, para deixar ainda mais claro que as suas consequências transcendem em muito ao sexo, afetando a própria existência.

Ao estudar a psicologia da sexualidade, há que partir de uma constatação óbvia: a sexualidade humana situa-se muito além do natural, sendo mais marcada pela cultura que pela natureza. A sexualidade humana, por sua plasticidade e variabilidade, por seus componentes simbólicos, por sua configuração cultural, vai além da instintividade, constituindo-se muito mais como fruto da reflexão e como resultado do vivido e da educação. O comportamento sexual instintivo é próprio de cada espécie, mas para nós, humanos, ele vem sofrendo adaptações culturais de tal monta, que já não é possível dizer qual seria o comportamento sexual das pessoas se pudessem voltar ao tempo do puro instinto. Símbolos, regras culturais, vestimentas, cosméticos, adornos são alguns dos tantos elementos artificiais que o ser humano foi criando e que acabaram por proporcionar uma ampliação no conceito de sexo humano, donde a necessidade de falarmos da sexualidade humana.

Essa sexualidade pode ter comportamentos desviantes quanto à natureza e/ou à norma

cultural, mas não necessariamente patológicos. Dizendo de outra maneira: cada cultura tem uma determinação sobre o que é normal ou desejável em termos de comportamento sexual, e toda cultura aceita variações quanto a essas normas, desde que discretas e não lesivas para a cultura ou para os envolvidos; além disso, as normas culturais não são perenes nem imutáveis, de modo que mudam no decorrer do tempo, como aconteceu, por exemplo, com a questão do divórcio: se hoje no Brasil temos até a pastoral dos divorciados na Igreja Católica, algumas décadas atrás uma mulher separada era impedida até de visitar a casa de famílias amigas.

2. O abuso quanto à sexualidade

Por causa dessa complexidade da sexualidade humana, delimitar o que seria sadio ou patológico não é, na maioria das vezes, tarefa simples. Dadas as limitações deste artigo, não vou me ater a essa questão, mas ficar aqui com a definição mais básica e simples, segundo a qual é inadequado ou patológico o comportamento sexual que é, na maioria das vezes, preferencial, repetitivo e compulsivo, que comumente provoca ansiedade e/ou culpa e/ou ódio, que não é legitimamente consentido por uma das partes envolvidas. Como consentimento ilegítimo entenderei aqui o consentimento obtido de pessoas sem discernimento ou maturidade para avaliar adequadamente a situação – por exemplo, crianças e deficientes mentais.

A pedofilia é um comportamento doentio que traz prejuízos sérios e importantes às suas vítimas e também aos abusadores, pois acabam todos, vítimas e abusadores, adoecidos. A pedofilia é, portanto, um tipo de abuso sexual.

Há alguns elementos que servem como base para caracterizar a pedofilia como um abuso sexual: trata-se de comportamentos que tenham a finalidade de excitar sexualmente uma criança ou obter excitação sexual por meio do contato com uma criança. Tais comportamentos se dão com o propósito de atender aos desejos e às necessidades do abusador. Eles são praticados por um abusador com mais de 16 anos que seja ao menos cinco anos mais velho que a criança sua vítima (cf. DSM-IV). Esses comportamentos podem ter dois tipos de caminhos: a) com uso de violência e/ou coação física ou psicológica; b)

com uso de sedução para conseguir a anuência da criança.

Como bem afirma Pires Filho (2009), “os abusos sexuais acontecem independentemente de classe social, nível socioeconômico, raça, etnia e religião. Crianças são envolvidas no abuso sexual na cidade e na zona rural. A maioria dos agressores sexuais é heterossexual e tem relações sexuais com adultos”.

Os abusadores pedófilos geralmente são pessoas que têm, além de uma fachada de respeitabilidade, boa participação social. Na maior parte das vezes, são pessoas próximas da criança; com maior frequência ainda, pessoas da própria família da criança. Pais, padrastos, irmãos, tios, primos, amigos da família estão no rol dos abusadores, com predominância daqueles que estão, no dia a dia, mais próximos da criança. Entre os amigos da família, quer dizer, entre as pessoas que desfrutam da confiança, às vezes irrestrita, da família, estão os padres; e entre os padres há alguns abusadores, como todo o mundo já sabe. Quero tecer alguns comentários a respeito disso.

3. Casos de abuso entre o clero

Nestes muitos anos de trabalho como psicoterapeuta, tenho entre as pessoas de vida consagrada uma parte importante de meus clientes. É com base em muitos estudos e discussões com colegas, além da minha experiência com essa clientela e com a problemática da sexualidade – pedofilia incluída –, que desenvolverei as considerações que seguem.

Quero começar por três coisas importantes, que acabaram por constituir verdadeiros mitos quando se discute a pedofilia e sua relação com o clero. A primeira diz respeito à prevalência: não há mais pedófilos entre o clero que entre a população em geral. Como afirma Silva (2008), citando trabalho de Sperry, “as estimativas mais confiáveis indicam que menos de 2% dos sacerdotes têm tido sexo com menores pré-púberes. Na pesquisa de Loftus & Camargo, esse diagnóstico representou 2,7%”.

O segundo mito tem relação direta com o primeiro: se não há mesmo uma prevalência maior de pedófilos entre o clero, então não há também nenhuma conexão direta entre celibato e pedofilia, como gostariam de acreditar alguns. Tivesse, de maneira geral, o celibato alguma rela-

CONHEÇA A HISTÓRIA DAS RELIGIÕES COM OS LIVROS DA PAULUS.



Herdeiros de Abraão
O futuro das relações entre muçulmanos, judeus e cristãos
Bradford E. Hinze e Irfan A. Omar (orgs.)

Nomes respeitados do meio teológico mostram que é possível promover a mútua compreensão e valorização das diferentes tradições.



Prelúdio à história das religiões
Momolina Marconi

A publicação propõe ao leitor um caminho de estudos que parte do mito e abarca, entre demais temas, o estudo dos deuses, do sacerdócio, do sacrifício, das imagens, das relíquias, da máscara e do gesto.

Vendas: (11) 3789-4000

SAC: (11) 3789-4119

Visite nossa loja virtual
paulus.com.br



ção com a pedofilia, deveríamos encontrar entre os celibatários um número maior de pedófilos, o que não ocorre.

O terceiro mito é uma possível relação entre o comportamento pedofílico e a homossexualidade. Embora houvesse, no princípio dos estudos sobre esse tema, a crença de que se encontraria uma prevalência de homossexuais entre os pedófilos, inúmeros estudos hoje demonstram que, ao contrário, a maioria dos pedófilos provavelmente é heterossexual.

Se passearmos pela internet, encontraremos muitos e muitos *sites* que tratam da pedofilia entre o clero como se ela fosse maior que entre os leigos. Também a falta de relação entre celibato e pedofilia é sempre posta sob suspeita por muitos, bem como a falta de prevalência de homossexuais entre as pessoas que sofrem dessa patologia. Não é raro crenças muito arraigadas resistirem e não cederem ante dados de pesquisas científicas sérias. Como poderíamos compreender isso? Sem pretender esgotar o assunto, tenho uma hipótese.

O ato pedofílico é uma traição. A criança é traída em sua confiança no adulto e no mundo adulto. Muitas vezes é traída na ideia que tem, tão básica existencialmente, a respeito da família; são aqueles casos – que provavelmente representam a maioria (segundo o Unicef, em 90% dos casos de violência sexual contra meninas no Brasil, o agressor é o pai ou padrasto) – em que o abusador é um membro importante do núcleo familiar (pai, padrasto, irmão, tio...). Nesses casos, de maneira geral, a mãe também é traída em sua confiança no parceiro que escolheu para sua vida. Em outros casos, a família é traída; são aquelas histórias em que o abusador é alguém que merecia a confiança da família e frequentava a casa de sua vítima. Amigos, companheiros de trabalho, empregados e – suma traição! – o representante de Deus. O padre que comete esse tipo de traição trai não somente a confiança da família no humano, mas – e pior – também a confiança na divindade, a qual, por princípio, representa. Essa é uma traição difícil de perdoar.

Para a imensa maioria das pessoas, o padre não é apenas humano. Concretamente, ele é um ser humano e como tal deve ser compreendido e acolhido; simbolicamente, é o representante de um arquétipo, é um sacerdote – portanto, um paradigma. Sua traição é mais traiçoeira:

ela é humana e simbólica, fere a confiança no humano e a confiança no mistério. Por mais que, estatisticamente, haja tantos padres pedófilos quanto leigos pedófilos, a pedofilia do padre ofende mais. Por isso é vivida como se fosse mais frequente. Ela não é mais frequente, é mais pungente.

4. A criança abusada

Se olharmos a história da humanidade, veremos que, durante muito tempo, a criança foi tratada como um pequeno adulto; mais tarde, a infância passou a ser vista como fase de preparação para a vida adulta. Essa situação vai mudar somente no século XX, quando alguns cientistas e alguns educadores se interessam pela infância como tal, quer dizer, seguem e propõem um caminho que busca compreender a criança como criança, não somente como alguém em fase de preparação para a vida adulta.

Na área da sexualidade, a visão sobre a criança segue caminho paralelo. Segundo Ariès (1981), em grande parte do Ocidente, até o século XVII, não se pensava sobre a necessidade de respeito para com as crianças e de pudor diante delas. Diz Ariès que havia duas razões para isso: “primeiro, porque se acreditava que a criança impúber fosse alheia e indiferente à sexualidade. Portanto, os gestos e as alusões não tinham consequência sobre a criança. Segundo, porque ainda não existia o sentimento de que as referências aos assuntos sexuais, mesmo que despojados na prática de segundas intenções equívocas, pudessem macular a inocência infantil”.

Segundo Pires (2009), “ainda no final do século XVI, a partir de um movimento de alguns educadores, tanto católicos como protestantes, uma significativa mudança nos costumes começa a ser produzida, sendo implementada durante todo o século XVII, com o emergir da noção de ‘inocência infantil’”. Pires demonstra que, até o século XIX, as preocupações com a assistência social às crianças e com a sua saúde eram tão somente no sentido de protegê-las contra a crueldade. É no século XX, especialmente a partir de 1910, que a atuação da área da saúde com as crianças se amplia para a tentativa de diminuir a mortalidade infantil e a delinquência juvenil. Para Pires, “apenas na segunda metade do século XX, a relação sexual

entre um adulto e uma criança ou adolescente foi julgada e universalizada como abuso sexual. Isso ocorreu nos anos de 1961 e 1962, quando começou a emergir a noção de ‘abuso infantil’, nos EUA, sendo incluído na lista de categorias médicas do *Index medicus*”. Somente anos depois, na década de 1970, “atendendo às reivindicações dos movimentos feministas, o conceito de ‘abuso sexual’ foi ampliado do sentido restrito de relações genitais, passando também a considerar as carícias, a exposição de crianças às intimidades de casais e os jogos sexuais entre irmãos”.

Essa mudança na maneira de lidar com a sexualidade e com as crianças e com a sexualidade das crianças em nossa cultura nos faz conhecer hoje as graves consequências do abuso sexual perpetrado contra elas. Atualmente, sabemos que o abuso deixa inúmeras sequelas, algumas das quais só superadas com muita dificuldade e com a ajuda de outras pessoas, sobretudo de profissionais da área da saúde (psicólogos, assistentes sociais e psiquiatras, principalmente).

Ainda que constrangidas, ainda que eventualmente se sentindo culpadas, mesmo quando não têm espaço para denunciar explicitamente o que lhes acontece, as crianças violentadas dão sinais de que algo vai mal. É muito importante que os pais e as escolas estejam atentos a esses sinais. Os sintomas mais comuns, entre inúmeros outros, são os seguintes: problemas com o sono, incluindo o aparecimento frequente de pesadelos; tristeza profunda, passividade exagerada ou mesmo depressão; rebaixamento inexplicável da autoestima; confusão e dúvidas sobre a sexualidade, especialmente sobre a orientação sexual, podendo chegar a certa exacerbação das questões sexuais; dificuldade para criar ou manter vínculos; certo embatimento afetivo.

5. O que fazer, então?

Antes de tudo, é preciso ter presente que o abusador, o pedófilo, é uma pessoa doente. A vítima, criança ou adolescente, geralmente se torna doente em decorrência dessa experiência. Ambos, abusador e vítima, merecem e devem ser cuidados; isto é, a primeira alternativa que deve ser oferecida a essas pessoas é um tratamento adequado de suas doenças. Um tratamento sério

e bem orientado que lhes possibilite voltar a crescer: o abusador mediante o amadurecimento e a mudança de objeto sexual, o abusado mediante a possibilidade de superação da terrível vivência e transformação do sofrimento em sabedoria. Somente alguns poucos abusadores são mais casos judiciais que psicológicos, ao contrário do que pensa o senso comum.

São muitas as ações que podemos tomar diante desse drama, especialmente a família, a vítima, o abusador e a Igreja, além da sociedade como um todo.

Às famílias compete, sobretudo, a busca de maior espaço para que seus membros possam contar de si sem medo de serem julgados ou rejeitados. No que se refere à sexualidade, já é mais do que hora de transformarmos as questões sexuais em temas de conversas familiares, possibilitando que a sexualidade deixe o âmbito do silêncio familiar, ou seja, que se possa criar clima de confiança e de respeito dentro da família para que as questões mais íntimas tenham uma acolhida e um espaço cuidadosos, sem evasões ou invasões, o que é difícil, mas possível. A família deve lembrar que o silêncio das crianças e dos adolescentes pode ser tóxico para eles; deve levar sempre em cuidadosa consideração as falas das crianças e dos adolescentes; deve lembrar que crianças e adolescentes com pouca presença dos cuidadores em sua vida acabam por desenvolver carências que as tornam mais vulneráveis aos apelos sedutores dos abusadores. O diálogo é o melhor caminho de prevenção desse tipo de sofrimento.

Às vítimas compete a difícil busca da percepção de que os sofrimentos vividos podem ter algum sentido no todo da vida; compete-lhes lutar e lutar e lutar para tentar suplantar o horror e transformá-lo em crescimento e exemplo; compete-lhes denunciar sempre que possível, para que os abusadores possam ser tratados ou punidos; compete-lhes, enfim, árdua batalha pela recuperação da esperança e pela redescoberta de que sua presença neste momento e neste mundo tem sentido e pertinência. Compete-lhes, ainda, compreender que, se existem adultos não confiáveis, também existem os que são dignos de confiança, e estes são maioria.

O abusador deve buscar a consciência de ser uma pessoa que tem uma doença, lembrar que essa doença tem tratamento e buscar esse trata-

mento. Precisa ter presente que essa patologia não é, a princípio, problema moral, mas, sim, de saúde, e que apenas sua força de vontade não bastará, a não ser muito temporariamente, para livrá-lo de comportamentos tão destrutivos e autodestrutivos. Precisa desenvolver sua capacidade de empatia, tanto para poder perceber o grande mal que ocasiona a outras pessoas – crianças, pais, sociedade – quanto para poder vencer o medo de se expor a pessoas confiáveis e pedir ajuda para se tratar. Precisa também ter a coragem de vislumbrar um futuro possível, no qual a doença não será mais do que uma triste lembrança e a realidade será a expansão do diálogo com o humano e com o divino.

A Igreja não deve esconder, mas tratar; não deve transferir de paróquia ou diocese, mas possibilitar ao padre pedófilo o acesso aos mais modernos processos de tratamento. Propiciar-lhes a possibilidade de cura muito mais que tentar compreendê-los apenas do ponto de vista teológico ou moral. Na preparação dos seminaristas, vale para a Igreja tudo o que escrevi para a família, com o acréscimo de que, como já recomendou o Papa, os seminários contem com o suporte de psicólogos, que trabalharão para ampliar o autoconhecimento dos seminaristas, ainda o melhor antídoto para o veneno da pedofilia.

À Igreja cabe ainda algo que, parece-me, ajuda no cuidado para com as vítimas e suas famílias: efetivamente favorecer ou apoiar a

recuperação da saúde das pessoas lesadas por um representante da Igreja.

A todos compete a busca por ações preventivas, pois, na saúde, é sempre melhor prevenir que remediar, já diz o dito popular. Aqui, as palavras-chave são diálogo, solidariedade, compaixão.

À família, às vítimas, aos abusadores, à Igreja, à sociedade como um todo compete ter coragem para reconhecer o trágico da existência humana e para lidar com ele a fim de transformá-lo, sempre que possível, em meio de humanização e de esperança.

Bibliografia

- ARIËS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- DSM-IV-TR – Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais. 4. ed. ver. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- PINTO, Énio Brito. *Orientação sexual na escola: a importância da psicopedagogia nessa nova realidade*. São Paulo: Gente, 1999.
- _____. *Sexualidade: um bate-papo com o psicólogo*. São Paulo: Paulinas, 2002.
- PIRES FILHO, Moacyr Ferreira. *Abuso sexual em meninos: a violência intrafamiliar através do olhar do psicólogo que atende em instituições*. Curitiba: Juruá, 2009.
- RODRIGUES JÚNIOR, Oswaldo Martins. *Objetos do desejo: das variações sexuais, perversões e desvios*. São Paulo: Iglu, 2000.
- SILVA, Rosa Eliza. *Diagnóstico em atendimento psicoterapêutico a religiosos: prevalências psicossexuais*. Dissertação de mestrado – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

A revista VIDA PASTORAL pode ser solicitada pessoalmente em todas as livrarias PAULUS. Caso você more em uma cidade que não possui livraria PAULUS, envie seus dados, possivelmente acompanhados de contribuição espontânea para as despesas de envio (cheque nominal à Pia Sociedade de São Paulo) ou comprovante de depósito em uma das contas abaixo:

Banco do Brasil, agência 0646-7, c/c 5555-7
Bradesco, agência 3450-9, c/c 1139-8

Enviar para o seguinte endereço:

REVISTA VIDA PASTORAL – ASSINATURAS
Cx. Postal 2534
01060-970 – São Paulo – SP
assinaturas@paulus.com.br
(11) 3789 – 4000 fax: (11) 3789-4004.

COMPREENDENDO O PROBLEMA DA PEDOFILIA EM SUA PROFUNDIDADE

Pe. João Batista Libanio, sj*

Pe. Nilo Ribeiro Júnior, sj**

Introdução

Há profunda diferença entre informação e transmissão. A informação se prende ao presente e funciona horizontalmente. Lança-nos à vista fatos advindos de diferentes partes do mundo de forma simultânea. Quando se volta para o passado, recolhe elementos dos programas de dados da internet, tal como o Google, sem perspectiva histórica. Tudo parece acontecer pela primeira vez, sem conexão com o passado.

A questão da pedofilia não é exceção. Caiu do céu como algo aberrante de hoje e de homens de Igreja. E caiu sobre a Igreja a triste pecha de conivente. Se há verdade nos fatos, no entanto, não esqueçamos dados fundamentais para interpretar corretamente o acontecido, tanto em tempos longamente passados como recentes.

A história continua, na expressão de Cícero, “mestra da vida”. Ela nos permite conhecer melhor o presente, evitar erros passados e abrir-nos para o futuro. Oferece-nos distanciamento de interpretação em face do calor e da paixão da discussão.

A Grécia, o império romano não só praticavam a pedofilia, dispondo crianças para a satisfação sexual de adultos, como também a pensaram como *paideia*, educação, no sentido de introdução de jovens na vida sexual.

A China conheceu a castração de meninos para vendê-los a ricos pederastas como comércio legítimo durante séculos. O mundo islâmico, para compensar a rigidez das relações entre homens e mulheres, admitiu tolerância no campo da pedofilia. Alguns países, até o século XX, como a Argélia, acenavam para a fantasia de europeus devassos como “jardim de delícias”

(Carvalho, 2002). De tempos em tempos, a imprensa divulga notícia sobre o turismo sexual, em que adolescentes de ambos os sexos caçam algum dinheiro satisfazendo sexualmente turistas ou homens de negócio, longe de suas esposas. Talvez esteja aí a mais terrível e escandalosa venda pedofílica.

Na Antiguidade e até hoje, o cristianismo se pôs ao lado da defesa da criança. O próprio mistério da Encarnação, a prática de Jesus e seus ensinamentos conferem a ela dignidade única. Jesus ousa propô-la como símbolo do reino de Deus (Mt 18,4; Mc 10,15). Identifica a acolhida a elas como a si próprio (Mt 18,5). Terrível soa a ameaça a quem escandalizar uma criança. Que pior escândalo do que abusar de sua inocência? “Melhor lhe fora que se lhe pendurasse ao pescoço uma grande pedra de moinho, e fosse afogado na profundez da mar” (Mt 18,6).

A narrativa de Jesus, como história da Encarnação, faz-nos compreender a vulnerabilidade da carne, especialmente da criança, do pequeno, do pobre, e põe-na no centro de sua pregação e prática. Cabe uma leitura das Bem-aventuranças na perspectiva da criança: bem-aventurados os que as acolhem e deles é o reino de Deus.

* Doutor em Teologia pela Universidade Gregoriana de Roma. Há mais de três décadas vem se dedicando ao magistério e à pesquisa teológica. Tem vários livros publicados no Brasil e no exterior. É vigário da Paróquia Nossa Senhora de Lourdes em Vespaziano, na Grande Belo Horizonte-MG.

** Graduado em Tecnologia Eletrônica Industrial e Filosofia. Mestre em Teologia Moral pela Universidade Gregoriana, em Teologia pela Faje (Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia) e em Ética Filosófica pela Universidade Católica do Minho, Braga - Portugal, onde também fez doutorado na mesma área. Doutor em Teologia pela Faje. Atualmente, é conselheiro da UFMG e professor na Faje.

Tal dado bíblico-teológico inquestionável não evitou, porém, os pecados de cristãos e de homens da hierarquia eclesiástica. Precisamente estes caem atualmente sob o juízo da opinião pública.

Em face da Igreja institucional, tecem-se duas histórias possíveis. Com justezas e com inúmeros exemplos, existe trajetória esplendorosa de feitos, de santidade, de riquezas culturais únicas. A cultura ocidental não se entende sem sua contribuição. Ao lado, porém, corre outra trajetória. Escura, carregada de pecados, de crimes, de Inquisição, de intolerância, de guerras. A verdade, portanto, situa-se na mistura, na ambiguidade, no jogo de graça e pecado, de beleza e fealdade, de grandeza e vileza. A pedofilia pertence a seu lado obscuro e pecaminoso. Detenhamo-nos nesse tema com base no contexto que nos cerca.

1. Quando tudo era pecado

Não faz muito, reinava no interior da Igreja certo tipo de moral que depreciava o prazer sexual, de modo que qualquer deleite venéreo fora do matrimônio se cobria da gravidade do pecado mortal, merecedor do inferno eterno, mesmo por um único ato.

Por influência do estoicismo, do dualismo platônico difuso, do maniqueísmo e, mais recentemente, do jansenismo, a moral sexual católica muitas vezes se viu descaracterizada. A matéria, o sexo, o prazer pendiam para o lado negativo em prol do espírito, da renúncia, da penitência corporal. Perdia-se o contato com a antropologia unitária da Revelação. O prazer sexual acabou sendo visto como algo da ordem da concupiscência, e esta, como inclinação para o mal.

Nesse mesmo contexto, a doutrina da Igreja sobre a sexualidade passou, pouco a pouco, a formular-se em torno da ênfase na procriação em detrimento do caráter amoroso do vínculo. Sexo e casamento se vincularam de tal forma, que a única maneira de superar a presumida “concupiscência da carne” se dava pela abstinência ou pelo matrimônio.

Invocava-se, ademais, a lei natural. A natureza sinaliza-nos o fim para o qual tende a sexualidade que Deus inscreveu nela. Contrariá-la significa opor-se à vontade de Deus.

Não cabe, neste artigo, adentrar-nos nos meandros da atual teologia moral no tocante à

lei natural. Interessa-nos, aqui, acentuar o clima de culpabilização que a moral da Igreja gerou e o menoscabo da consciência das pessoas por conta da insistência na objetividade imperante das normas morais. Pois somente nesse contexto se entendem tanto a reação liberalizante da década de 60 como o refluxo atual.

J. Delumeau pesquisou amplamente a pedagogia do medo exercida pela Igreja (Delumeau, 1993) e a forte culpabilização dela decorrente (idem, 2003). Com efeito, a culpabilização reforçou a visão patológica sobre a sexualidade, desvirtuando-lhe o verdadeiro sentido. Este brota da teologia de um Deus que cria na liberdade e para a liberdade. Os problemas sexuais associam-se a uma deturpação da imagem de Deus e, respectivamente, da imagem do ser humano como liberdade.

Basta recordar aqui, mais uma vez, o peso do jansenismo, por sua visão pessimista e moralizante da sexualidade que o próprio Magistério rejeitou. Carregou as tintas dos pecados do mundo tanto no campo da sexualidade como no da desobediência aos ensinamentos da Igreja, buscando apoio, sobretudo, numa leitura unilateral de santo Agostinho. Acentuava-se o contraste entre a grandeza de Deus e a fraqueza do ser humano, apresentando um Deus terrível com desígnios insondáveis e decretos incompreensíveis.

A ideia da Revelação por decretos se prolonga até a modernidade e se concentra na *Dei Filius* do Concílio Vaticano I. Nessa visão de Deus legislador, a sexualidade não escapa de ser pensada em função da lei jurídica separada da lei moral que a precede e está ligada a uma antropologia da liberdade.

Sem Deus, o ser humano, impotência total, procura só o prazer, o deleite. A íntima relação estabelecida entre sexo e concupiscência da carne deu margem à perda da novidade do sexo como lugar do desejo e do amor e, consequentemente, abriu precedente para pensar um Deus que se encolleriza com o ser humano pelo fato de este tender sempre ao pecado quando pensa e pratica a vida sexual.

2. Romperam-se as barreiras

Não se estranha que tal visão negativa do sexo e de um Deus punidor explodisse e as barreiras até então levantadas entre os dese-

jos humanos e sexualidade ruísssem. Na elite, já de longa data, o movimento libertino (séc. XVII) defende o homem movido pelo prazer e rejeita os ensinamentos e a prática relativos à vida sexual propostos pela Igreja. Aproveita as falhas do clero para desmoralizar a posição da Igreja. Exalta-se a libertinagem em oposição a todo puritanismo e repudia-se todo interdito da sexualidade. Um silêncio incomodado sobre o sexo da tradição medieval de cunho agostiniano contrastava com a “linguagem confessional do sexo” imperante no seio de uma sociedade feudal cristianizada, como observa M. Foucault.

Vindo para nossos dias, assistimos ao fenômeno da irrequieta “juventude transviada” da década de 50, passando pela rebelião de maio de 1968 (“é proibido proibir”), até a liberação pós-moderna quase sem limite.

Segundo Tony Anatrella, a liberação sexual refere-se a todo interdito à sexualidade. Perpetua-se na juventude o ideal da infantilização do sexo. Em termos psicoanalíticos, os jovens não captam a lei fundamental da sexualidade, que consiste na mútua oblatividade, para permanecerem no desejo da pura autossatisfação. Talvez isso explique por que, em dado momento, a cultura atual se mostrou tolerante para com a pedofilia (Anatrella, 2001, p. 264). Irrompe verdadeira balbúrdia sexual que coloniza até o menor cantinho da modernidade democrática: prazeres prometidos ou exibidos, cartazes alardeando a liberdade, preferências descritas, performances avaliadas ou procedimentos ensinados, há de tudo (Guillebaud, 1999, p. 18).

Escandaloso paradoxo: fala-se ostensivamente do sexo, das suas diversas expressões, sem preconceitos, mas sente-se real “mal-estar cultural do sexo”. Esconde-se, em muitos casos, inquietante angústia social que grita ao Estado para legislar e reprimir abusos sexuais. Ela pretende substituir a lei moral, o papel da consciência, por intervenções jurídicas.

Séculos de obscurantismo e repressão cedem espaço para tolerância ou negligência também no caso da pedofilia. Haja vista o filme de Louis Malle, *Le souffle au cœur*, em que o incesto de mãe e filho se desdramatiza e se pinta com muito carinho. Ainda por cima, selecionou-se o filme para o Festival de Cannes (1971), onde foi bem acolhido. O próprio diretor comenta nas colunas do respeitado diário *Le Monde*, diante de

protestos de alguns leitores: “Em meu filme tudo se passa com naturalidade, com transparência, com verdade, creio eu. Se a moral tradicional aí não tem lugar, pior para ela”. Outros comentários o elogiavam por “rasgar véus, rompendo com falsos mistérios e vergonhosos silêncios” (Guillebaud, 1999, p. 25s).

Nos EUA e na Europa, circula literatura nas décadas de 60 e 70 em torno da revolução sexual, que quebrava o imaginário do patriarcalismo, do machismo, da misoginia e da homofobia. A prática dos contraceptivos simboliza o domínio da cultura sobre a natureza. Numa palavra, defendeu-se “a liberdade do desejo”, a autonomia da libido. Não se estranhou então certa desculpabilização, teorização e até encantamento em relação à pedofilia, ao defender o direito da criança à erotização. O adulto projeta sobre a criança desejos próprios não amadurecidos. Um estudo desse período encheria páginas de exemplos da exaltação do amor físico com crianças de menos de 15 anos, como o romance em que uma ninfeta de 12 anos cede aos arroubos de um quinquagenário (*Lolita*, também adaptado para o cinema) ou declarações de filósofos com enredados arrazoados pedofílicos. Enfim, “o amor pedófilo torna-se todo luz quando o colocamos no campo da erótica pueril” (Guillebaud, 1999, p. 28; o autor exemplifica com inúmeros dados essa onda sexualizante que envolve a pedofilia).

Esse quadro confunde-nos. Tiremos três lições. A períodos de repressão seguem-se, não raro, explosões exageradas de liberação. Assim, a repressão sexual gerou a liberação sexual. Perdem-se parâmetros. Em segundo lugar, não tarda que se reaja a tais ondas com outro tipo de repressão, também ela nem sempre equilibrada. Em terceiro lugar, misturaram-se dois problemas bem diferentes: pedofilia e homossexualidade. A homossexualidade vivida responsávelmente, como expressão do amor ao outro, não se identifica, de modo nenhum, com pedofilia. A pedofilia diz respeito ao amor do infante porque o pedófilo investe nele o objeto sexual jamais encontrado na integração psíquica, uma vez que tende a fixar-se na fase primitiva da sexualidade (Fleig, 2010). O pedófilo tem aspectos psíquicos de desintegração sexual, ao passo que a homossexualidade não pertence ao quadro das patologias.

3. Reação da sociedade

Onde estamos? Vivemos dupla reação aos casos de pedofilia. Uma doentia, outra sadia.

As reações cegas e explosivas escondem traços enfermos. Temor, pânico apoderaram-se da sociedade atual no que se refere à pedofilia a partir do caso monstruoso de Marc Dutroux que explodiu no verão de 1996. Vieram a público os inúmeros assassinatos perpetrados por esse criminoso belga. Abusou sexualmente de seis meninas, das quais quatro assassinou. E, nessa onda, outras violências sexuais inimagináveis inundaram a opinião pública mundial: pais incestuosos, professores e padres pedófilos, esposas suspeitas, patrões lúbricos, turismo sexual, pornografia exótica cujo alvo eram crianças, *baby sitters* de intenções equívocas etc.

A verdade dos fatos gerou sentimento nefasto de suspeita generalizada e de angústia denunciadora. As escolas, as famílias, as sacristias tingiram-se de desconfiança, de dúvida. Em gestos sem maldade, imaginavam-se logo sinais de incesto ou pedofilia. Passou-se da tolerância para o medo extremo. Verdadeira obsessão. A sociedade da liberdade sexual virou um campo de medo do sexo, já de outra natureza.

Que se esconde detrás desse excessivo comentar e propalar de crimes sexuais?. Além de a imprensa beneficiar-se da publicidade vendável da notícia, desloca-se o problema de toda uma cultura incentivadora do prazer, do sexo desvairado, para pontos nodais criminosos. Esquece-se o todo que os gera. Fixa-se no ponto central do quadro e desconhece-se sua totalidade. Pedofilia não significa unicamente molestar sexualmente crianças. Tem mais implicações.

A condenação contemporânea à pedofilia se relaciona com a invenção da infância, que desponta na modernidade, em torno do século XVIII. Freud já havia caracterizado esse fenômeno, ao denominar a criança de “sua majestade, o bebê”. A criança, para os pais contemporâneos, não apenas tende a simbolizar a criança idealizada e sonhada, mas passa a ocupar o lugar daquela criança perfeita que os próprios pais não conseguiram ser para seus pais. Assim, o filho adorado cumpriria, no imaginário dos pais, a função primeira de sanar a decepção que estes causaram à geração anterior. Torna-se absolutamente insuportável para os pais

perceber o menor sinal de falha no filho. Isso lhes revelaria o próprio fracasso como filhos. A cena da criança pura e inocente à mercê do repugnante pedófilo encobriria o insuportável desejo de uso desse bebê no mundo psíquico dos pais. Quando atacamos, de modo implacável, alguma coisa em alguém, a clínica psicanalítica levanta a suspeita de tratar-se de algo que não suportamos reconhecer em nós mesmos. Reações extremadas contra a pedofilia revelam sentimentos pedofílicos enrustedos.

A reação sadia leva-nos a ir fundo na natureza da pedofilia. A sociedade realmente democrática, a transparência na vivência familiar e nos universos em que transitam as crianças – creches, escolas, clubes, sacristias, programas e propagandas infantis etc. – permitem coragem e clareza na discussão do tema.

Onde está a raiz da pedofilia? Não diretamente no campo sexual, mas na docilidade, seduzibilidade, ductilidade da criança. Ela se deixa atrair por adultos que lhe oferecem afago, carinho, aconchego, algum agrado. Entrega-se indefesa, confia no outro sem suspeita. Essa atitude desperta no adulto perverso ou doente o desejo de possuí-la sob diversas formas, também a sexual. O fundo doentio atravessa todas elas.

Naturalmente o campo sexual, lugar de eros, mostra-se ambivalente por natureza. A mesma criança, que suscita afago e carinho, mostra-se vulnerável e desperta o desejo de possuí-la na sua indefesa confiança. O eros se perverte, neste caso, pela própria natureza ambígua do corpo e do sexo humanos.

A estrutura pedófila prefere posições e profissões de poder sobre crianças. De acordo com o psicanalista Sócrates Nolasco, professor da UFRJ, “a pedofilia é um conflito da ordem da negação de excitações que constituem o sujeito. Os homens são os que mais fazem isto a eles mesmos, pois, assim, creem que serão homens”. O psicanalista explica que há dois aspectos recorrentes nas situações que configuram a pedofilia: “Um deles é que o adulto envolvido tem algum poder sobre a criança, podendo ser exercido tanto pela sedução quanto pela coerção sobre ela. O outro se refere à abordagem ambígua deste adulto em relação à criança – ele deixa margem para que a criança fique confusa no que tange à abordagem sexual feita por ele”. E arremata: “A pedofilia é a marca do empobrecimento e

da miséria interior. Ela atesta o declínio de um sujeito que está preso a dimensões de sua vida que desconhece e não sabe como gerenciá-las" (Nolasco, 2010).

Faz parte da fantasia pedofílica dominar o outro sem que ele o saiba. Configura-se em devaneio de poder que abusa da criança (Calligaris, 2002). Explora a confiança e a ignorância da criança: verdadeira traição. Os pais depositam confiança no professor, no padre, no publicitário, no médico, no terapeuta, e estes aproveitam da profissão para seduzir a criança.

Não esqueçamos, porém, os inúmeros casos de pedofilia denunciados nos Conselhos Tutelares e no Disque Denúncia Nacional de Abuso e Exploração Sexual contra Crianças e Adolescentes, praticados pelos próprios pais, padrastos, tios e até avós. A pedofilia não se restringe a nenhum ambiente determinado, mas revela questão de ordem psíquica ou de desvio de personalidade do pedófilo.

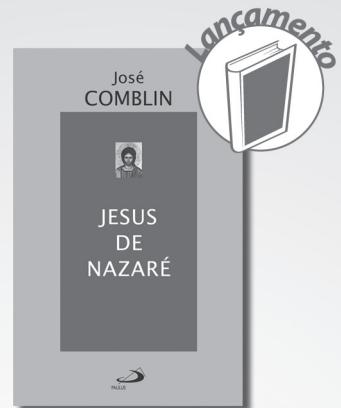
A sociedade tem percebido menos, com conivência e até mesmo aplauso dos pais, o pervertedor setor pedofílico da publicidade. Entram em questão o mundo da propaganda, programas de auditório, DVDs, *sites* e filmes. Neles, aparecem crianças cuja imagem provocante, com toques sexualizantes, associa-se a produtos de consumo. Há países sérios que proibiram radicalmente propagandas com crianças. Puritano jornal de São Paulo exibia uma foto de página inteira de uma criança pelada conduzida pela mão da mãe num contexto de propaganda. Por que essa criança desnuda? Alguém se pergunta? Por puro acaso?

Apresentadores/as de programas infantis não se acanham de sensualizar e sexualizar as crianças com danças, gestos, exibições. Não só as que se exibem, mas as que assistem aos programas acabam afetadas. A ética e a legislação aqui no Brasil ainda não deram conta de tais aberrações. Que os pais, pelo menos, reparem nos programas a que os filhos menores assistem e interfiram como educadores. Caberia à escola, à pastoral, tratar dessas questões nas aulas, na catequese, enquanto a legislação dorme na inconsciência.

4. O caso da Igreja

Essa longa reflexão prévia nos prepara para abordar a questão da pedofilia por parte de eclesiásticos. Como dissemos acima, sobre a história

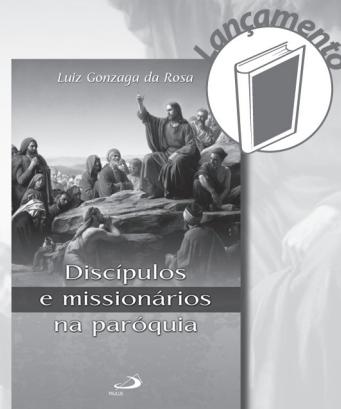
Faça de sua fé em Cristo a força mais potente de sua vida.



Jesus de Nazaré

José Comblin

Nestas páginas, o teólogo José Comblin medita a vida de Jesus, abordando um Jesus tal como os discípulos o conheciam e o compreenderam quando caminhavam com ele pela Galileia.



Discípulos e missionários na paróquia

Luiz Gonzaga da Rosa

De forma muito agradável, o autor mostra com objetividade que a fé cristã é compromisso de vida, com a vida e na vida.

Vendas: (11) 3789-4000

SAC: (11) 3789-4119

Visite nossa loja virtual
paulus.com.br



Imagens meramente ilustrativas.

Criação PAULUS / A PAULUS se reserva o direito de alterar ou retirar o produto do catálogo sem prévio aviso.

da Igreja cabem dois discursos extremos: o da glória e o da infâmia.

Deixemos de lado a ambos e trilhemos um caminho realista. Alegremo-nos e agradeçamos pelas graças recebidas e transmitidas. Arrependamo-nos e corrijamos os males feitos até a punição exemplar, caso necessária. Nada escandaliza quem conhece a natureza humana, capaz tanto de grandiosos heroísmos como de gigantescas perversidades. A história recente das guerras mostrou como a culta Europa, de inegáveis grandezas espirituais, artísticas e humanas, desceu aos subterrâneos escuros do extermínio em massa dos campos de concentração, da fabricação de armas só para matar, da exploração econômica (ainda em vigor) de países e continentes. A Igreja não se isenta de tal ambiguidade. Ela não justifica nenhum crime, antes apela para contínua vigilância, retratação, punição.

A publicidade ensinou à hierarquia que não basta a condenação teórica da pedofilia em documentos. Cabe-lhe a responsabilidade de evitar que tais casos aconteçam e se repitam por meio de medidas severas preventivas e punitivas. A criança vítima da pedofilia merece a primeira atenção, e não o encobrimento da fama do clérigo e da Igreja. A justiça e a caridade regem tal situação. Sem justiça, a caridade falseia. Sem caridade, a justiça claudica. Conjugar ambas, nos casos de pedofilia, desafia a hierarquia. A justiça e a caridade dizem respeito, primeiro, à vítima e em seguida ao culpado.

Há na campanha publicitária em torno da pedofilia algo mais que o grave delito e seu acobertamento. Difunde-se real ojeriza ao discurso do magistério eclesiástico. E por quê? A cultura atual não tolera muitos dos seus aspectos e então aproveita a ocasião para bombardeio geral.

Num clima de liberação sexual, acusa-se o discurso do Magistério de moralista. Então, quando alguém desse universo falha, advém ótima ocasião para acusação. Não se suporta hoje uma linguagem fixista, congelada, que se impõe pela autoridade, que condena quem diverge, calando teólogos. Critica-se-lhe o caráter clericalista, centralizador e centrado em si mesmo com citações só de si, a imagem idealizada de si mesma, a atitude de quem trata o leigo como menor de idade, de quem não preza a liberdade, de quem se mostra cheia de suspei-

tas, de quem se apoia em rede de denúncias, de quem se revela arrogante como detentora única da verdade (Rouet, 2010).¹ Num mundo secular, democrático, realista, valorizador da mulher, crítico em relação às tradições, de discurso desvelado, desconfiado de todo corporativismo, de verdades provisórias e discutíveis, tem-se a impressão de que o Magistério fala linguagem oposta: religiosa, autoritária, machista, tradicional, cercada de mistérios, corporativista clerical, dogmática, idealista.

Talvez soe o momento de a Igreja não apenas dizer bem alto o *mea-culpa*, mas enveredar humildemente por outro caminho. Esperam-se dela o exercício concreto de colegialidade e a transparência institucional. Deseja-se outro discurso sobre a sexualidade que lhe contemple o lado sadio e fecundo, socialmente integrado, com repercussões na religião e seus ritos.

Às vezes, imaginamos equacionar o problema ao dar-lhe solução mental, verbal, esquecendo a complexidade da realidade. A sexualidade ou o eros, como expressão do *humanum*, guardam certo mistério. Não se deixam aprisionar totalmente. A técnica, a linguagem e a instituição não o exaurem nem o aprisionam. Pedem uma reflexão interdisciplinar e aberta que permita aprender com os outros e se responsabilize socialmente pelos seus erros e acertos. Nada de sacralizar ingenuamente a sexualidade, mas sim decifrar-lhe a riqueza além do puramente racional. A Igreja participa desse processo de decifração não como instituição detentora da verdade, mas como aprendiz do real onde Deus manifesta o seu projeto. Lidamos, em última análise, com a liberdade humana para o bem e para o mal. Nenhuma instituição escapa de tal dialética.

Conclusão

Essa crise, provocada pelo desvelar da pedofilia entre alguns eclesiásticos com complacência silenciosa da hierarquia, pede dela mudanças no nível do discurso com respeito à verdade, à objetividade, à subjetividade dos envolvidos, sem ceder à tentação de encontrar bode expiatório que a isente de conversão. Não tem sentido voltar aos tempos da Inquisição e de caça às bruxas.

¹ O mons. Albert Rouet é arcebispo de Poitiers, na França.

Nada melhor que transparência, honestidade, justiça e caridade.

No nível da prática pastoral, cabe substituir o afã de poder centralizador pelo ideal cristão de serviço aos demais, especialmente às crianças indefesas em face do abuso sexual.

E, na perspectiva espiritual, a Igreja, na humildade e conversão, descobre a dimensão ministerial, carismática, a renovar-lhe o lado institucional, abrindo-se ao diálogo, assumindo discurso antes sapiencial que peremptoriamente dogmático e partilhando a verdade com outras linguagens, instituições e ciências.

Bibliografia

- ANATRELLA, T. *A diferença interdita: sexualidade, educação, violência*. São Paulo: Loyola, 2001.
- CALLIGARIS, C. A fantasia do pedófilo. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 25 abr. 2002. Caderno E, p. 8.
- CARVALHO, Olavo de. Cem anos de pedofilia. *O Globo*, Rio de Janeiro, 27 abr. 2002. Disponível em: <<http://www.olavodecarvalho.org>>. Acesso em: 18 ago. 2010.
- DELUMEAU, J. *História do medo no Ocidente, 1300-1800: uma cidade sitiada*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- _____. *O pecado e o medo: a culpabilização no Ocidente (séculos 13-18)*. Bauru: Edusc, 2003.
- FLEIG, M. *O pedófilo: vítima de seu desejo e perversão*. Entrevista [25 abr. 2010]. Disponível em: <<http://www.ihuonline.unisinos.br>>. Acesso em: 18 ago. 2010.
- GUILLEBAUD, J. C. *A tirania do prazer*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- NOLASCO, S. *Onde há pedófilos, há uma rede social que os mantém*. Entrevista [26 abr. 2010]. Disponível em: <<http://www.ihuonline.unisinos.br>>. Acesso em: 18 ago. 2010.
- ROUET, Albert. *L'Eglise est menacée de devenir une sous-culture*. *Le Monde*, Paris, 4 abr. 2010. (Título do artigo em português: A Igreja está ameaçada de se tornar uma subcultura.)

ERRATA

No artigo "Fobias e pedofilia", do Pe. Luís Corrêa Lima, sj, publicado na edição 274 (setembro/outubro), no último parágrafo, conforme versão original, o correto é "tabu da antivirgindade", e não "tabu da virgindade". O autor não é mais professor do Depto. de Serviço Social da PUC-Rio. Mudou-se para o Depto. de Teologia.

Faça de sua fé em Cristo a força mais potente de sua vida.



Jesus de Nazaré

José Comblin

Nestas páginas, o teólogo José Comblin medita a vida de Jesus, abordando um Jesus tal como os discípulos o conheciam e o compreenderam quando caminhavam com ele pela Galileia.



Discípulos e missionários na paróquia

Luiz Gonzaga da Rosa

De forma muito agradável, o autor mostra com objetividade que a fé cristã é compromisso de vida, com a vida e na vida.

Vendas: (11) 3789-4000

SAC: (11) 3789-4119

Visite nossa loja virtual
paulus.com.br



ROTEIROS HOMILÉTICOS

(Também na internet: www.paulus.com.br)

Pe. José Luiz Gonzaga do Prado*

32º DOMINGO TC. / TODOS OS SANTOS (7 de novembro)

OS SANTOS PREPARAM O REINO

I. INTRODUÇÃO GERAL

A Solenidade de Todos os Santos é tão importante, que tem precedência sobre o domingo do tempo comum. Celebra todos os santos, não só os canonizados. A canonização de um santo é algo custoso em todos os sentidos, e muitos e muitos de nossos pobres perseguidos, que contribuíram fortemente para o advento do reinado de Deus no mundo, não deixaram recursos suficientes para serem canonizados. De dom Oscar Romero, ainda não canonizado em razão de protelações no processo, até as humildes, analfabetas e desconhecidas donas Sebastianas, todos os santos são comemorados hoje.

Eles mereceram ser assinalados para que escapsem da segunda morte, a morte definitiva. Os trabalhos de sua vida, quando não sua morte em favor das vítimas deste nosso mundo, uniram-nos ao sangue do Cordeiro e deram-lhes a faixa de campeões e o troféu da vitória. Viveram como fiéis filhos de Deus. Essa grandeza de serem filhos de Deus, a qual procuraram preservar contra tudo e contra todos, agora se abriu, como o botão de uma rosa, na glória de Deus. Entre eles, pobres e perseguidos que enxugaram as lágrimas dos que choravam, mataram a fome dos famintos da verdadeira justiça, tornaram senhores os que não eram ninguém neste mundo. Fizeram a sua parte, construíram a verdadeira paz.

II. COMENTÁRIOS DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Ap 7,2-4.9-14)

O livro do Apocalipse foi escrito para dar esperança a comunidades cristãs da Ásia Menor,

comunidades pobres e vítimas de perseguição. Eram perseguidas por não adorarem o império.

Em cidades da Ásia Menor é que tinha surgido o primeiro templo dedicado à deusa Roma, ali é que estava “o trono de satanás”, o lugar onde se cultuava a imagem do divino imperador, o “deus acessível”. Quem participava desse culto recebia uma marca que lhe abria todas as portas. Quem não participava, além de excluído, poderia ser até mesmo condenado à morte. Os cristãos não participavam e por isso eram marginalizados e perseguidos.

Chamava-se João o missionário itinerante que animava essas comunidades, incentivando-as a não ceder ao culto do império. Por isso ele foi preso na ilha de Patmos e de lá envia o escrito, numa linguagem que os pobres e perseguidos poderiam entender e as autoridades do império não. Dá-lhes ânimo e aumenta-lhes a autoestima.

No trecho que vamos ouvir na primeira leitura de hoje, ele fala de uma visão do céu. Multidões, milhares de cada clã (12), de cada uma das doze tribos ($12 \times 12 = 144$) do povo hebreu que não cederam ao culto imperial, recebem outra marca que não os deixa ser vítimas do castigo que virá para os opressores. Além deles, estão presentes também as multidões incontáveis dos santos de todas as outras tribos e nações.

Todos são vencedores, vestem mantos brancos, a cor dos vencedores nas competições esportivas – poderíamos dizer hoje: trazem a faixa de campeões –, e têm o troféu, a palma, nas mãos. Não cultuaram Roma e o imperador, agora cultuam a Deus e ao Cordeiro. De onde vieram eles?

* Mestre em Teologia pela Universidade Gregoriana de Roma e em Sagrada Escritura pelo Pontifício Instituto Bíblico.
Autor dos livros *A Bíblia e suas contradições: como resolvê-las* e *A missa: da última ceia até hoje*, ambos publicados pela Paulus.

Vieram da grande tribulação, a pobreza unida à exclusão social e à perseguição. Sua morte, seu sangue, unida ao sangue, morte, do Cordeiro, deu-lhes o manto branco da vitória. A resistência até a morte deu-lhes a vida sem fim.

2. II leitura (1Jo 3,1-3)

Os que nós chamamos de santos e hoje celebramos são os nossos irmãos que estão na glória. Como diz a segunda leitura de hoje, a graça de ser filhos de Deus, o botão que estava dentro deles, já se abriu em flor. Essa graça, esse dom de amor do Pai em nosso favor, faz-nos diferentes, como o mundo distante do Pai não é capaz de entender.

Falta-nos hoje apenas aquilo que não falta aos santos que celebramos: ver Jesus Cristo. Só nos falta o ver segundo o conceito joanino de experimentar, conviver, ter comunhão plena com o Filho, Jesus. Isso nos tornará totalmente semelhantes a ele. E é essa convicção que nos faz manter-nos distantes do mal, tal como ele fez e como todos os santos fizeram.

3. Evangelho (Mt 5,1-12a)

Um detalhe, geralmente não observado na maioria das traduções, faz grande diferença na interpretação do evangelho de hoje. Trata-se da primeira frase. Em geral, dizem as traduções: “Vendo as multidões”. O tempo do verbo grego utilizado (aoristo), porém, pede que se traduza: “*Tendo visto as multidões*, Jesus subiu à montanha...”. Foi porque viu aquelas multidões que Jesus subiu à montanha e passou a dar a instrução aos discípulos, como Moisés, da montanha, deu ao povo a Lei ou Instrução de Deus. À vista das multidões, ele faz o Sermão da Montanha.

Que multidões eram essas? Eram as multidões de sofredores da Judeia e da Galileia, como também de fora, que, no final do capítulo 4, vinham buscar em Jesus uma solução para os seus problemas. Podemos dizer que são toda a humanidade sofredora. Por causa dela, para benefício dela, Jesus se senta como mestre, rodeado pelos discípulos, sobre uma montanha que lembra o monte Sinai. Ele instrui os discípulos não para que estejam voltados para o próprio umbigo, mas para que cuidem das multidões sofredoras que acorrem de toda parte.

Isso ajuda a entender a instrução. Notar que, das oito bem-aventuranças básicas, a primeira e a última se referem ao tempo presente: “deles é o reino dos céus”.

É preciso ter bem claro que “reino dos céus” não é o céu, a glória eterna. “Reino dos céus”, frequente no Evangelho de Mateus, é o mesmo que reino ou reinado de Deus. Ele começa aqui na terra, onde o que se liga ou desliga é confir-

mado no céu; assemelha-se ao campo de terreno bom e terreno ruim, à rede que pega peixes bons e maus, à lavoura onde o joio se mistura ao trigo. Só o respeito judaico pelo Nome o faz ser substituído pela palavra céus. A eles, aos pobres e aos perseguidos, pertence, portanto, o reinado de Deus, que tem início aqui na terra.

Os primeiros são os “pobres por espírito”, isto é, por força interior, por convicção, e os últimos são os “perseguidos por causa da justiça”, perseguidos por buscarem a justiça do reinado de Deus, tema caro a Mateus. Assim, os pobres e os perseguidos, de certo modo, identificam-se. E quem diz que aquele que aceita a pobreza, que não faz caso do dinheiro, não incomoda e não sofre por isso? Mas desses é o reinado de Deus; eles é que estabelecem o reinado que não é dos césares nem do dinheiro. São os santos que hoje celebramos.

Nas bem-aventuranças seguintes estão as consequências disso. Os que agora estão chorando mais adiante vão parar de chorar, serão consolados. Os que têm fome e sede de ver acontecer a verdadeira justiça hão de matar essa fome. Os carentes, em geral traduzidos por “mansos”, os que não são ninguém, que não têm vez nem voz, serão senhores, serão os donos da terra.

Na sequência, outras três bem-aventuranças: os que colaboram, ou seja, os que têm misericórdia, os que têm intenções retas (“coração puro”) e os que promovem a paz ou felicidade plena também terão sua recompensa. São a quinta, a sexta e a sétima bem-aventurança.

Voltando-se depois para os discípulos, nós e os santos hoje festejados, Jesus nos diz felizes porque perseguidos. É pena que o Lecionário tenha cortado o final do v. 12, que dá o motivo da bem-aventurança da perseguição: “porque foi assim que sempre trataram os verdadeiros profetas”. Quem não é perseguido, quem não incomoda os senhores deste mundo, sejam pessoas ou instituições, não é profeta, não é santo.

III. DICAS PARA REFLEXÃO

São oito as bem-aventuranças. Oito está além da plenitude, que é o sete. Oito é Jesus Cristo, só ele vai além da plenitude. Ele é o primeiro pobre por opção e o primeiro mártir, o primeiro perseguido. Só ele põe os fundamentos do reinado de Deus. Só ele tira os pecados do mundo. Na cruz, o princípio deste mundo, o que manda neste mundo, é posto para fora.

Nossos irmãos, os santos, “lavaram seus mantos no sangue do Cordeiro”, alcançaram a vitória, assemelhando-se à pobreza e à perseguição de Jesus.

Quando, na eucaristia, celebramos a morte do Cordeiro pascal, com ele celebramos o mar-

tírio, os trabalhos e a pobreza dos santos de ontem e de hoje. O pão e o vinho partilhados, que celebram o horizonte da comunhão perfeita e plena, sem lágrimas, sem fome e sem exclusão, significam também a pobreza de quem se parte em pedaços e a coerência que torna capaz a resistência à mais cruel perseguição.

Feliz não é o rico, o que tem tudo, mas não tem a si mesmo, pois pertence ao seu dinheiro.

Feliz não é o elogiado por todos, o aprovado por todos os poderosos do mundo, aquele que por ninguém é perseguido, porque nada tem para dizer, em nada colabora, nada acrescenta, só sabe negar-se a si mesmo e à própria consciência para agradar aos que podem. Parece agradar a todos, só não agrada a si mesmo.

Felizes são o pobre e o perseguido, e, com eles, muitos outros também serão felizes. Isso é ser santo.

33º DOMINGO DO TEMPO COMUM (14 de novembro)

O DIA DO SENHOR ESTÁ PRÓXIMO

I. INTRODUÇÃO GERAL

No dia 11 de setembro de 2001, talvez mais completamente do que tinha sido planejado, foram destruídos os dois prédios do chamado centro do comércio mundial. Foi um fim de mundo. Entretanto, ninguém viu no fato a necessidade de uma mudança nos rumos da humanidade: fazer que não seja o comércio, o “mercado”, o único governante do nosso mundo. A reação foi apenas maior violência, agressão armada e econômica. A possível razão dos “inimigos” nem foi considerada.

O evangelho deste domingo fala da destruição de Jerusalém, ocorrida no ano 70. Começa com a admiração das pessoas pela grandeza, beleza e riqueza do Templo e com a previsão de Jesus: “Não ficará pedra sobre pedra”. No final, diz que os discípulos devem sobreviver por sua perseverança ou resistência.

Estamos chegando ao final do ano litúrgico e isso nos faz pensar no fim, pois nada deixa de ter o seu término. As grandes crises, as catástrofes da natureza ou das estruturas humanas, são ocasião de nova tomada de posição. A própria palavra crise quer dizer julgamento. E tudo nos lembra o fim de cada um e a necessidade de mantermos a coerência, pois só a fidelidade a si mesmo e ao projeto de Deus é capaz de salvar da destruição total. Mantida essa coerência, a crise, o Dia, é de salvação.

II. COMENTÁRIOS DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Ml 3,19-20a)

O último livro da coleção dos Profetas termina anuncianto o Dia do Senhor, dia de condenação dos perversos e de alívio para os justos. Responde aos que pensavam: “Não vale a pena servir a Deus! Que proveito a gente tira guardando os seus mandamentos ou caminhando amargurado na presença do Senhor? Pois, então, vamos dar os parabéns aos atrevidos, eles progridem praticando injustiças, desafiam a Deus e acabam salvando-se” (vv. 14-15).

O Dia do Senhor há de chegar “como forno aceso a queimar”. Há de destruir os atrevidos, como se fossem palha. Mas, “para vocês que buscam seguir a lei do Senhor, o sol da justiça há de brilhar”, diz o texto.

Quando se fala hoje em apocalipse, em julgamento final da humanidade, geralmente se pensa em destruição indiscriminada de tudo e de todos. Frequentemente se cita a Bíblia como testemunha que anuncia uma próxima catástrofe final e universal. Contudo, o castigo que os profetas, como Malaquias, anunciam é apenas para os maus, pois, para “os que temem o Senhor”, o Dia traz “o alívio em suas asas”.

2. II leitura (2Ts 3,7-12)

Entre as comunidades que são Paulo havia fundado, muitas pessoas insistiam na expectativa próxima da parusia ou segunda vinda de Jesus. Daí surgiu esta maneira de pensar: “Como Jesus volta logo e resolve todos os nossos problemas, ninguém precisa mais cuidar de ter um trabalho, nem se preocupar com os rumos que o mundo vai tomado; é só esperar mais um pouco, que tudo estará resolvido. Para sobreviver até lá, dá-se um jeito, outros ajudam, falta pouco tempo para a vinda gloriosa de Jesus...”.

Foi então que a segunda carta aos Tessalonicenses veio esclarecer a questão com a autoridade do próprio Paulo. O trecho a ser lido hoje vai direto ao assunto.

O testemunho do próprio Paulo é fundamental. Na primeira carta aos Tessalonicenses (2,9), ele lembrava que, quando lá esteve evangelizando da primeira vez, trabalhava dia e noite para não ser pesado a ninguém.

Como disse no capítulo 9 da primeira carta aos Coríntios, Paulo teria o direito de ser mantido pela comunidade, mas o dispensou. Fez isso em Corinto para manter sua independência e não prejudicar a pregação do evangelho; fez isso em Tessalônica por coerência com os fatos e por solidariedade com os trabalhadores braçais, os primeiros a aceitar sua pregação. O texto lido

hoje vê aí o exemplo de amor ao trabalho, que sustenta e dignifica a pessoa. Era isso que aqueles cristãos precisavam ouvir.

3. Evangelho (Lc 21,5-19)

A destruição do Templo e da cidade de Jerusalém foi um fim de mundo. É disso que o evangelho nos fala. Firmes até o fim, os cristãos escapam da destruição. O evangelho não fala do fim do mundo, do final da história da humanidade, mas de um fim que é novo começo, de um fim que está sempre acontecendo.

A destruição de Jerusalém foi, para o cristianismo inicial, algo parecido com a morte da mãe antes do corte do cordão umbilical. Os primeiros cristãos estavam ainda muito ligados à religião judaica. Com a grande revolta do ano 66 e a destruição do Templo e da cidade de Jerusalém no ano 70, toda a estrutura física e humana daquela instituição judaica foi demolida. Foi um fim, mas também novo começo.

Sinais de que a hora da destruição está chegando serão os fatos ligados à revolta judaica. Na Galileia, grupos de pequenos proprietários, em consequência da exploração exercida pelo império romano e das altas taxas de juros cobradas pelos judeus ricos, perderam tudo o que possuíam e passaram a formar quadrilhas de assaltantes, então chamados de *lestês*, bandidos. Chegavam a assaltar uma caravana romana e depois repartir os alimentos nas aldeias, pois o povo morria de fome. No ano 66 (36 anos depois da morte de Jesus), eles entraram em Jerusalém, queimaram os documentos de suas dívidas, que lá estavam, e dominaram a cidade. Foi a grande revolta.

Seus líderes passaram, logo em seguida, a competir entre si, cada qual reivindicando para si o título de Messias, pretendendo ser a realização das esperanças de todo o povo. Cada um dizia: “O Messias, o salvador da pátria, sou eu!”, “chegou a hora!” O evangelho aconselha os discípulos de Jesus a não acreditar nisso, nem se apavorar com a guerra em curso.

Como era de se esperar, Roma não ficou passiva; ao contrário, mandou seus exércitos que estavam na Síria invadir a Palestina e acabar com a “brincadeira”. Isso, em decorrência também da momentânea instabilidade política em Roma, demorou algum tempo: só no ano 70 (quatro anos depois) a cidade de Jerusalém foi destruída e os últimos focos de resistência, alguns anos depois, foram eliminados.

E os cristãos? Não devem participar da loucura da revolução nem ficar apavorados, apesar de perseguidos por todos os lados. Especialmente

nessas circunstâncias, a fidelidade a Jesus cria problemas até mesmo dentro de casa. Quantas vezes os mais próximos é que vão denunciar o discípulo, que age e fala de maneira contrária aos critérios deste mundo (que são os mesmos tanto do lado dos revoltosos quanto do lado do império romano)? Devem, no entanto, os discípulos ficar firmes no testemunho de Jesus e ser coerentes até o fim. O que salva, diz Jesus, não é o filiar-se a um dos dois lados, mas a coerência resistente até o fim.

III. DICAS PARA REFLEXÃO

Quando leem essas passagens do evangelho, muitos ainda pensam em um fim de mundo como catástrofe final da humanidade, que ninguém quer ver. Há os que, apoiados nessas palavras da Escritura, vivem anuncianto que o fim do mundo está próximo. Nada disso. A crise pode ser dura, difícil, dolorosa, mas é novo começo, abertura de novos horizontes.

A cada momento, um mundo está acabando e outro começando. O importante é saber ler os sinais dos tempos e estar preparados para o novo começo.

É preciso saber descobrir em cada acontecimento, por menos importante que pareça, o mundo velho que está acabando e a novidade de vida que começa, o horizonte novo que se abre. Em todo acontecimento, uma crise se revela, e em toda crise, uma ou mais portas se abrem.

Quando uma porta se fecha, duas se abrem, basta ter olhos para ver.

Porque esperamos de Deus a intervenção final e decisiva na história para estabelecer o seu reinado, não vamos ficar omissos, deixar-nos vencer pela preguiça, desistindo da busca por outra Igreja possível e por outro mundo possível.

Da mesma forma que rezamos no Pai-nosso “o pão nosso nos dai hoje”, mas não deixamos de ir à luta pelo pão de cada dia, assim também, porque pedimos que sua vontade aconteça “na terra como no céu”, não vamos abandonar a luta pela construção de nova sociedade, diferente da que aí está, de outro mundo, que comece a realizar no presente o que esperamos para o futuro.

Na última ceia, Jesus estava para ser preso e condenado à mais humilhante das mortes. Sabia que iria ficar sozinho. Mesmo assim, ao passar o pão para que cada qual tirasse seu pedaço, disse: “É o meu corpo, sou eu, que me entrego por vocês”. Na missa, lembramos o que ele fez, mandando-nos fazer o mesmo. Aí, a resistência que salva.

O REINADO DA JUSTIÇA, DO AMOR E DA PAZ

I. INTRODUÇÃO GERAL

No fim da Copa de 1958, ao receber os cumprimentos do rei da Suécia, Pelé colocou a mão no ombro do rei. Os comentaristas esportivos, num primeiro momento, escandalizaram-se com a quebra do protocolo, pois ninguém pode tocar no rei. Logo em seguida, concluíram: “Não faz mal! Hoje o rei é ele!” A partir de então, Pelé passou a ser chamado de rei do futebol. Algum tempo depois, a popularidade do cantor Roberto Carlos rendeu-lhe também o título de rei.

Hoje, os reis não governam, são apenas chefes de Estado, representam a nação. Quem governa é o primeiro-ministro ou o conselho de ministros. No passado, não era assim. O rei tinha todo o poder; a vontade ou até mesmo um capricho do rei eram lei.

O papa Pio XI instituiu a solenidade de Cristo Rei para incentivar os cristãos a fazer de sua presença no mundo uma força de transformação. Por meio dos cristãos, Jesus deve governar o mundo. O objetivo não é dar brilho e poder à instituição eclesiástica, mas trazer ao mundo o reinado de Deus com os critérios de Jesus Cristo. Contrário à busca de brilho, fama e poder, critérios deste mundo, o reinado de Cristo se manifesta na vergonha e no fracasso da cruz.

A paz, tão sonhada hoje, é fruto da justiça e do amor, como diz o prefácio da oração eucarística desta solenidade. A busca da verdadeira justiça e a coerência do amor levam inúmeros cristãos ao martírio, à morte semelhante à de Cristo. É por esse caminho, e não pela participação nos poderes temporais, que seu reinado vai acontecer no mundo.

II. COMENTÁRIOS DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (2Sm 5,1-3)

A primeira leitura narra como as tribos do Norte aceitaram o reinado de Davi. A unção de Davi como rei de Israel lembra hoje o reinado de Cristo.

Davi era o menor e o mais humilde de oito irmãos da aldeia de Belém. Quando Samuel, guiado por Deus, foi escolher um dos oito filhos de Jessé para ser o novo rei, apresentaram-se os sete maiores; o menino Davi foi deixado no campo, olhando as ovelhas. Mas foi a ele que Deus

escolheu. É por meio dos fracos que Deus reina. Davi se tornará, depois, o modelo dos reis.

Suas façanhas (1Sm 17; 1Sm 18,20-36; 1Sm 24; 1Sm 26) já lhe tinham alcançado a aprovação por parte da sua tribo, Judá (2Sm 2,1-4a). O episódio narrado na leitura de hoje fala de sua aprovação pelas dez tribos do Norte. O reinado de Davi foi o reinado da união de Israel e Judá, de todo o povo de Deus; foi o reinado do consenso.

2. II leitura (Cl 1,12-20)

É na sua morte de cruz (*sangue de cruz*, na maneira bíblica de falar) que Jesus se torna rei do universo, centro de toda a criação, razão de ser de tudo o que existe.

Essa carta, ditada por Paulo ou, mais provavelmente, por um de seus discípulos, procura responder a uma questão surgida nas primeiras comunidades: uma confusão entre a mensagem de Jesus Cristo e as religiões cósmicas. Segundo essas antigas religiões, os astros é que governam o mundo. E são os anjos, em suas diversas categorias – Tronos, Dominações, Potestades etc. –, os condutores dos astros, que governam o mundo. Não sobraria muito espaço para o Messias Jesus.

O texto da carta, diferentemente do linguajar de Paulo, é carregado de semitismos, de maneiras semitas de falar. Assim, “o Filho do seu amor” quer dizer “o seu Filho amado” (v. 13); “o sangue de sua cruz” quer dizer “sua morte de cruz” (v. 20).

O mundo, governado pelos anjos e pelos astros, não muda, não admite mudança, porque o sol, a lua, as estrelas sempre fazem a mesma órbita, o mesmo giro. Tudo se repete e tudo está em ordem. Não há nada para mudar. Jesus vem fazer o que aí?

Se nada há para mudar, podemos nos deixar guiar cegamente pelos astros, anjos ou poderes deste mundo. Pode-se dizer que este é o reino das trevas, onde todos são cegos. O reino da luz, onde todos enxergam, é o reino de Jesus Cristo – por isso o batismo era chamado de iluminação. Os que antes seguiam as religiões cósmicas e se tornaram cristãos passaram do reino das trevas para o reino da luz.

Jesus torna visível o Deus invisível, existe antes dos anjos e de qualquer outra criatura de Deus. Por ele e para ele, Deus criou tudo; ele é a nossa cabeça, cabeça da Igreja, o primeiro renascido da morte; ele resume tudo, tudo só tem sentido nele. Isso não se dá, porém, em virtude de nenhum grandioso espetáculo. É por meio de sua morte de cruz que ele realiza a reconciliação, quer dizer, a reorganização de todo o universo material e imaterial, como os

anjos. Jesus tudo governa, mas, antes de tudo, ele reina pela cruz.

3. Evangelho (Lc 23,35-43)

Na cruz vai morrer o Rei dos Judeus, a esperança de um salvador da nação judaica apenas. Na cruz podemos chamar Jesus de rei, não dos judeus, mas da humanidade inteira, a começar com os criminosos crucificados com ele.

Jesus, na ocasião, é visto como um rei de palhaçada, é objeto do olhar curioso do povo, olhar de desinteresse e de desprezo. É também objeto de zombaria por parte das autoridades judaicas e dos soldados romanos.

A zombaria por parte dos dirigentes judeus é, em Lucas, mais discreta do que em Mateus e em Marcos, evangelhos nos quais eles fazem alusão ao título de “rei de Israel” e desafiam Jesus a descer da cruz. “O Cristo”, “o Ungido”, de Lucas, contudo, também lembra a esperança de um Messias rei. Lucas acrescenta o título de “Eleito” ou Escolhido, o querido de Deus. Nem por isso o que dizem as autoridades dos judeus deixa de ter o caráter de zombaria e de tentativa de desmoralizar o “reinado” de Jesus.

Os soldados romanos, representando o império, os senhores deste mundo, caçoavam da placa que chamava Jesus de rei dos judeus, um rei incapaz, um rei totalmente fracassado. Oferecem ao “rei” o vinagre ou vinho azedo dos soldados e dos escravos.

Entretanto, o vinagre que lhe oferecem lembra o Salmo 69,22, que diz: “para a minha sede deram vinagre”, fazendo eco ao v. 5 do mesmo salmo: “odiaram-me gratuitamente”. A resposta ao ódio gratuito é um amor mais gratuito ainda.

Vem, então, o outro lado, o verdadeiro reinado do Cristo. Seu trono é a cruz, as testemunhas de sua entronização são dois criminosos. Ele reina porque perdoa; seu poder se manifesta acima de tudo no perdão, jamais na crueldade, como era próprio da onipotência de César.

Um dos criminosos ou malfeitores com ele crucificados reproduz os insultos das autoridades judaicas e dos soldados romanos. O outro o recrimina e chama-lhe a atenção. Apela para o “temor de Deus”, expressão que, em toda a Bíblia, traz a conotação de respeito ao mais fraco.¹ Eles estão sendo punidos por seus crimes; Jesus, não: ele é inocente.

Em seguida, esse malfeitor dirige-se a Jesus, pede-lhe que se lembre dele quando entrar em seu reino ou reinado. Na Ceia, Jesus havia dito aos apóstolos: “Assim como o Pai me confiou o reino, assim também eu vos confio o reino.

Havereis de comer e beber em minha mesa no meu reino e de vos sentar em tronos para julgar as doze tribos de Israel” (Lc 22,29-30). Agora, morrendo na cruz, ele toma posse do seu reino.

Assim é que ele responde ao criminoso: “Hoje estarás comigo no paraíso!”, hoje estarás comendo e bebendo comigo em meu reino. É o último “hoje”, tão presente nos lábios de Jesus em todo o Evangelho de Lucas (“hoje se cumpre essa palavra”, “hoje devo me hospedar na tua casa”, “hoje a salvação entrou nesta casa”). Hoje, morrendo na cruz, Jesus toma posse do seu reinado.

III. DICAS PARA REFLEXÃO

Na homilia (conversa) de uma missa em sua comunidade, dona Julieta disse: “Nem que vivesse mais 200 anos a gente acabaria de entender o significado da morte de Jesus”. Não vamos acabar de entender, mas vamos procurar entender cada vez melhor.

“É rei pela sua cruz.” Essa ideia não cabe bem na nossa cabeça. Para nós, rei é o que está no topo do prestígio e do poder, não um pobre coitado de braços pregados numa peça de madeira, pendurado entre o céu e a terra e considerado pela Bíblia (Dt 21,23) um maldito de Deus.

Os caminhos do prestígio e do poder humanos jamais levarão o mundo a alguma mudança, só farão reafirmar o reinado do dinheiro e da arrogância. Outro mundo e outro reinado só poderão vir dos caminhos opostos, os caminhos da humildade e do serviço. A cruz significa o caminho novo que se abre.

Quem pensa que a festa de Cristo Rei deve motivar maior prestígio e poder para a instituição eclesiástica está redondamente enganado; está querendo levar a Igreja pelos caminhos do mundo, e não trazer o mundo para os caminhos de Jesus Cristo.

“É rei pela sua cruz.” Isso dificilmente entra na nossa cabeça. É preciso primeiro desarrigar da nossa mente as ideias de prestígio e de poder. O reinado de Cristo há de chegar ao nosso mundo por meio das pequenas coisas, escondidas, ignoradas, relegadas à humilhação do esquecimento, tal como a morte de cruz era a humilhação máxima.

No mundo governado pelo dinheiro, a injustiça, o saber aproveitar-se do outro, é a ferramenta principal. Amor não existe; isso é considerado sentimentalismo tolo, que só leva a perder dinheiro. Paz é inércia, inatividade, é ficar parados; o que movimenta o mercado é a guerra, a competição. O reinado de Jesus Cristo é o reinado da justiça, do amor e da paz.

1º DOMINGO DO ADVENTO (28 de novembro)

É SEMPRE A VINDA DO FILHO DO HOMEM

I. INTRODUÇÃO GERAL

Advento não é simplesmente tempo de preparação para o Natal. O comércio, aliás, já está se preparando para o Natal há bastante tempo. Advento significa vinda, chegada. É tempo de celebrar a vinda de Jesus, do Senhor, do Filho do Homem. O Natal é apenas o momento e a motivação privilegiada para, nos quatro dominigos, celebrarmos essa vinda.

Para as comunidades primitivas, a destruição de Jerusalém e do Templo ocorrida no ano 70 significou uma vinda do Messias Jesus, o “Filho do Homem”. O cristianismo nasceu da religião judaica, centralizada até então no Templo de Jerusalém. Assim, a destruição da cidade e do Templo, embora tenha sido um grande choque também para os cristãos, um fim de mundo, abriu, ao mesmo tempo, novos horizontes, foi um novo começo.

Todo acontecimento, de pouca ou grande monta, deve ser considerado uma vinda de Jesus. Em tudo o que acontece, ele está vindo ao nosso encontro, está mostrando-nos nova esperança e novo caminho, está lançando diante de nós um desafio e pedindo de nós a resposta de uma atitude nova, diferente. Nós é que muitas vezes não percebemos.

Estaremos preparados para o encontro final com Jesus se soubermos atender a esses apelos que ele nos faz por intermédio dos fatos.

II. COMENTÁRIOS DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Is 2,1-5)

Em meio às guerras e ameaças de guerra, o profeta fala da Lei divina e da comunidade de fé, chamada de Sião ou Jerusalém. Tanto a do seu tempo como a de hoje devem ser esperança e luz para todas as nações.

A maneira pela qual Isaías fala de Sião ou Jerusalém, da “montanha da casa do Senhor”, de onde vem o ensinamento, a lei de Deus para todas as nações, dá a entender que ele pensa numa comunidade ideal do que na realidade física da cidade. Isso se torna claro até pelo fato de falar de um futuro, “nos últimos dias”.

A “montanha da casa do Senhor” não é apenas aquela montanha que chega a 800 metros acima do nível do mar Mediterrâneo (onde está Jerusalém), mas um lugar de encontro com

Deus que se situa muito acima de qualquer alta montanha ou serra; é uma comunidade de fé ideal, presença de Deus no mundo. Essa é que atrai para si todas as nações.

Todos vão à sua procura para encontrar os melhores caminhos. Todos querem aprender dela. Todos buscam a paz, e isto é o que ela ensina: “fundir suas espadas para fazer bicos de arado, fundir as lanças para delas fazer foices”, transformar as armas em instrumentos de trabalho, mudar a força de destruição em força de construção, abandonar as guerras e partir para a colaboração.

O profeta-poeta projetava essa comunidade ideal, promotora da harmonia universal, para um futuro, os “últimos tempos”. Esses “últimos tempos” não podem ser apenas o momento final da história, o fim da humanidade no planeta. É o futuro que já deve estar presente, é o futuro-presente que podemos hoje entender e pôr em prática como a etapa decisiva da humanidade após a ressurreição do Crucificado.

2. II leitura (Rm 13,11-14a)

As comunidades de Roma, apesar de pobres, viviam na capital do império. Ali não havia limites para o consumo e o gozar a vida. Paulo as convida a não cair na tentação.

Quanto mais escura a noite, mais próximo está o clarear do dia; quanto mais difícil a situação (era o tempo do imperador Nero em Roma), mais perto está uma solução.

Paulo tinha falado em 1Ts 4,15 na possibilidade de estar vivo na segunda vinda de Cristo. Depois, sentindo provável sua condenação à morte, desejou-a (Fl 1,23) para estar com Cristo. Agora ele fala da proximidade da salvação. Seria a vinda final de Cristo? Seu propósito, no entanto, era encerrar sua missão na parte oriental do império, passar por Roma e ir evangelizar a Espanha, o lado ocidental (Rm 15,22-24). Ele não teria esses grandes e arriscados projetos se esperasse para breve o fim do mundo.

Os problemas internos nas comunidades de Roma também não eram poucos. Os cristãos judeus tinham sido expulsos da cidade e agora estavam podendo voltar. A situação da Palestina era cada vez mais grave, estava se tornando explosiva. Eles voltavam para Roma influenciados pelas ideias de revolução e muito mais aferrados à sua identidade judaica. Enquanto isso, os cristãos gentios de Roma, sem dúvida, tinham se afastado mais e mais dos costumes judaicos. Os dois grupos iriam se entender?

Roma, a capital do mundo, era, além disso, uma tentação, tentação, acima de tudo, de consumismo, pois tudo o que se produzia de melhor em todo o império era carreado para Roma.

Cair nessa tentação seria deixar-se envolver pelo mundo das trevas.

Estão dormindo aqueles que não têm esperança de que o mundo possa mudar nem nisso pensam. Um mundo novo está chegando, está para ser construído; é preciso, então, estar acordados, viver como em pleno dia – alerta Paulo –, fugir do consumismo, que não dá nenhum sentido à vida. Como o mesmo Paulo disse em 1Ts 5, os que dormem, é de noite que dormem; os que se embriagam é de noite que se embriagam. Esses serão pegas de surpresa. Nós, ao contrário, somos da luz e, como tais, vivemos unidos ao Senhor e Messias Jesus.

3. Evangelho (Mt 24,37-44)

A vinda de Cristo, quando será? O evangelho responde que ninguém pode saber, é imprevisível. Diz, porém, que precisamos ficar atentos, ligados a Deus e seu projeto, mesmo no trabalho cotidiano, dentro ou fora de casa.

O evangelho, das palavras de Jesus que se referem diretamente à destruição de Jerusalém, passa a falar do encontro final do fiel com o Cristo juiz. O trecho que lemos hoje faz exatamente essa passagem.

Ele havia falado da comparação com a planta que começa a brotar, anunciando a chegada da primavera e do verão (vv. 32-36). Sinais do dia decisivo seriam a autoproclamação messiânica dos líderes da revolta judaica (vv. 5-8), dificuldades, incompreensões e perseguição aos cristãos, além da divulgação do evangelho (vv. 9-14) e da violação do Templo (v. 15). Mas, nos vv. 34-35, é dito que os fatos acontecerão ainda “nesta geração”, o que só pode ser entendido com a destruição de Jerusalém.

Depois de dizer que o dia e a hora só Deus sabe (v. 36), o evangelho entra no texto de hoje comparando a situação de então com a do tempo de Noé. No episódio bíblico do dilúvio, ninguém se interessou pela arca que Noé preparava, ninguém pensou que sua vida seria interrompida: continuava sua rotina até que Noé entrou na arca – e, em seguida, veio o dilúvio e todos se foram.

É uma advertência para estarmos conscientes de um fim inevitável, mas de data e hora imprevisíveis. E estar conscientes disso significa estar atentos aos apelos de Deus por meio dos fatos. O fim vem, é certo. Quando? Só Deus sabe. As duas certezas nos preparam para ir ao encontro do Senhor que vem.

Por ocasião da invasão do exército romano, nas proximidades ou dentro de Jerusalém, dois homens no campo ou duas mulheres em casa, exercendo a mesma atividade, têm sortes diferentes. Essa afirmação leva naturalmente a uma reflexão: o que importa não é exatamente

o que estejam fazendo, mas o modo como cada um está agindo na sua rotina cotidiana. Está vigilante, com o pensamento voltado para Deus e seu projeto, ou voltado apenas para si mesmo e seus sonhos?

Vem a comparação do ladrão, que chega sempre quando menos se espera. Para não ser pegos de surpresa, é preciso vigiar, ficar acordados, atentos, alertas. Paulo (1Ts 5,1ss) já fazia a comparação com o ladrão, que vem à noite. E dizia: “Mas nós não somos das trevas nem da noite, nós somos do dia e da luz”.

III. DICAS PARA REFLEXÃO

Em tudo o que acontece, Jesus está mostrando-nos nova esperança e novo caminho, está lançando diante de nós um desafio, está pedindo de nós a resposta de uma atitude nova, diferente. É o seu advento, a sua vinda que celebramos. Nós é que muitas vezes não percebemos.

O desafio de hoje é a violência, uma ordem social violenta, de pura competição, que explode em acontecimentos trágicos, mas está no coração da sociedade e no coração de cada um. A comunidade que acredita em Deus e não no dinheiro ensina a transformar as armas em instrumentos de trabalho, mudar a força de destruição em força de construção, abandonar a violenta guerra da competição e partir para a colaboração.

A “montanha da casa do Senhor” não é apenas aquela montanha que chega a 800 metros acima do nível do mar Mediterrâneo, mas um lugar de encontro com Deus, uma comunidade de fé que deve ser luz para a humanidade.

Quanto mais escura a noite, mais próximo está o clarear do dia; quanto mais difícil a situação, mais perto está uma solução.

Aqueles que não têm esperança em outro mundo possível estão dormindo. Um mundo novo está vindo, está para ser construído; é preciso estar acordados, viver como em pleno dia, fugir do consumismo, que não dá nenhum sentido à vida, e fazer da sobriedade ferramenta de partilha.

O fim vem, é certo. Quando? Só Deus sabe. A certeza de que vem e a certeza de que não podemos saber quando nos preparam para ir ao encontro do Senhor. É preciso estar conscientes de um fim inevitável, mas de data e hora imprevisíveis. E estar conscientes disso significa estar atentos aos apelos de Deus por meio dos fatos.

O que importa não é o que as pessoas estejam fazendo, mas o modo como cada um está agindo. Está vigilante, com o pensamento voltado para Deus e seu projeto, ou voltado apenas para si mesmo e sua cobiça? Isso é o que vai definir a sorte de cada um.

“Nós não somos das trevas nem da noite, nós somos do dia e da luz.” Que significado tem isso no nosso dia a dia?

Os “últimos tempos” são o futuro que já está presente, são o futuro-presente que podemos hoje entender e pôr em prática. São a etapa decisiva da humanidade após a ressurreição do Crucificado, que celebramos.

2º DOMINGO DO ADVENTO (5 de dezembro)

PREPARADOS PARA O NATAL?

I. INTRODUÇÃO GERAL

Os noticiários já falam nas previsões para o Natal deste ano, se será bom ou ruim, melhor, igual ou mais fraco que o do ano passado. Isso para o comércio, que, sem dúvida, já se preparou de acordo com as previsões mais realistas. Esse Natal é um grande motor da economia, é a grande festa do consumo, a grande festa do capitalismo.

O nosso preparar-nos para a vinda do Senhor é outra coisa. Neste domingo, já aparece a figura de João Batista, o anticonsumo. A austeridade com que ele se apresenta, a sua roupa e sua comida já revelam sua mensagem: mudar de mentalidade.

A palavra grega *metanoia*, que nos três primeiros Evangelhos resume a pregação de João e também a de Jesus, é fácil de entender. *Meta* é o mesmo prefixo grego que encontramos em “*metamorfose*” e indica mudança, significando aqui “mudança de forma”. *Noia* nós conhecemos de “*paranoia*” e refere-se à cabeça. *Metanoia* é, então, “mudança de cabeça”, mudança de mentalidade, de maneira de pensar e agir.

Assim, a nossa preparação para a vinda do Senhor – não apenas para a celebração do nascimento de Jesus – vai remar contra a corrente do capitalismo, que governa o nosso mundo. E essa corrente não é um filete de água, mas um caudal imenso, que vai arrastando tudo com sua força avassaladora. É contra essa corrente que remamos.

Diz a antiga fábula: O lobo e o cordeiro foram ao mesmo córrego beber água. Vendo o cordeiro, o lobo diz: “Vou te matar porque estás sujando a minha água!” O cordeiro responde: “Não pode ser, eu estou mais embaixo, a água está correndo daí para cá”. O lobo diz: “Então eu vou te devorar porque na semana passada teu pai me insultou!” “Não pode ser”, responde o cordeiro, “faz dois meses que meu pai morreu”. “Ah! Se não foi teu pai, foi teu irmão, teu

tio...”. E avançou sobre o cordeiro. O fabulista conclui: “O mais forte sempre acha uma razão para devorar o mais fraco”. Não será esse o princípio que governa o nosso mundo?

II. COMENTÁRIOS DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Is 11,1-10)

Isaías depositava grande esperança no futuro rei. Com ele, a lei do mais forte vai acabar, pois tanto o rei como o país inteiro, todos vão defender os fracos. Deixaremos, então, de ser bichos uns para os outros. Isso resume o belo texto de Isaías, motivo de muitos cânticos de Advento.

Isaías era familiar ao palácio de Acaz e conhecia bem seu filho Ezequias, em quem depositava grande confiança. Ezequias foi realmente um dos melhores reis de Judá, mas o poema de Isaías que expressa sua confiança nele vai muito além.

A dinastia de Davi, o filho de Jessé, estava enfraquecida, quase liquidada diante do poder crescente da Assíria. Falando em ramo familiar, o de Jessé estava reduzido a quase nada, a um toco cortado quase rente ao chão. Como de uma velha parreira decepada, do toco ou até das raízes, ainda pode surgir um broto novo, assim também surge aqui o broto novo do ramo familiar de Jessé.

O Espírito do Senhor lhe dará as qualidades dos famosos antepassados, a sabedoria e a perspicácia de Salomão, as qualidades béticas de prudência e ousadia de Davi, e ainda vai lhe acrescentar outras duas: o temor e o conhecimento de Javé. O próprio texto vai explicar o que é “temor de Javé”: é não julgar por interesses escusos (v. 3), mas fazer justiça aos fracos e castigar o opressor. “Conhecer Javé” Jeremias explica em 22,15-16. É praticar o direito e a justiça, fazer justiça ao humilde, ao indigente.

Inspirado no temor de Javé, o novo rei vai acabar com a estória do lobo e do cordeiro, quando o mais forte sempre tem razão e sempre encontra um motivo para devorar o mais fraco. Então, “o lobo será hóspede do cordeiro, o leopardo vai se deitar ao lado do cabrito...”. As pessoas deixam de ser bichos umas para as outras.

Inspirado no temor de Javé, ele vai usar de sua autoridade para fazer justiça ao fraco e reprimir o opressor. Assim, o resultado será que, não só ele, mas o país inteiro estará inundado do “conhecimento de Javé”, todos sabendo respeitar os direitos dos fracos.

Aquilo em que o profeta foi além em seu poema ficou como esperança messiânica, esperança de um salvador definitivo para o porvir. Será que o Cristo já realizou isso?

2. II leitura (Rm 15,4-9)

Os cristãos judeus tinham sido expulsos de Roma. Agora, autorizados a voltar, retornavam para Roma e para as suas comunidades. Seriam bem recebidos pelos irmãos que não eram judeus?

Essa situação é que nos dá o contexto geral da carta aos Romanos. Aqui, já na parte parenética ou nas recomendações finais, Paulo diz que é tempo de esperança, esperança fundamentada na palavra de Deus, nas Escrituras. Nelas, encontramos encorajamento e firmeza, palavras frequentemente traduzidas por “paciência” e “consolação”.

O Deus do encorajamento e da firmeza é que deve levar os cristãos a ter um mesmo pensar, seguindo o Cristo Jesus. Só assim se podem superar as dificuldades de relacionamento entre os cristãos judeus que voltam e os cristãos gentios que ficaram. Só assim poderão participar unidos numa mesma celebração para louvar a Deus.

A prática é essa mesma, saberem acolher uns aos outros, sem discriminação e sem preconceitos. Assim é que o Cristo nos acolhe. Ele se pôs a serviço dos judeus para realizar as esperanças consubstanciadas nas promessas contidas em suas Escrituras Sagradas. Nem por isso os não judeus, “gentios” ou “nações”, são esquecidos, pois as mesmas Escrituras os convidam também a louvar o Senhor.

3. Evangelho (Mt 3,1-12)

Estamos nos preparando não para a festa do Natal, mas para a chegada de Jesus, o Messias, o Salvador! O evangelho vai nos responder quem é esse que prepara os caminhos do Senhor, como é que ele vive, qual a sua mensagem.

Aparece João Batista. Ele prega no deserto da Judeia, num lugar ermo e sem vida. Sua mensagem se resume em *metanoia*, a mudança de cabeça, mudança de mentalidade, a coragem de remar contra a corrente do pensamento dominante, a coragem de pensar e agir diferente.

O motivo é que o reinado de Deus está chegando. O Evangelho de Mateus, sendo de cristãos judeus, fala de “céus” para substituir a palavra Deus, por respeito ao Nome. Quando diz reino dos céus, então, está dizendo reinado de Deus, mundo onde manda Deus, não o dinheiro ou um de seus súditos.

João prepara os caminhos do Senhor. Sua figura é sua mensagem e já contrasta fortemente com o pensamento dominante do seu tempo, quanto mais o de hoje. Como o profeta Elias, ele veste uma roupa tecida de pelos de camelo, com uma cinta de couro. Seu alimento também não combina com os banquetes e as bebedeiras dos

poderosos do seu tempo, nem do nosso Natal consumista. Ele prega a *metanoia*.

Representantes de dois poderosos movimentos religiosos rivais – o dos fariseus, que dominavam a consciência do povo, e o dos saduceus, que comandavam o Templo e o sinédrio – vão à procura do batismo de João. Estarão também querendo mudar de mentalidade?

João os aborda sem meios-termos: bando de cobras venenosas! A *metanoia* tem de ser efetiva, produzir resultados práticos; não é mero ritual, o batismo, para tentar enganar os outros, a si mesmo e a Deus! O título de filho de Abraão (ou de cristão) não dá isenção a ninguém, todos têm de mudar de mentalidade.

Não adianta parecer uma árvore frondosa e bonita; o machado já está ao pé das árvores, e a que não estiver produzindo frutos vai ser cortada e jogada ao fogo. Frutos de verdadeira *metanoia*!

Depois, João fala de Jesus. “Não sou digno de carregar suas sandálias” pode significar também: não mereço ficar no lugar dele, assumir a função dele. Como em Rg 4,7ss: o que desiste da tarefa e a passa a outro tira e lhe entrega a sandália.

“O Espírito Santo e o fogo”, no contexto da comparação com o lavrador que abana o seu cereal, poderia significar “o vento e o fogo”, o vento que carrega a palha e o fogo que vai queimá-la. Jesus, que vem, é o último juiz da humanidade; ele separa o grão da palha, ele guarda o grão no seu celeiro e joga ao fogo a palha, o que não tem serventia. No final do capítulo 25 do mesmo evangelho, ele vai dizer: “Vinde, benditos” e “ide, malditos”.

III. DICAS PARA REFLEXÃO

Advento não é tempo de preparar as comemorações do Natal, os presentes, as comidas, bebidas e roupas. É tempo de caminhar ao encontro pessoal e comunitário com o Cristo, o Messias Jesus. Seu berço foi um cocho, dentro de um estábulo, e seu leito de morte foi a cruz.

Nossa caminhada ao encontro do Cristo exige a *metanoia*, a mudança de cabeça, porque o reinado de Deus está chegando. Se é Deus, Pai de todos, e não o dinheiro, pai só de alguns, que deve comandar, então é preciso mudar as cabeças.

Metanoia nos leva a nadar contra a corrente, embora esta seja mais volumosa que o rio Amazonas. Na minha prática cotidiana, na chegada do próximo Natal, por exemplo, o que isso significaria?

Jesus realizou as palavras de Isaías e acabou com a estória do lobo e do cordeiro? Todos já deixamos de ser bichos uns para os outros?

Que fez Jesus? Que falta ainda para esse sonho acontecer? Quem será o responsável para levá-lo a cabo? Basta cantar: "Da cepa brotou a rama...?"?

Celebrações vazias, que não movem o coração e a mente nem dos que as presidem, quanto mais dos participantes, tornam a todos semelhantes aos fariseus e saduceus que foram pedir o batismo a João.

João cobrava deles o fruto ou resultado, que é uma *metanoia* verdadeira, sincera. A vinda de Jesus é a vinda do juiz que não se engana, pois sonda os rins (os sentimentos) e o coração (a mente).

Na eucaristia, celebramos um mundo diferente, que vem por um caminho diferente; a mesa comum da humanidade, que vem da partilha de si, do partir-se em pedaços como aquele pão. O caminho é a austeridade, não o consumo exasperado; é o sacrificar-se pelo outro, não o aproveitar-se da situação. A chegada é a mesa comum.

3º DOMINGO DO ADVENTO (12 de dezembro)

OS SINAIS DO SALVADOR

I. INTRODUÇÃO GERAL

Quando dirigimos pelas estradas ou pelas ruas das cidades, encontramos muitos sinais de trânsito. Seria extremamente ridículo a pessoa parar o carro em frente a um sinal verde para admirar aquela cor. O resultado seria uma batida. E se a pessoa parasse para examinar se a placa é de latão ou de madeira, se os símbolos ou as letras estão bem ou mal desenhados? O sinal não é para ser admirado ou discutido, mas para ser entendido e seguido.

Fazemos isso frequentemente com as narrativas de milagres nos evangelhos. Chegamos a pensar que talvez Jesus tenha feito curas e mandado seus discípulos fazer curas como demonstrações de poder em favor dos que nele cressem. Estamos cansados de ver "igrejas" que curam a torto e a direito, não se sabe por quais interesses.

Depois do episódio dos pães no capítulo 6 do Evangelho de João, muitas pessoas vão à procura de Jesus. Ele as acolhe, dizendo: "Vocês me procuram não porque viram sinais, mas porque comeram e ficaram satisfeitos". O que interessa não é a placa, mas o que ela indica; não é o milagre ou seu resultado, mas o que aquilo significa dentro da mensagem de Jesus.

No evangelho de hoje, reaparece a figura do Batista. Ele manda seus discípulos perguntar a Jesus se este é o Messias esperado e recebe de Jesus os maiores elogios.

A resposta de Jesus é indireta: fala dos sinais que estão acontecendo. Abrir os olhos aos cegos, soltar a língua dos mudos, abrir os ouvidos dos surdos, soltar os braços e as pernas dos entrevados, enfim, dar nova vida aos mortos é o núcleo da missão do Messias.

Nós não esperamos um simples curandeiro; esperamos o Messias, que dá nova vida à multidão cega, muda, surda, inválida, morta.

II. COMENTÁRIOS DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Is 35,1-6a.10)

O povo estava no cativeiro. Os inimigos tinham vazado os olhos de alguns, outros estavam mutilados, todos desiludidos e desanimados. O profeta canta de maneira espetacular a esperança de saída do cativeiro e retorno para a própria terra. Será para nós símbolo de uma esperança maior.

O caminho da volta é o deserto, tal como o caminho da escravidão do Egito até a Terra Prometida. É um novo êxodo. O caminho é o deserto, mas a certeza da esperança faz do deserto um jardim.

A esperança é a força para a caminhada: nada de braços cansados ou joelhos cambaleantes, nada de medo, coragem! É Deus que vem para salvar! Se o caminho da liberdade e da vida é difícil, é um deserto, a certeza de que a salvação vem de Deus dá força e coragem e transforma o deserto em jardim.

Aí já não haverá cego, surdo, mudo ou pessoas com deficiência física. Estas não apenas vão andar por si: vão pular como cabritos; os mudos vão soltar a voz e cantar um hino. Acabou a cegueira, a mudez, a surdez, a invalidez a que eram submetidos no cativeiro; a libertação que chega faz a todos videntes, ouvintes, falantes, caminhantes, até saltitantes e agentes. Deixam de ser objetos, tornam-se sujeitos, senhores de si. Vivam!

2. II leitura (Tg 5,7-10)

Depois de fazer fortes ameaças aos ricos (vv. 1-6), o escrito de Tiago parece se dirigir aos pobres. Para a gente sofrida e cansada, ele fala de esperança, paciência e resistência, confiantes na vinda do Senhor, juiz justo.

A comparação com o agricultor é clara. A certeza do agricultor de que a semente lançada na terra vai produzir frutos é que lhe dá segurança de esperar até o dia da colheita. A

natureza não dá saltos, já dizia o antigo ditado, e o agricultor sabe bem disso: por isso, espera tranquilo e seguro.

A expectativa próxima da vinda do Senhor, justo juiz, significa a certeza da vitória da justiça, por mais que demore e por mais que a injustiça pareça prevalecer. Isso leva ao comportamento mais moderado e maduro de quem não se queixa dos outros, atribuindo-lhes os próprios males, mas aguarda seguro o verdadeiro juiz, que está às portas.

3. Evangelho (Mt 11,2-11)

João Batista tinha dito, no texto lido domingo passado, que depois dele viria um mais forte que ele, pronto para cortar e queimar as árvores que não estivessem produzindo e para abanar o cereal, guardar os grãos no celeiro e pôr a palha para queimar. Seria o juiz definitivo e implacável.

O que João ouviu falar de Jesus, entretanto, parece não corresponder exatamente a essa ideia de juiz rigoroso. Donde o sentido da pergunta que ele manda fazer a Jesus: é você mesmo ou virá outro para o julgamento definitivo?

João ouviu falar das curas, sem dúvida, e da compaixão de Jesus pelas pessoas, também pelos pecadores. A resposta de Jesus aponta para esses sinais. Ele primeiro veio salvar, libertar. As curas são sinais da solidariedade com os sofredores e do mais importante de sua missão: abrir os olhos a todos os cegos, mesmo aos que tenham olhos perfeitos; abrir os ouvidos a todos os surdos, mesmo aos que tenham ouvidos perfeitos; fazer andar e agir os inválidos, mesmo os que têm mãos, pés e pernas perfeitos; purificar todos os leprosos, tirar da exclusão social todos os “sujos” postos à margem; enfim, dar vida a todos os que vivem mortos.

Tudo isso se resume numa palavra: anunciar a boa-nova aos pobres. Alguém perguntou certa vez por que se fala tanto em evangelizar os pobres, já que eles geralmente estão mais perto da fé do que os ricos. É que “evangelizar” significa levar boa notícia. E que melhor boa notícia há do que fazer os oprimidos ver, ouvir e agir, algo proibido na sua atual situação?

Muitos não gostam disso, de dizer que a missão de Jesus é levar boa notícia aos pobres, levar esperança e força aos que são o refugo da sociedade, abrir os olhos, os ouvidos, a boca aos que são proibidos de fazê-lo. Muitos se escandalizam com a afirmação de que Jesus veio para libertar os oprimidos. Mas Jesus termina: “Felizes os que não se escandalizam comigo!”

Depois que os discípulos de João se afastam, Jesus se dirige ao povo para falar de João. Per-

gunta inicialmente o que foram ver no deserto e responde: não foram ver um bambu agitado pelo vento, de um lado para o outro, nem alguém vestido com roupas finas. No deserto estava um profeta, mais do que um profeta, aquele que abre os caminhos.

“No entanto, o menor no reino dos céus é maior do que ele.” Reino dos céus é o mesmo que reino de Deus, conforme está no texto paralelo de Lucas. Esse reino de Deus aqui se entende como a comunidade cristã. Assim, qualquer membro da Igreja do Novo Testamento é maior do que João Batista.

O reino sofre violência, diz o versículo 12, que segue o trecho do evangelho lido hoje e faz parte da mesma perícope. A afirmação soa um tanto misteriosa. Significa que a comunidade dos discípulos de Jesus é perseguida, vítima de violência? Parece, no entanto, que se trata da violência exigida de quem quer conquistar ou arrebatar² o reino. É a práxis contra a entranhada mentalidade deste mundo e dos que o dominam. Não significa exercer essa mesma forma de violência, mas vencê-la com firmeza por meio do amor.

III. DICAS PARA REFLEXÃO

Será que estamos prontos para conquistar, raptar, como diz o texto evangélico, o reino de Deus?

A ação de evangelizar os pobres constitui o principal sinal de que Jesus é o Messias esperado pela humanidade. Evangelizar não é impor a alguém um conjunto de doutrinas ou submetê-lo a um enorme código de leis e regulamentos. Evangelizar é levar boa notícia, levar esperança e ânimo a quem precisa, aos pobres, aos sofredores, às vítimas deste mundo.

A um morador de rua, você não vai dizer que ele deve ir à missa todo domingo; você vai dizer que Jesus também era “trecheiro”, não tinha nem uma pedra onde encostar a cabeça.

A boa notícia para os oprimidos pode ser má notícia para os opressores, mas é a mensagem de Jesus. Quando ficamos com medo de magoar os opressores, não nos estamos escandalizando com Jesus?

É preciso saber combinar a ideia do juiz implacável, que separa o que presta – o grão – do que não presta – a palha, que vai para o fogo –, com a ideia daquele que vem curar a todos, abrir os olhos aos cegos, os ouvidos aos surdos e purificar os “sujos”, enfim, trazer boas notícias para os pobres.

Abrir os olhos aos cegos, os ouvidos aos surdos, a boca aos mudos, fazer os inválidos ficar de pé, com o entendimento disso como milagres

ou manifestações de poder, em pouco ou nada modifica o nosso comportamento e a caminhada da humanidade. Quando essas coisas são sinais do objetivo de fazer todos se tornarem sujeitos, senhores da própria vida, já incomodam bem mais.

O reino sofre violência. Não é fácil a busca do reinado de Deus. O mais difícil talvez seja desembaraçar-se do reinado do dinheiro e de tudo o que ele oferece. “Só os violentos o arrebaram”, só os fortes raptam esse reinado.

Trata-se da força usada por João, o precursor, que preparou a vinda daquele que haveria de começar o reinado de Deus no mundo. Ele não era um ramo agitado por qualquer vento, nem vestia roupas chiques: era um profeta, já pela própria austeridade e firmeza, e mais do que um profeta, pois preparava os caminhos do Senhor.

Mais violento ainda foi Jesus, ao entregar-se livremente à morte de cruz a fim de rasgar os caminhos para uma humanidade nova. Essa sua violência e o mundo novo celebramos na eucaristia.

Advento não é preparação para comemorar o Natal. Advento é celebrar a chegada do Senhor e reunir forças para arrebatar o reinado de Deus.

4º DOMINGO DO ADVENTO (19 de dezembro)

A MÃE DO SALVADOR

I. INTRODUÇÃO GERAL

O quarto domingo do Advento nos traz, todo ano, a figura de Maria, a mãe do Senhor. Neste ano A, seguimos o Evangelho de Mateus. Nesse evangelho, ela aparece realizando em plenitude as palavras de Isaías pronunciadas mais de 700 anos antes. A roupagem literária com que o profeta vestiu a mãe e o filho que ele anunciarava era grande demais: só Maria e Jesus preenchem as palavras do profeta.

A jovem mãe torna-se virgem mãe; o nome “Emanu-el”, de um simples grito de guerra, passa a significar verdadeira presença de Deus no meio da humanidade. O nascimento já ocorrido, ou que Isaías previa para breve, torna-se geração e nascimento totalmente imprevisíveis, possíveis apenas por intervenção direta de Deus.

E a origem em Davi é assegurada por José, o homem justo. A origem em Davi é relembrada por Paulo, que anuncia em Jesus a realização de todas as esperanças do povo judeu. José, justo, pratica a justiça do reinado de Deus, tema central do Evangelho de Mateus, justiça que, mais

do que observância rigorosa da Lei, é toda uma ordem social justa, fundada no respeito ao outro e na misericórdia.

Todo filho traz à mãe a lembrança do pai. O nascimento virginal faz Maria, ao ver Jesus, lembrar-se não de José, mas de Deus e do seu Espírito. E seu Filho realiza, não só para ela, mas para toda a humanidade, aquilo que dizia o nome da criança anunciada a Acaz: Emanuel, Deus-conosco.

II. COMENTÁRIOS DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Is 7,10-14)

O rei Acaz estava com medo dos reis de Israel e da Síria, que planejavam derrubá-lo do poder e pôr outro em seu lugar. Isaías vai dar-lhe coragem. Diz que o plano deles vai fracassar, pois os dois reinos não têm forças para isso, nem para resistir aos assírios, e diz também que “quem não crê não sobrevive” (vv. 7-9).

Em seguida, diz a Acaz que peça um sinal de Deus, seja de vida (“das alturas”), seja de morte (“das profundezas”). Acaz não crê e arranja uma desculpa religiosa para não pedir o sinal, não tentar o Senhor. Mesmo assim, Isaías lhe indica qual será o sinal.

Fala de uma moça que terá um filho. Essa moça pode ser a esposa de Acaz e o filho, Ezequias, talvez até já nascido. Toda a esperança se concentra numa pessoa que, mais tarde, na tradição judaica, será o Messias. O nome simbólico dele será Emanuel, Deus-conosco. Na época, isso poderia ser apenas um grito de guerra: antes de atacar, o comandante gritava por três vezes *emamu* (conosco) e os soldados *El* (Deus). É o sinal da vitória na guerra.

Na introdução (v. 10), Javé aparece como o Deus de Acaz: “Pede um sinal a teu Deus Javé”, mas, como o rei se recusa a se socorrer dele, Javé se torna o Deus apenas do profeta: “passais a incomodar até o meu Deus!” (v. 13). Deus, sem que Acaz queira ou peça, dar-lhe-á o sinal de que os dois reis que o ameaçam não passam de “dois gravetos em brasa fumegantes”.

Esse sinal será a jovem que vai gerar um filho e dar-lhe o nome de Deus-conosco. A jovem mãe é que dá nome ao filho. Essa “jovem” do texto hebraico tornou-se “virgem” na tradução grega dos Setenta e, assim, abriu o caminho para a interpretação que os evangelhos lhe dão: a virgem mãe é Maria e o filho é Jesus.

2. II leitura (Rm 1,1-7)

Paulo escreve a comunidades nas quais conviviam cristãos judeus e gentios. Os judeus tinham sido expulsos de Roma e agora, autori-

zados, estavam voltando em situação de grande inferioridade. A fim de dar-lhes apoio, Paulo inicia a carta lembrando que Jesus é a boa-nova de Deus há tempos anunciada nas Escrituras sagradas dos judeus, é Filho de Deus, mas judeu de nascimento, da família de Davi.

Ele é definido Filho de Deus com poder a partir da ressurreição, a partir de sua vitória sobre a morte, quando Deus ratificou sua obra e mensagem. A partir daí o judeu crucificado é Messias e Senhor nosso.

A partir do entendimento de que o Crucificado é o Messias, Paulo foi chamado a levar a todas as nações, a todos os não judeus, a fé, que se traduz em obediência, atenção e resposta positiva aos apelos de Deus na vida, como aconteceu consigo mesmo.

A boa notícia do reinado de Deus levada a todo o mundo (evangelho) se resume, pois, nesse judeu nascido de Maria, incluído na descendência de Davi mediante José e por Deus ressuscitado dos mortos como Messias e Senhor.

3. Evangelho (Mt 1,18-24)

O Evangelho de Mateus é um evangelho de judeus cristãos. Começa com a genealogia de Jesus, filho de Abraão como todo judeu.

Numa sociedade patriarcal, na árvore genealógica só aparecem os homens. Na de Jesus, aparecem quatro mulheres, que conquistaram seu espaço por meio da geração de um filho ou da relação sexual. São elas: Tamar, que conseguiu permanecer na família de Judá por gerar um filho deste; Raab, a prostituta de Jericó que protegeu os espiões hebreus e salvou sua família; Rute, a moabita que recuperou sua ligação com os clãs de Belém mediante seu casamento com Booz, tornando-se avó de Davi; Betsabeia, a mulher que Davi tirou de Urias.

Além dessas quatro, aparece Maria com grande destaque. Ela é a mãe de Jesus, ao passo que José é apenas seu esposo; apenas, na concepção patriarcal, faz a ligação dela com a casa de Davi.

No texto lido hoje, um anjo do Senhor anuncia o nascimento de Jesus por intervenção direta de Deus. Várias grandes figuras da Bíblia, como Ismael (Gn 16,7-12), Isaac (Gn 17,1-19) e Sansão (Jz 13,3-22), tiveram seu nascimento anunciado por mensageiros divinos.

O nome “Jesus” quer dizer “Deus salva”. O nome lembra que “ele vai salvar seu povo”. Seu povo é o povo judeu? Salvar de quê? Do poder de Roma? Dos seus dirigentes corrompidos? Vai salvar “dos seus pecados”. O evangelista vai mais fundo, chega ao pecado, raiz de toda opressão. E, mais adiante, a visita dos magos

vai mostrar que “seu povo” não é apenas o povo judeu, mas abrange os mais distantes e estranhos povos.

Maria, já comprometida com José, encontra-se grávida antes que passem a conviver. A primeira etapa do casamento estava realizada, faltava passarem a morar juntos. Deve-se notar que o evangelista chama José de seu marido, o que significa que o casamento estava realizado.

Por ser justo, por pôr em prática a justiça do reino, que não é o simples seguimento do rigor da Lei – a qual o levaria a denunciar Maria como adúltera –, ficou pensando na possibilidade de deixá-la sem provocar escândalo.

Tudo isso prepara o anúncio da geração divina de Jesus. A mensagem do anjo vai além do que José imaginava: nem a denúncia pública nem a saída discreta; ao contrário, acolher a esposa, pois o que ela traz no ventre vem de Deus.

E o evangelho toma o texto de Isaías 7, o sinal do Emanuel, para demonstrar como tudo o que acontece agora realiza plenamente o que está no livro do profeta, sobretudo ao se considerar a tradução dos Setenta que diz “virgem” em vez de “jovem”. Aquilo que poderia parecer bem misterioso no diálogo entre Isaías e Acaz aqui adquire sentido total.

O Filho da virgem mãe será chamado Emanuel. Se no diálogo de Isaías com Acaz esse nome poderia lembrar apenas um grito de guerra, aqui tem significado pleno. Ele é Deus conosco, não apenas nos dando forças – tal como a aclamação guerreira pretendia convencer os soldados –, mas também sendo a presença de Deus no meio da humanidade, sendo Deus que vem caminhar com a gente. Jesus é a presença vitoriosa de Deus no meio da humanidade, é o Emanuel, o Deus-conosco.

III. DICAS PARA REFLEXÃO

“Emanu!” “El!” “Emanu!” “El!” “Emanu!” “El!” “Atacar!” O antigo grito de guerra passa a ter agora um significado mais profundo. Antes significava apenas confiança no Deus que apoiava o povo em suas guerras. Visava apenas dar coragem aos soldados. Agora significa que Jesus é presença de Deus entre nós, que nele Deus veio acampar conosco.

A luta de Jesus parecia tê-lo levado ao fracasso da cruz. Mas Deus estava com ele também aí: prova disso é que o ressuscitou dos mortos, fazendo dele o Senhor da vida e da morte. Com ele estava Deus, e ele é Deus conosco. Nossa luta para estabelecer no mundo o reinado de Deus não vai fracassar, *Emanu-El*, Deus está conosco.

Na eucaristia, lembramos a luta que culminou na cruz e a vitória da ressurreição, fazendo, na comunhão, partilha da vida em plenitude para todos igualmente.

José era um homem justo. Sua justiça, porém, não se reduzia àquela coisa pequenina de só ver a Lei. Se ele só visse a Lei, teria denunciado Maria publicamente. Sua justiça, muito além da Lei, era deixar-se reger pelos critérios do reinado de Deus, Pai de todos, que respeita a todos, que a todos entende e comprehende. Sua justiça “superava de muito a justiça dos escribas e fariseus”. Essa justiça nos faz muita falta.

Maria passa quase despercebida. É a figura principal, e nós quase nem a notamos. É a figura principal exatamente por isto: não pretende aparecer, não está em busca dos holofotes, nem das câmeras. É a figura principal porque foi na sua humildade, em todos os sentidos, que Deus quis se fazer presente na humanidade.

“A virgem conceberá e dará à luz.” Se, para a mãe, o filho sempre lembra o pai, para Maria, Jesus não lembra José, mas o Espírito de Deus; não lembra uma experiência vivida com o marido, mas Deus, que a quis. Seu amor ao filho não passa pelo amor do marido, mas vai direto ao Filho. Seu amor a Jesus é isento de qualquer segundo interesse, é totalmente puro.

Nosso amor não é puro; nada fazemos sem um pouco de interesse próprio, sem uma ou mais segundas intenções. A fecundidade de Maria é tão grande, a ponto de gerar Deus, porque é virginal, porque é pura, isenta de qualquer segunda intenção.

NATAL DO SENHOR – Missa da noite

O POBRE, SALVADOR DOS POBRES

I. INTRODUÇÃO GERAL

Jesus não nasceu no dia 25 de dezembro. No Oriente, o Natal é celebrado no dia 6 de janeiro. A Igreja do Ocidente optou por celebrar a memória do nascimento do Senhor no dia 25 de dezembro porque nele se celebrava o nascimento do Sol Invicto. No hemisfério norte, essa é considerada a noite mais longa do ano. O sol vinha se escondendo, os dias cada vez mais curtos, agora o sol começa a voltar. Jesus é o sol que nasce. É o verdadeiro sol invicto, que não se deixa vencer pelas trevas.

Por isso, as três missas de Natal. A da meia-noite lembra o livro da Sabedoria: “Quando... a noite chegava ao meio do seu curso, a tua palavra todo-poderosa vinda do céu...” (18,14-15). A do raiar do dia lembra Jesus, o dia que

nasce, e a missa do dia é a claridade de meio-dia da Palavra encarnada.

Os textos da missa da noite falam de luz e de trevas. O cativeiro era um mundo de trevas, próximas das trevas do *hades* ou *sheol*, que nossa versão do credo transformou em “mansão dos mortos”. A libertação é a luz que volta a brilhar. A luz volta a brilhar porque um menino nos foi dado.

A noite dos arredores de Belém é iluminada pelo clarão do anjo do Senhor. A vida escura dos pobres pastores se ilumina, porque para eles nasceu um salvador, em tudo semelhante a eles.

II. COMENTÁRIOS DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Is 9,1-6)

Para Isaías, a esperança de sair do cativeiro é como uma luz que brilha na escuridão. Hoje, Jesus deve ser a luz que brilha na noite da humanidade, ainda debaixo do peso de um cativeiro sempre renovado.

O povo havia sido levado para o cativeiro da Babilônia passando pela Galileia – dominada pelos gentios –, precisamente pelas regiões de Zabulon e Neftali. Agora volta do cativeiro pelos mesmos caminhos. Isso foi dito no final do capítulo 8. No texto de hoje, esse retorno é a luz que brilha para os que já se consideravam na caverna escura debaixo da terra, como imaginavam o lugar dos mortos.

Sua alegria se manifesta na presença de Deus. É a alegria da colheita. Se o plantio foi duro e sofrido, a alegria da colheita compensa e muito. A canga que lhes pesava no pescoço, a vara com que lhes batiam nos ombros, o chicote dos capatazes, tudo foi quebrado. Se no cativeiro viviam como bois de carro ou animais de carga, agora tudo isso acabou.

No episódio de Madiã (Jz 7), Gedeão, para mostrar que era Javé quem lutava por eles, derrota, com um pequeno grupo de combatentes, o poderoso exército dos madianitas, que oprimiam os israelitas. Agora, também, a libertação é obra de Deus.

Acabou o clima de guerra, acabou o tempo das armas, das botas barulhentas dos soldados, das fardas sujas de sangue. Isso deve desaparecer, deve ir para o fogo. Chegou o tempo da paz e da felicidade completa para todos.

A alegre esperança se concretiza na pessoa de um menino nascido para trazer a felicidade completa, a paz, para todo o povo. Quem seria esse menino na mente do poeta-profeta não se sabe com certeza. A verdade é que essa esperança em um personagem concreto vai se firmando na tradição judaica até tornar-se esperança no futuro Messias.

2. II leitura (Tt 2,11-14)

As palavras atribuídas a Paulo falam da ternura de Deus que se revela na encarnação de Jesus. Só a mansidão de Deus pode vencer a nossa arrogância.

As chamadas epístolas pastorais supõem uma situação eclesial bem posterior ao tempo de Paulo. As comunidades cristãs já podem ser identificadas no meio do mundo gentio ou pagão, já têm certa visibilidade. O comportamento dos cristãos é um testemunho positivo ou negativo de sua fé.

A epístola a Tito manda dar orientações aos idosos (2,2), às idosas (2,3), às jovens e às esposas (2,4-5), aos jovens (2,7) e aos cristãos escravos (2,9-10), todas reforçadas pelo bom exemplo do destinatário da epístola (2,7-8). De todos se pedem humildade e moderação, para que sua fé não seja objeto de críticas, mas de elogios e de simpatia.

Tudo desemboca no trecho lido na missa da noite de Natal. O Menino do presépio é a manifestação da graça salvadora de Deus. Aquele que teve como berço um cocho, onde se coloca alimento para os animais, e teve como leito de morte a vergonhosa cruz, ele é que nos revela a graça salvadora de Deus, ele é que mostra à humanidade o caminho da vida, ele é que mostra como é gratuita a salvação.

Ele não nos tira deste mundo, mas não nos deixa ser arrastados pela cobiça e pela arrogância que governam o mundo. Ao contrário, sua pobreza e humildade nos ensinam a viver com moderação, sem a gastança em que se converteu a celebração do nascimento do Menino, a viver humildemente, procurando a justiça e a piedade, sem procurar a glória do presente, na serena expectativa da glória que virá.

3. Evangelho (Lc 2,1-14)

Jesus nasceu na extrema pobreza e foi anunciado por Deus como salvador dos pobres pastores. Nasceu no meio da história humana, submisso aos poderosos do mundo. Seu nascimento dá glória a Deus e traz a plena realização para os pobres.

Pouco interessa a exatidão histórica desse “primeiro recenseamento, quando Quirino governava a Síria”. A referência aos poderosos do mundo de então vai contrastar com a pobreza e humildade do nascimento daquele que se tornou realmente o centro da história da humanidade.

O Evangelho de Lucas é o evangelho do amor de Deus, o evangelho dos pobres, dos pecadores, das mulheres, de todos os discriminados e excluídos. José, que é da descendência de Davi, está submetido às ordens dos senhores deste mundo

e vai com Maria, grávida, até Belém. É preciso que o Filho de Davi venha de Belém.

Não há lugar para eles na hospedaria. Ficam fora, como tantos outros que ficam fora. Vão dormir na estrebaria, e o berço do Menino será um cocho, um lugar onde se põe alimento para o gado. Não nasce num berço de ouro; pelo contrário, nasce pobre entre os mais pobres.

Os pastores eram pobres, temidos e discriminados. Sua situação era semelhante à dos ciganos de hoje. Eram nômades, iam de um lugar para outro, conduzindo suas ovelhas. Passavam as noites ao relento, olhando seus rebanhos. Eram temidos pela suspeita de serem ladrões de gado.

A eles aparece o anjo do Senhor. No Primeiro Testamento, o anjo do Senhor é como uma duplca de Javé, que diretamente ninguém pode ver, senão morre. É a maneira de o próprio Deus Javé aparecer. O anjo do Senhor diz aos pastores que nasceu um salvador para eles, um salvador para os últimos da sociedade.

De onde virá o salvador dos pastores? O sinal será este: um recém-nascido envolto nas faixas comuns dos recém-nascidos e deitado num coxo, dentro de uma estrebaria. É aí, não em um palácio, que vão encontrá-lo. Num palácio, os pastores não poderiam entrar. Só mesmo numa estrebaria, num ambiente que lhes era familiar, vão encontrar o seu salvador.

Ele será também uma alegria para todo o povo. Ele não deixa ninguém constrangido; dele todos podem se aproximar, a ele todos podem procurar. A pobreza é o sinal da salvação que chega. Isso abala os critérios da nossa sociedade humana, contrasta com a mentalidade reinante, vai contra a corrente do pensamento único. Isso não combina com a maneira atual de celebrar o Natal. Choca. Incomoda. Mas é fato incontestável.

E a multidão de anjos que se une ao anjo do Senhor diz, cantando, que esse nascimento significa a glória de Deus nas alturas e, na terra, o bem, a felicidade, a plena realização – pois *shalom* significa plenitude – daqueles que se encaixam nesse projeto de Deus. A palavra grega *eudokia*, traduzida antigamente por “boa vontade” e atualmente por “benquerer” – daí queridos, amados por Deus –, parece significar algo mais, o próprio projeto do benquerer de Deus. Por isso foi dito: “aqueles que se encaixam no projeto compassivo de Deus”, aqueles que, sem arrogância, se veem carentes do amor compassivo e salvador de Deus.

III. DICAS PARA REFLEXÃO

A alegre esperança daqueles que, em todos os tempos, buscam a verdadeira paz se

concretiza na pessoa de um menino nascido para trazer a felicidade completa, a paz, para todo o povo.

A ternura de Deus se revela no presépio. Só a mansidão de Deus pode vencer a nossa arrogância. Paz na terra para aqueles que, sem arrogância, se veem carentes do amor compassivo e salvador de Deus.

O Menino do presépio é a manifestação da graça salvadora de Deus. Aquele que teve como berço um cocho e teve a cruz como leito de morte, ele é que nos revela a graça salvadora de Deus, ele é que mostra à humanidade o carinho de Deus, ele é que nos revela como é gratuita a salvação.

O anjo do Senhor diz aos pastores que nasceu um salvador para eles, um salvador para os últimos da sociedade. Mas de onde virá o salvador dos pastores? Não é em um palácio que vão encontrá-lo. Num palácio, os pastores nem poderiam entrar. Só mesmo numa estrebaria eles vão encontrar o seu salvador.

A pobreza é o sinal da salvação que chega. Isso abala os critérios da nossa sociedade humana, contrasta com a mentalidade reinante, vai contra a corrente do pensamento único. Isso não combina com a maneira atual de celebrar o Natal. Choca. Incomoda. Mas é o fato incontestável que celebramos esta noite.

Na missa celebramos aquele que teve como berço um coxo e por leito de morte a cruz. Nasceu na estrebaria, não num berço de ouro. Celebramos como ele assume a maldição que era a cruz a fim de abrir-nos o caminho da vida, da salvação.

Ele vem ao nosso encontro não numa “Noite feliz” que cantamos, nem apenas na comunhão ritual de que participamos. Ele vem ao nosso encontro em tudo e todos os que encontramos.

NATAL DO SENHOR – Missa do dia

O POBRE MENINO É A FALA DE DEUS

I. INTRODUÇÃO GERAL

As leituras da missa do dia do Natal nos dizem quem é esse Menino nascido na extrema pobreza. É a comunicação eterna de Deus, que acampa no meio de nós para caminhar conosco. É a fala, a palavra, a sabedoria, o projeto de Deus que existiu antes de o mundo ser criado. O Menino nascido no estábulo é quem nos explica como é o Deus invisível.

Somos tentados a imaginar Deus um todo-poderoso como os césares, que podiam, com

um simples gesto, decretar a vida ou a morte de alguém sem ter de justificar seu ato. Somos tentados a imaginar Deus um rei oriental das *Mil e uma noites*, cuja riqueza é incomensurável. Não. Deus é frágil e pobre como o Menino nascido num refúgio de animais. Somos tentados a imaginar Deus ao lado dos ricos e poderosos. Não. Ele é reconhecido Salvador dos pobres pastores, dormindo num cocho, não em um berço de ouro.

Ele é a fala de Deus. A fala eterna: anterior à criação e a fala que agora se manifesta. Ele é a fala e é o Filho. Se Deus havia falado por meio dos profetas, agora nos fala diretamente no Filho, que é a sua fala. Ele é o Filho que nos faz filhos, nascidos de Deus, livres de qualquer escravidão. Ele é o Filho que realiza o que a Lei manda, mas não faz. Ele é o Filho reclinado à direita do Pai, que nos faz a exegese do Deus que ninguém jamais viu.

II. COMENTÁRIOS DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Is 52,7-10)

O poema lido na primeira leitura de hoje canta a esperança próxima do fim do cativeiro da Babilônia e a volta para Jerusalém ou Sião. Feliz é o mensageiro que traz a notícia da liberdade e do retorno à pátria! Que belos são os pés daquele que vem ligeiro, trazendo a boa-nova! O que ele anuncia é que agora Deus reina.

Talvez seja um dos primeiros empregos na Bíblia da expressão anunciar a boa-nova, evangelizar. O verbo hebraico utilizado chegou à nossa língua por meio do árabe, língua irmã do hebraico. No hebraico, a raiz verbal é *vsr*. Ela chegou para nós na palavra “alvissaras”, usada classicamente para falar da recompensa de quem traz boas notícias. Alvissarar é dar boas notícias, alvissareiro é quem dá boas notícias ou faz boas previsões. O grego e o latim traduziram esse verbo por evangelizar. E aqui o evangelho ou notícia alvissareira é o fim do cativeiro e o retorno a Jerusalém, sinal de que Deus voltou a reinar.

O poema se desenvolve imaginando a chegada dos exilados de volta a Jerusalém. As sentinelas da cidade são os primeiros a ver. Ao verem o grupo de exilados que retornam, estão vendo frente a frente Javé de volta para Sião: é a salvação, a vitória de Javé acontecendo. Seus gritos de alerta se transformam em algazarra de alegria, em cânticos e dança. Até as ruínas da cidade deserta são convidadas a jubilar com o alegre coro. É Javé que arregou as mangas para enfrentar as nações e salvar o seu povo. É a sua esperada salvação que chega inesperada.

2. II leitura (Hb 1,1-6)

O texto da segunda leitura não é uma carta ou epístola; costumeiramente chamado de homilia, é apenas um texto exortativo dirigido a judeu-cristãos.

Com a destruição de Jerusalém, no ano 70, pelas forças romanas comandadas por Tito, os judeu-cristãos consideravam ter perdido o que tinham de melhor e mais atraente: as celebrações festivas e o culto no Templo. Pensavam também em abandonar o cristianismo, um pouco descrentes de tudo. O escrito pretende reanimá-los e fazê-los entender que Jesus realiza tudo o que esperavam de melhor e supera o que tinham de mais valiosos.

Eles valorizavam muito a Bíblia, a palavra de Deus que lhes chegou por meio dos profetas, que falaram aos seus antepassados em nome de Javé. Assim é que o escrito começa lembrando que Javé nos fala hoje, já não por meio de um intermediário, mas por seu próprio Filho. Esse Filho é também a Palavra, a fala, a sabedoria de Deus existente antes da criação do mundo e por meio de quem o próprio mundo foi criado.

Ele é a Palavra, a Fala, o Resplendor, a Revelação, a Comunicação de Deus. Essa sabedoria, esse projeto de amor é que sustenta o universo. Presente neste mundo, com sua morte de cruz ele desfez os laços do pecado, realizou de uma vez por todas a purificação que todos os anos os judeus celebravam no dia da expiação.

Agora, porém, ressuscitado, ele está reclinado à direita do Pai no banquete celeste, em lugar superior a todos os outros habitantes do céu. Esse Jesus morto e ressuscitado, que teve como berço um cocho e como leito de morte a cruz, fala-nos de Deus e da sua salvação. É nele que Deus se revela. Acima de todos os outros profetas, ele é a Fala definitiva do Pai. Não precisamos de outros profetas, basta Jesus para nos falar de Deus.

3. Evangelho (Jo 1,1-18)

O evangelista colocou na abertura do seu evangelho um hino da sua comunidade, que é, como nas grandes obras musicais, o que se chama de *ouverture*. Apenas dá as primeiras notas, passando brevemente por alguns dos motivos mais significativos da obra.

O hino já era estruturado de acordo com a retórica semita (o paralelismo quiástico ou cruzado), em que o primeiro tópico está em paralelo com o último, o segundo com o penúltimo e assim por diante. Podemos compará-lo a um sanduíche, aqui bem grande: nos dois extremos, duas fatias de pão, depois duas fatias de queijo, duas folhas de alface, duas fatias de tomate etc. e, no centro, a carne ou presunto, o que é mais suculento.

O evangelista apenas acrescentou ao hino duas referências a João Batista, que não era a luz, como poderiam pensar discípulos seus, mas, ao contrário, testemunhou que Jesus, que veio depois, é anterior a ele. No entanto, o evangelista fez isso respeitando a estrutura anterior do hino. Inseriu as duas observações sobre o Batista em dois pontos que se correspondiam, mantendo inalterado todo o restante do poema. Fez como se, no nosso grande sanduíche, colasse mais duas rodelas de ovo, uma de um lado e outra do outro. Basta observar que, retirando as duas referências ao Batista, a sequência das ideias corre melhor. Não é difícil notar neste esquema a estrutura do hino:

Na Criação

O VERBO

A - em Deus (vv. 1-2)

B - na Criação (v. 3)

C - luz para os homens (vv. 4-5)

D - o Batista (vv. 6-8)

E - vem ao mundo (vv. 9-11)

Na Nova Criação

O FILHO

A' - no Pai (v. 18)

B' - Na Graça (v. 17)

C' - plenitude para nós (v. 16)

D' - o Batista (v. 15)

E' - encarna-se (v. 14)

F - e deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus

O centro do hino, a carne ou o presunto do nosso sanduíche, é o tópico “deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus”. Esse é o ponto de chegada, a dignidade de filhos de Deus para os que creem em Jesus. Até aí, o Verbo, a Palavra, a Fala, a divina Sabedoria de Deus, antes do mundo, já estava voltada para Deus (A). Foi ela que criou o mundo e nada se fez sem ela (B). Era a luz e a vida para a humanidade (C), e essa luz vem ao mundo, que não a acolhe (E). Até então, o mundo, eles, a humanidade.

Depois o hino se volta para nós, que acolhemos o Verbo-Filho. O Verbo encarnado que veio participar do nosso êxodo – literalmente, “acampou entre nós” – é o Filho, cuja glória vimos, cheio de amor e fidelidade (E’). Recebemos da sua plenitude (C’) e ele nos faz cumprir a Lei de Deus, pois Moisés, que queria ver a face de Deus, mas não a viu, apenas trouxe a Lei. O Verbo é quem pratica, realiza, faz (o mesmo verbo utilizado para dizer que a Palavra criou o mundo) o amor e a fidelidade (B’). Se ninguém, nem Moisés, viu a Deus, foi o Filho que – agora reclinado à direita do Pai, voltado para o colo do Pai – nos explicou quem é Deus (A’).

III. DICAS PARA REFLEXÃO

O Menino nascido no estábulo é quem nos explica como é o Deus invisível. Ele é a fala de Deus. A fala eterna: anterior à criação e a fala que agora se manifesta. Ele nos fala ainda hoje, basta prestar atenção, estar alertas.

Ele é a fala e é o Filho. Se Deus havia falado por meio dos profetas, agora nos fala diretamente no Filho, que é a sua fala. Ele é o Filho que nos faz filhos, nascidos de Deus, livres de qualquer escravidão. Ele é o Filho que realiza o que a Lei manda, mas não faz. Ele é o Filho reclinado à direita do Pai que nos faz a exegese do Deus que ninguém jamais viu.

É preciso vencer a tentação de ver Deus no poder como os poderes podres deste mundo, de ver Deus nas grandezas monumentais de pés de barro deste mundo, de ver Deus nos espetáculos fúteis e enganadores deste mundo. É preciso aprender a ver Deus em Jesus. Só ele, nenhum imperador deste mundo, nos revela quem é Deus.

Que belos são os pés daquele que vem ligeiro trazendo a boa-nova! O que ele anuncia é que agora Deus reina. O reinado de Deus se manifesta quando os cativos deste mundo adquirem a liberdade, os desalojados voltam para casa, os expatriados voltam à sua cidade. A boa-nova, o evangelho, é que Deus liberta os cativos e repatria os exilados, deixa a todos livres e em casa.

SAGRADA FAMÍLIA (26 de dezembro)

A FAMÍLIA ONTEM E HOJE

I. INTRODUÇÃO GERAL

A família atual e a do passado, mesmo recente, têm algumas diferenças, não? Antes da expansão da televisão, do telefone celular e do consumo de drogas, o ambiente familiar era outra coisa. São mudanças que muitos de nós experimentamos.

E se pensarmos na época dos avós, dos bisavós ou bem antes ainda, quando não havia meios de comunicação a distância como rádio, televisão, telefone, não havia estradas nem transporte motorizado, a produção era apenas agrícola e artesanal, não havia indústrias nem forte comércio?

A grande maioria da população de então morava na zona rural, cada família no seu pedaço de terra, quase totalmente isolada. Ali a autoridade era dos mais velhos, os guardiões das tradições e dos costumes da família. Aos mais moços só competia respeitá-los e obedecer-lhes. O que acontecia fora não era conhecido ou não tinha importância: “Na nossa família, é assim e pronto!”

Algo de valor e importância era o número de filhos: quanto maior a família, mais ela se sentia valorizada. Se as bocas eram muitas, eram também muitos os braços, principalmente dos homens, para trabalhar. A mulher, como obtinha menor rendimento no trabalho braçal, não tinha sua importância suficientemente reconhecida.

A festa de hoje nos faz pensar nisso tudo. Embora a realidade tenha mudado muito, os valores de que a família de Jesus, Maria e José é exemplo permanecem para sempre.

II. COMENTÁRIOS DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Eccl 3,3-7.14-17a)

O texto supõe a família patriarcal, a tribo ou o clã onde os filhos casados viviam com os velhos pais. Ela é diferente da família nuclear de hoje (pai, mãe e filhos ou mesmo apenas mãe e filho ou pai e filho).

Os livros chamados sapienciais são coleções de normas do saber viver, são reflexões baseadas no bom senso ou senso comum, carregadas geralmente de forte sabor popular. Quem dá as instruções é um mestre da sabedoria chamado muitas vezes de pai, como ocorre na introdução dessas instruções sobre a vida em família.

O texto começa relembrando a autoridade do pai e da mãe, que não são exatamente os pais de uma família nuclear, porque logo após (v. 6) se supõe que aquele que “honra o próprio pai” também já tem filhos. Pai e mãe são os mais velhos do clã ou da tribo, são os chefes da grande família.

A segunda parte da leitura vai tratar exatamente desses mais velhos, quando o peso dos anos começa a provocar algum tipo de demência senil. Hoje os pais ou os avós moram sozinhos ou estão no asilo, enquanto naquela época estavam no meio da grande família e deviam ser os mais venerados e respeitados.

Mesmo assim, todos os conselhos e orientações dados para aquele tempo, nas devidas proporções, ainda servem para hoje.

2. II leitura (Cl 3,12-21)

Respondendo aos problemas das religiões cósmicas, segundo as quais os anjos que conduzem os astros é que governam o mundo, a epístola aos Colossenses afirma com clareza e insistência a supremacia de Cristo, existente antes de tudo e por quem tudo foi feito. Ele é que governa o mundo.

Agora, na parte parenética ou de conselhos e orientações diversas, o autor não perde de vista o que afirmou a respeito do Cristo como centro de tudo. Os conselhos que dá podem parecer muito semelhantes aos que qualquer filósofo estoico daria; o autor de Colossenses, porém, enfatiza sempre que tudo seja feito “em Cristo” ou “no Senhor”.

Depois dos conselhos gerais, cuja prática no seio das famílias é ainda hoje importantíssima, o autor parte da vocação cristã, insistindo na compaixão, compreensão, tolerância e misericórdia entre uns e outros e lembrando que isso se faça no seguimento de Cristo.

Em seguida, dá conselhos dirigidos a cada membro da família, para o bom relacionamento de uns com os outros. A epístola aos Efésios, que parece ser apenas uma ampliação desta, desenvolve a ideia da submissão das esposas, “como convém, no Senhor”, apresentando como modelo a submissão da Igreja a Cristo, seu esposo.

Como é a submissão das comunidades cristãs, dos grupos de reflexão, a Jesus Cristo? Dá-se na busca de entender e seguir cada dia melhor a sua palavra, no esforço para agradar ao Senhor em tudo. Assim deve ser a esposa com relação ao esposo, do mesmo modo que, não há dúvida, deve ser o esposo com relação à esposa.

Aos esposos, contra a tendência natural de uma sociedade machista, manda que sejam delicados com suas esposas. Aos filhos, recomenda obediência e aos pais, que não sejam ranzinhas com os filhos.

3. Evangelho (Mt 2,13-15.19-23)

O evangelho fala das dificuldades da família-modelo. Não importam aqui outros significados dessa fuga para o Egito; o significado que a liturgia dá à narrativa do Evangelho de Mateus é que se trata de uma família, um casal e um filho. É uma família pobre e perseguida, mas é família e é modelo.

O filho é o grande tesouro que essa família protege. Esse tesouro se parece com Moisés, que também escapou da matança das crianças e, mais tarde, teve também de fugir. No Evangelho de Mateus, Jesus é o novo Moisés, que dá a nova lei: a Lei de Moisés nos cinco livros do Pentateuco, as instruções de Jesus nos cinco discursos que se encontram no evangelho.

Jesus é o novo Jacó ou Israel, que “desceu ao Egito” com toda a sua família, ali se multiplicou e, saindo do Egito, foi se apossar da terra de Canaã. “Do Egito chamei o meu filho”, dizia o profeta Oseias, referindo-se ao êxodo dos hebreus. A palavra aplicada pelo evangelho a Jesus vai lembrar que ele será o fundador do novo Israel. Aqui, agora, “meu Filho” significa bem mais do que lembrar que Deus é o pai do povo de Israel.

Quando a família volta para Nazaré, o evangelista cita como passagem bíblica a frase “ele será chamado nazareno”. Os especialistas não encontram essa frase tal e qual no Primeiro Testamento. Seria uma adaptação da frase encontrada no anúncio do nascimento de Sansão: “Ele será chamado nazir”? *Nazir* era o consagrado a Deus que nunca tomaria bebida alcoólica nem cortaria o cabelo. Seria uma adaptação da palavra *nezer*, que significa rebento e, com base em Is 11,1, era vista como um título do Messias?

O que mais importa da leitura deste evangelho na festa de hoje é que Jesus teve uma família, uma família pobre e perseguida por causa da ameaça que o Menino representava para os poderosos do mundo. Nas situações mais adversas, essa família é modelo para todas as famílias de hoje.

III. DICAS PARA REFLEXÃO

Em nossos ambientes atuais, muitos encontrariam dificuldade em chamar de família um casal de migrantes sem casa e sem trabalho, que chega trazendo um bebê recém-nascido. E não é essa a Sagrada Família apresentada hoje como modelo para todas as nossas famílias?

Se, no passado, família significava uma tribo ou clã unido pela autoridade dos mais velhos, todos morando juntos, hoje só moram sob o mesmo teto, quando muito, pai, mãe e filhos. Os tios moram longe, os avós estão no asilo, e mesmo os que moram sob o mesmo teto raramente estão todos juntos.

Na família atual ainda há alguma comunhão de bens, há solidariedade, há partilha, o que contrasta fortemente com o individualismo próprio do capitalismo e da sociedade de consumo vigentes. Esses valores, que ainda se podem ver nas famílias, devem ser preservados e exaltados, por sua força de transformação, por sua capacidade de mostrar a viabilidade de outro sistema de organização social.

Hoje a família se sente esfacelada pelas condições de trabalho, quando cada um é forçado a sair de casa num horário; pela influência dos meios de comunicação, janela aberta para coisas boas, mas principalmente para muito do que há de perverso no mundo; pela agitação das diversões, quando não pelas drogas e pela violência. Aí enorme tarefa nos aguarda.

A eucaristia começou numa refeição familiar. A ceia da Páscoa se fazia por família, um grupo suficiente apenas para comer a carne de um cordeiro de um ano. A memória da libertação do Egito era feita com a participação do filho mais novo e do pai.

Jesus é o cordeiro sacrificado. Sua morte nos liberta da cobiça. A partilha do pão e do vinho pretende fazer da humanidade uma só família em torno da mesma mesa.

Notas:

1. Lv 19,14: não falar mal do surdo nem pôr tropeço no caminho do cego, mas temer a Deus. Lv 19,32: respeitar os idosos, ter o temor de Deus. Lc 18: o juiz que não atende aos reclamos da viúva porque não tem temor de Deus.
2. O termo grego usado significa raptar, tomar com violência.